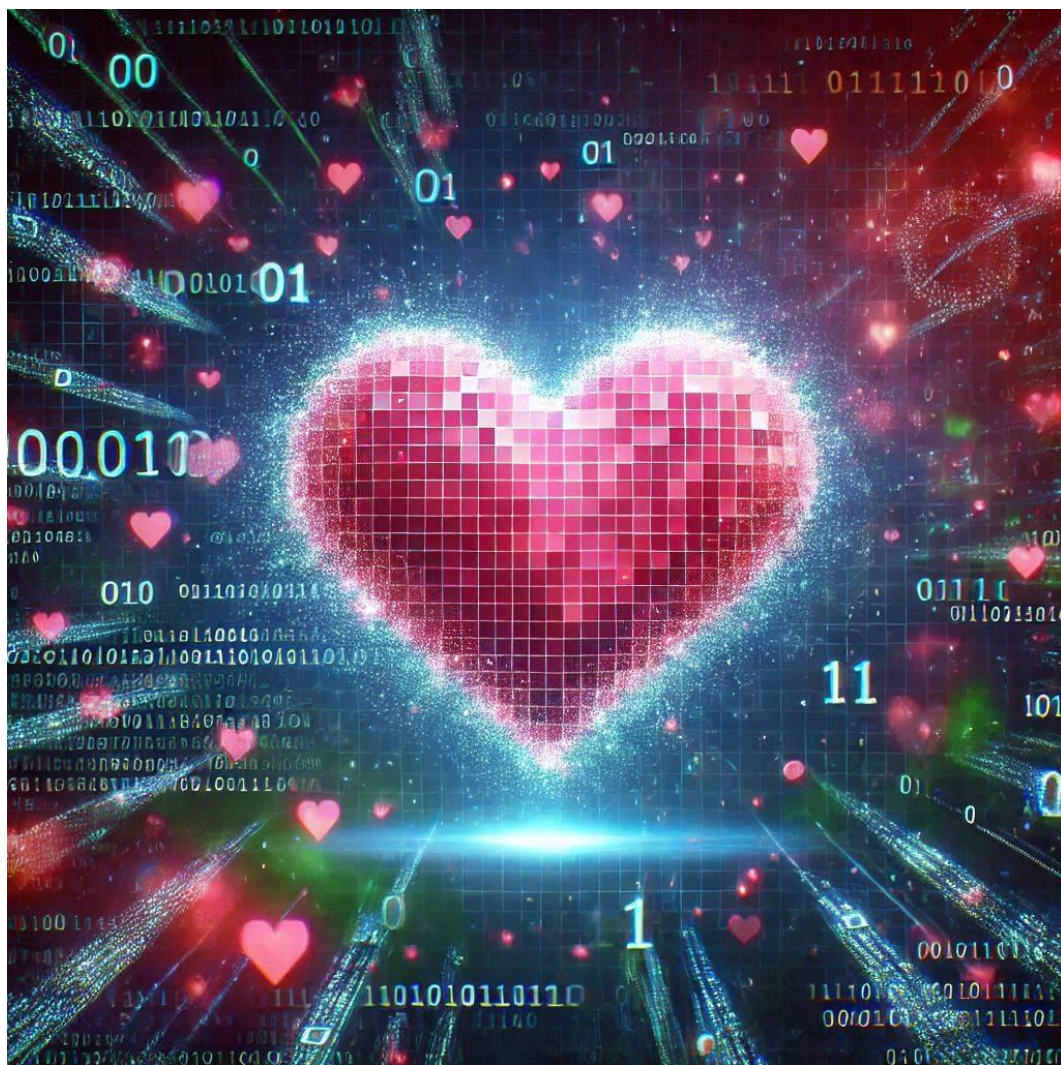


CLAUDIONOR RENATO DA SILVA



DIGISSEXUALIDADES NA EDUCAÇÃO SEXUAL: IA, ROBÓTICA, CT&I

Imagem da capa do livro criada por IA no Bing em 09/12/2024



SILVA, C.R. **Digissexualidades na educação sexual: IA, robótica, CT&i.** (Livro eletrônico). Jataí, Goiás: Faculdade de Educação, Universidade Federal de Jataí, 2024. 165p. ISBN 978-65-01-26476-9. DOI <https://doi.org/10.29327/5460144>

Um *e-book* elaborado a partir do relatório final de estágio pós-doutoral, realizado entre setembro de 2021 a agosto de 2022, no Programa de Pós-Graduação em Educação do Câmpus Pantanal na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (PPGE/CPAN-UFMS) com o Projeto de Pesquisa intitulado “Currículo e teorização em educação sexual a partir das sexualidades em CT&I: cultura “digissexual” e seus produtos/mercados tecnológico-sexuais” com a supervisão da Prof.^a Dr.^a Josiane Peres Gonçalves.

Jataí – Goiás
2024

Dedico ao meu querido pai! (Em memória)

SUMÁRIO

Seq.	Título	Página
1	RESUMO DO PROJETO APROVADO E PARECER DO PPGE/CPAN-UFMS	7
2	DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES REALIZADAS: SETEMBRO/2021 A AGOSTO DE 2022	10
2.1	Gestão do Projeto e das Atividades Realizadas	10
2.1.1	Cronograma	10
2.1.2	Atividades desenvolvidas	11
2.1.3	Próximos passos – março a setembro de 2022	13
3	MACRO SEÇÕES – A INVESTIGAÇÃO E OS SEUS RESULTADOS	14
3.1	Macro seção I – Parecer temático encomendado	15
3.2	Macro seção II – Relato do minicurso	34
3.3	Macro seção III – Marco teórico das digissexualidades	47
3.4	Macro seção IV – Teorização pela <i>Grounded Theory</i>	102
4	ALGUMAS CONCLUSÕES FINAIS DA PESQUISA REALIZADA NO ESTÁGIO PÓS-DOCTORAL	143
5	APÊNDICES	146
5.1	APÊNDICE A – Plano de Trabalho do Projeto de Pesquisa pós-doutoral	146
5.2	APÊNDICE B – Projeto de Pesquisa Pós-doutoral	151
5.3	APÊNDICE C – Palavras-chave dos estudos digissexuais elencados na investigação	158
5.4	APÊNDICE D – Vocabulário das digissexualidades	161
5.5	APÊNDICE E - Seleção de Conceitos, definições, categorias e metodologias de pesquisa a serem aprofundados ou construídos/criados para os estudos teóricos das digissexualidades	163

1

RESUMO DO PROJETO APROVADO E PARECER DO PPGE/CPAN-UFMS

O projeto “currículo e teorização em educação sexual a partir das sexualidades em CT&I: cultura “digissexual” e seus produtos/mercados tecnológico-sexuais” tem como proposta geral apresentar e discutir as digissexualidades no campo da educação sexual no Brasil.

Com o cronograma de 12 (doze) meses estava previsto seis atividades/ações gerais:

1. Aplicação das metodologias do Marco Teórico (para a dimensão do currículo) e da *Grounded Theory* (para a dimensão da teorização) na construção da pesquisa, junto à escrita do Relatório Final, ao longo das atividades de pós-doutorado, incluindo o Relatório Parcial (item 3 do Plano de Trabalho).
2. Participar de atividades sugeridas no planejamento pela supervisora Prof.^a Dr.^a Josiane Peres Gonçalves: orientação ou coorientação de iniciação científica ou Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) na graduação (ensino, pesquisa e extensão); atividades na pós-graduação na UFMS (ensino, pesquisa); parceria em suas pesquisas e atividades de extensão na UFMS; avaliador na Revista Perspectivas em Diálogo (ISSN 2358-1840).
3. Organização e apresentação de Relatório Parcial na metade do cronograma de 12 meses.
4. Organização de um minicurso “Educação Sexual: epistemologias e CT&i nas digissexualidades (Partes I e II) – Apêndice A do Plano de Trabalho.
5. Participação em Eventos da UFMS e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMS, Câmpus Pantanal.
6. Encaminhamento de publicação de um Artigo para Periódicos Qualis A ou B1, resultante do Relatório Final de Estágio Pós-Doutoral (RFEPD) no primeiro semestre seguinte à finalização do cronograma do Plano de Trabalho.

A FIGURA 1, apresenta o Parecer do Projeto, emitido pelo PPGE-CPan

FIGURA 1 – Dados do Projeto de Pesquisa no SIGPROJ da UFMS e Parecer de 09/08/2021.

The screenshot shows the SIGPROJ web interface. On the left is a dark blue sidebar with navigation links: 'Painel', 'Editais', 'Minhas Propostas', and 'Notificações'. The main content area is titled 'Prevista:' and contains a table with project details. Below this, there are tabs for 'PROPOSTA', 'PARECERES / AD HOC' (which is selected), and 'ANEXOS DA GESTÃO'. Under the 'PARECERES' tab, there is a table with one row of data and a 'Comentário' section below it.

Campo	Valor
Nome	EDITAL PROPP/PROGEP/UFMS Nº 41/2021
Descrição	SELEÇÃO DE CANDIDATOS PARA ESTÁGIO DE PÓS-DOUTORADO VOLUNTÁRIO NOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO DA UFMS – FLUXO CONTÍNUO
Programa	PÓS-GRADUAÇÃO
Data de Abertura	10/06/2021 00:00
Data de Encerramento	30/12/2021 23:59

Comissão	Data do parecer	Parecer
Colegiado CPAN - Mestrado em Educação	09/08/2021 09:47	Aprovado

Comentário
 O projeto é pertinente, está relacionado à linha de pesquisa 3 "Gênero e sexualidades, cultura e saúde", possui interesse da professora Josiane Peres em supervisioná-lo, se articula à missão e objetivos do Programa. O requerente apresenta as credenciais necessárias para pleitear a vaga e apresenta toda a documentação exigida no EDITAL PROPP/PROGEP/UFMS Nº 41, DE 25 DE MAIO DE 2021

Fonte: <https://sigproj.ufms.br/submissoes/visualizar/3722128>

Para melhor visualização da leitura do Parecer, segue a transcrição do campo “Comentários”:

O projeto é pertinente, está relacionado à linha de pesquisa 3 "Gênero e sexualidades, cultura e saúde", possui interesse da professora Josiane Peres em supervisioná-lo, se articula à missão e objetivos do Programa. O requerente apresenta as credenciais necessárias para pleitear a vaga e apresenta toda a documentação exigida no EDITAL PROPP/PROGEP/UFMS Nº 41, DE 25 DE MAIO DE 2021.

O detalhamento do projeto encontra-se no Apêndice A.

As digissexualidades nesse estudo se iniciam com um artigo publicado em 2020 (SILVA, 2020) quando se apresenta as sexualidades digitais, ou, as sexualidades vivenciadas por meio das mídias ou instrumentos computacionais, que vão desde um site pornográfico ou não até robôs sexuais, segundo os estudos de McArthur; Twist (2017).

Desta publicação inicial veio a obra Educação Sexual I (SILVA, 2020) em que são aprofundados os aspectos das digissexualidades, mas sob um enfoque outro: criar o conceito de Educação Sexual Científica e desenvolver o debate da CT&i nos aspectos voltados à digissexualidades.

Destas três obras é gerado esse projeto de pós-doutorado visando aprofundar a temática das digissexualidades para o currículo da Educação Sexual.

A seguir é apresentado o resultado dos primeiros seis meses deste trabalho de pesquisa que acontece num contexto de pandemia e com atividades *online* e de pesquisa bibliográfico-documental.

2

DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES REALIZADAS

Desde setembro de 2021 quando se iniciou o projeto, a maior parte do tempo de estudos foi com a produção de capítulos de livros e um artigo, seguido, ao mesmo tempo, de elaboração de comunicações orais para eventos e palestras, incluindo a tradução de um artigo importante para o produto deste projeto que é o artigo “*The rise of digisexuality: therapeutic challenges and possibilities*” (McArthur; Twuist, 2017), também utilizado como texto-base para o minicurso aplicado na segunda fase do cronograma do projeto.

2.1 Gestão do Projeto e das Atividades Realizadas

2.1.1 Cronograma

Do cronograma inicial (QUADRO 1) proposto em agosto no SIGPROJ UFMS se irá adiantar a proposta do curso de curta duração (Parte I), em Digissexualidade, que estava previsto para janeiro de 2022 (Curso online: “Educação Sexual: epistemologias e CT&i nas digissexualidades (Partes I e II, respectivamente, em novembro e dezembro)” – Apêndice A do Plano de Trabalho do Projeto de pós-doutorado, para dezembro de 2022. Tal alteração se fez no mês de setembro/outubro, devido a uma demanda de um capítulo de livro, em parceria com a supervisora, Dr.^a Josiane P. Gonçalves e um evento para comunicação oral, em dezembro, também em 2021, que gerou um capítulo de livro para publicação em 2022; a alteração dos planos se deu também pela urgência da tradução do texto de McArthur; Twist, 2017) que será detalhado a seguir.

QUADRO 1 – Cronograma inicial do Projeto de Pesquisa indexado no SIGPROJ/UFMS

Set.	Levantamento Bibliográfico para Marco Teórico (Sampieri, Collado e Lúcio, 2006).
Out.	Orientações. Levantamento Bibliográfico para Marco Teórico (Sampieri, Collado e Lúcio, 2006).
Nov.	Aplicações da teorização com base em Charmaz (2009), Tarozzi (2011) e Silva (2020).
Dez.	Aplicações da teorização com base em Charmaz (2009), Tarozzi (2011) e Silva (2020).

Fonte: elaborado pelo autor.

O Cronograma para o semestre do ano de 2021 está atualizado no QUADRO 2.

QUADRO 2 – Cronograma atualizado do Projeto de Pesquisa: outubro/2022.

Set.	Levantamento Bibliográfico para Marco Teórico (Sampieri, Collado e Lúcio, 2006). Reformulação da Problemática e dos Objetivos. Escrita memorial sobre como cheguei ao tema das digissexualidades. Escrita de um capítulo de livro com a supervisora. Tradução do artigo: Neil McArthur&Markie L. C. Twist (2017): The rise of digisexuality: therapeutic challenges and possibilities, Sexual and RelationshipTherapy , DOI: 10.1080/14681994.2017.1397950
Out.	Orientações com Supervisora; Tradução do artigo: Neil McArthur&Markie L. C. Twist (2017): The rise of digisexuality: therapeutic challenges and possibilities, Sexual and RelationshipTherapy , DOI: 10.1080/14681994.2017.1397950 Organização e divulgação do Curso “Educação Sexual: epistemologias e CT&i nas digissexualidades (Partes I) para ser realizado em novembro, na primeira semana, dia 04 de novembro.
Nov.	Tradução do artigo: Neil McArthur&Markie L. C. Twist (2017): The rise of digisexuality: therapeutic challenges and possibilities, Sexual and RelationshipTherapy , DOI: 10.1080/14681994.2017.1397950 Aplicações da teorização com base em Charmaz (2009), Tarozi (2011) e Silva (2020). Aplicação da Parte I do curso “Educação Sexual: epistemologias e CT&i nas digissexualidades (Partes I) - dia 04 de novembro (carga horária: 4h).
Dez.	Aplicações do Marco Teórico e da teorização com base em Charmaz (2009), Tarozi (2011) e Silva (2020).

Fonte: elaborado pelo autor.

2.1.2 Atividades desenvolvidas

Dentro desse novo cronograma (QUADRO 2) foram elaborados os seguintes trabalhos:

- Levantamento Bibliográfico para Marco Teórico (Sampieri, Collado e Lúcio, 2006);
- Reformulação da Problemática e dos Objetivos – serão apresentados no Relatório Final;
- Tradução de artigo: Neil McArthur&Markie L. C. Twist (2017): The rise of digisexuality: therapeutic challenges and possibilities, **Sexual and RelationshipTherapy**, DOI: 10.1080/14681994.2017.1397950;
- Orientações com a supervisora e participação em grupo de pesquisa¹;
- Capítulo de livro (ebook) escrito com Dr.^a Joseane Peres, em fase de revisão e futura publicação pela UFMS (2022);
- Tradução (em revisão final) do artigo de Neil Mcarthur e Markie Twuist de 2017 (realizado em 2021, entre os meses de setembro a outubro e publicado em novembro no researchgate);

¹ Em 2021, às terças-feiras no final da tarde; em 2022, às quartas-feiras, no mesmo horário, seguindo o fuso de Mato Grosso do Sul.

- Comunicação oral no Jopeqal em dezembro de 2021, entre os dias 1 e 2, sob o título: “quatro perspectivas das digissexualidades sob o âmbito da pesquisa em educação sexual”. gerou um capítulo de ebook (2022) e a solicitação de um parecer do Prof. Neil Franco (UFJF) para depois de junho de 2022;
- Palestra no Gepesec (Unesp-Bauru) gerando o capítulo de e-book: “digissexualidades: definição classificação e pesquisa em educação sexual” a ser publicado em 2022;
- Artigo enviado (segundo envio depois de uma reprovação pela revista educação & formação) para Revista Cadernos de Educação, Tecnologia e Sociedade, “Falando de digissexualidades na educação sexual e seu ensino”, em fevereiro de 2022;
- Parecer na Revista Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade.
- Preparação e envio, em abril, do Relatório Parcial enviado ao PPGE/UFMS/CPAN.
- Tratamento analítico e elaboração das macro seções do Marco Teórico e Teorização, seguindo a metodologia Grounded Theory. Ação que se estendeu desde março até julho e parte do início de agosto de 2022.
- Desenvolvimento do minicurso digissexualidades, nos meses de abril e maio de 2022 e, em agosto, envio de uma comunicação oral para a Jopeqal 2022.
- Elaboração do Relatório Técnico final.

2.1.3 Próximos passos – março a setembro de 2022

A partir de março de 2022, a proposta de trabalho está restrita nas seguintes ações:

- Entrega Relatório Parcial;
- Reoferta do curso sobre digissexualidades - Minicurso, partes I e II;
- Pré-Análise dos dados de diagnóstico do Minicurso;
- Escrita de um breve memorial sobre o contato pessoal com o tema da pesquisa e a transformação num projeto de estágio de pós-doutorado;
- Marco Teórico (dados já levantados e alguns dados estão no artigo enviado – “Falando de digissexualidades na Educação Sexual e seu ensino”, em 2022;
- Teorização pela Grounded Theory (GT), utilizando-se do Marco Teórico coletado no segundo semestre de 2021;
- Entrega do Relatório Final de estágio de pós-doutorado em setembro de 2022;
- Expectativa da avaliação positiva de aceite do artigo enviado para a Revista Cadernos de Educação, Tecnologia e Sociedade.

Seguir com as participações no grupo de pesquisa da supervisora de pós-doutorado e realizar mais um Parecer de artigo, já solicitado na Diálogos.

3

MACRO SEÇÕES: A INVESTIGAÇÃO E OS SEUS RESULTADOS

Denomino de macro seções aquelas ações que constituíram o âmago da pesquisa de estágio pós doutoral, especificamente, o minicurso, ofertado em abril e maio de 2022, e, em particular, o Marco Teórico e a Teorização pela metodologia Grounded Theory (GT). São esses temas que irão dar base às considerações finais do estudo desenvolvido aqui na UFMT, em que apresento, também, o Parecer de um capítulo de livro, de 2021, em que crio quatro perspectivas para os estudos das digissexualidades. Sobretudo, nesse Parecer, encontra-se os caminhos de continuidades dos estudos e uma descoberta de que, sem um referencial bem construído e a longo prazos de publicações há muita dificuldade de entendimento do tema das digissexualidades, o que, sem dúvida, tem sido e será um esforço de pesquisa do pesquisador ao final desse estágio.

3.1

MACRO SEÇÃO I

Parecer temático encomendado

Esse capítulo de livro é resultante de uma apresentação de uma comunicação oral, em dezembro de 2021, no Jopeqal, na oportunidade eu elaborei quatro perspectivas para os estudos digissexuais, antes do marco teórico e antes da teorização, apresentadas a seguir. As quatro perspectivas continuam sendo válidas, mesmo depois dessas construções analíticas, pois, apresenta um programa de estudos para o Brasil, na proposta de pesquisas empíricas e novos modelos teóricos para entender e explicar as digissexualidades.

Portanto, apresento o texto e na sequência o Parecer do Prof. Neil Franco, da UFJF.

DIGISSEXUALIDADES: PERSPECTIVAS E CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO SEXUAL

Claudionor Renato da Silva²

Resumo

O presente estudo procura responder à questão: que perspectivas as digissexualidades apresentam à educação sexual? O objetivo é apresentar a temática das digissexualidades como uma identidade sexual emergente que possui como base, construtos da ciência, tecnologia e inovação (CT&I). De metodologia bibliográfica, se responde à questão da pesquisa com quatro perspectivas das digissexualidades para os estudos da educação sexual, sendo as duas primeiras, de frente teórica e as outras duas, de natureza metodológica. Conclui-se o estudo no apontamento de que estas quatro perspectivas das digissexualidades, proporcionam aos estudos da educação sexual no Brasil uma amplitude conceitual e metodológica inovadora, já que para essas pesquisas se tornam necessárias novas formas de pesquisar que pensem a humanidade e as máquinas, as máquinas e a humanidade, o presente e o futuro das digissexualidades.

Palavras-chave: Digissexualidades. Pesquisa. Educação sexual.

Introdução

Digissexualidades são sexualidades vividas por meio das tecnologias “digitais”. Se expressam em dois “entes” diferentes: um, por meio da tela do computador ou um holograma, outro, através de um robô, um robô sexual. Esses dois entes, já representam numa breve história das digissexualidades, como experiências em sexualidades emergentes, de Primeira e de Segunda Ondas, segundo McArthur; Twist (2017).

Primeira Onda e Segunda Onda foram períodos, considerados pelos autores McArthur; Twist (2017), como propulsores de duas preocupações no meio acadêmico e profissional (psicológico-terapêutico), a saber: a preocupação com uma nova identidade sexual emergente e radical e a consideração da variável da saúde mental e sexual dos sujeitos que, pela prática digissexual, começaram a apresentar problemas relacionais e de saúde, envolvendo a sexualidade. (MCARTHUR. TWIST, 2017; HERTLEIN; BLUMER, 2013).

O interessante desse breve histórico é que, já faz algum tempo que a ficção literária e cinematográfica científicas, exploram, não só a vida sexual pelas telas do computador e do celular, como também a possibilidade real de um robô sexual, assumir vida humana e substituir um humano numa relação afetivo-sexual, seja hetero ou homo ou bissexual. *Fransktein* e os *Transformes*, no cinema, são um exemplo de “revolta” dos não-humanos contra os humanos, numa relação

² Núcleo de Estudos, Pesquisa e Formação em Educação Sexual (NuEPFES), rclaudionor@ufj.edu.br, orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1693-4804>, Doutor em Educação Escolar, na especialidade “Sexualidade, Cultura e Educação”, pela UNESP/FCLar. Pedagogo e licenciado em Matemática. Docente e pesquisador na UFJ, curso de Pedagogia e Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE/UFJ).

antigamente “boa”, rompida pela “vontade” de um não-humano, sentir, querer se tornar autônomo, respeitado, digno, único.

Mas, a literatura de ficção que chega ao cinema não pode ser comparada com a emergente e radical vivência digital e robótica, pois, na verdade, elas traduzem um novo prazer, uma nova relação saudável em sexualidade; privativa, íntima, “programada”, vivida no interior de suas casas, apartamentos, quartos, escritórios, etc. Não se trata de um “monstro” mal, criado pela ciência, mas de outro “monstro”, o “monstro” de Rubem Alves (Alves, 1981), aquele “monstro” que conhecemos e consideramos (como) “ciência”, o que vale, diretamente, para as digissexualidades ou as sexualidades vividas por tecnologias.

Como extensão do humano e do real, seguindo as proposições de Alves (1981) a vida sexual digital impactada pelos computadores e pela robótica, materializa, na digissexualidade (McArthur; Twist, 2017), como já se afirmou, a emergência de uma nova identidade sexual, a identidade digissexual. Uma nova realidade que impulsiona pesquisadores(as) do mundo inteiro a tornarem efetivas pesquisas de cunho teórico e metodológico, em educação sexual, com problemáticas como a que está presente nesse trabalho: que perspectivas as digissexualidades apresentam à educação sexual como proposta de currículo e de pesquisa?

Objetiva-se de modo amplo, apresentar o que é a digissexualidade, especificamente, apresenta-se para a educação sexual, alguns desafios de currículo e de pesquisa, tal como os *modus* de tratamento das digissexualidades, ao redor do mundo. Outra frente específica dos objetivos é a consideração de que se está a tratar de fenômenos de cultura, pois, as máquinas, passam, historicamente, cada vez mais, a incorporar a vida no mundo, como bem nos aponta Morin (2005).

A justificativa para a busca das perspectivas possíveis das digissexualidades encontra eco, exatamente, na história humana. O homem fábrica (*faber*) de Morin (2005), já destacado, que desde muito cedo, entendeu, que sem os recursos ideais, certos, bem trabalhados, bem planejados e executados, não seria possível a sobrevivência na terra. Isso poderia ser muito óbvio, como demonstra Morin, mas não o é, por isso, sua provocação em aproximar ou nos fazer enxergar que a ciência técnica precisa incorporar a ciência humanística e vice-versa; isso não é um trabalho em vão.

Deleuze; Gattari (1972) também fazem interpelações filosóficas (e psicanalíticas), sobre essa relação homem-máquina e recorrem à história para nos deixar, como se espera, à vontade ou nem tão à vontade, assim, para falar de digissexualidades, na contemporaneidade.

Aquela época de Deleuze e Gattari, a época da contracultura, remonta também a radicalidade das digissexualidades, em tempos atuais. A máxima de Deleuze e Gattari continua atual: “somos máquinas, e máquinas, há, por todo o lado”- uma paráfrase.

As máquinas se tornaram o desejo (sexual) que faltava ou ainda falta ao ser humano. E até por isso são e estão tão comuns, tal “relação” de falta: a falta de um desejo, por outrem que não existe, na mesma proporção; proporção essa, que a máquina ocupa o lugar (o desejo), o lugar do humano e seu prazer.

Há muito que se explorar para os estudos digissexuais a partir dessas breves ponderações e indicações de literatura e, essa é a proposta desse texto, em pelo menos, iniciar os debates e reflexões sobre o assunto na área da educação sexual, na relação máquina (tecnologia) e a sexualidade humana.

A seguir, se apresenta uma seção sobre a metodologia e, na sequência, a análise e discussão dos dados do Marco Teórico: quatro perspectivas pelas quais as digissexualidades “provocam” a pesquisa em educação sexual, no sentido da formulação de um currículo escolar e não escolar ou um ensino de digissexualidades para a educação sexual; as quatro perspectivas são os “achados” do Marco Teórico desenvolvido. Nesse processo, uma relação direta se verifica entre a sexualidade humana, as tecnologias e a educação.

Metodologia

A pesquisa bibliográfica, segundo Sampieri; Collado e Lúcio (2006) é mais que simples elencamento de pesquisas e, muitas vezes, nem precisa passar por esse elencamento, do ponto de vista quantitativo; se for possível, basta uma construção ensaístico-teórica com base na problemática, de forma direta, simples e que abarque um quantitativo de referências que permitam esse texto teórico ser consistente, com rigor científico adequado e de alto nível, sejam em artigos, livros e capítulos de livros.

É nessa linha de pensamento e maturação em pesquisa que o presente estudo foi desenvolvido, dentro de um tema pouco estudado e pesquisado no Brasil, mas de grande repercussão nos últimos anos, com o advento dos *sexbots* ou robôs sexuais, como apresentado por McArthur; Twist (2017) e Danaher; McArthur (2017).

Outros autores(as) também vêm falando das digissexualidades como Gersen (2019), Woodward (2020); Zhang (2021), Aoki; Kimura (2021), todos(as) em língua inglesa que discutem as digissexualidades do ponto de vista da cultura. Em português, temos o trabalho de Santos; Baia (2021). Nesse trabalho, em especial, Santos; Baia (2021), trabalham o objetivo de compreender as digissexualidades e não combatê-la ou negá-la. Porém, no texto, não há uma preocupação com a definição e conceituação das digissexualidades. Algo muito necessário para o tema, na atualidade, nos estudos brasileiros.

Os procedimentos da pesquisa foram, inicialmente, o uso e busca sob o descritor “*digisexuality*” no Google Acadêmico, tendo como parâmetro de escolha dos textos, a orientação da problemática e dos objetivos da pesquisa, como sugerem Sampieri; Collado e Lúcio (2006).

Depois de organizado e lido um grupo considerável de artigos, livros e capítulos de livros, que exigiram, um trabalho de tradução preliminar foi possível perceber e “enquadrar” os referenciais, encontrar algumas perspectivas que se abriam, a cada leitura e, que, acabaram por se tornar as quatro perspectivas dessa pesquisa. Assim, pelo produto bibliográfico, se dá forma, ao que Sampieri; Collado e Lúcio (2006) chamam de Marco Teórico, ou seja, uma construção textual ensaístico-teórica sobre um tema, no caso, o tema das digissexualidades.

Análise e discussões – as quatro perspectivas

O quadro a seguir, sintetiza as quatro perspectivas que respondem à problemática e aos objetivos da presente pesquisa e constituem-se na análise e discussões. Trata-se de um desafio para os estudos em educação sexual no Brasil, o de pensar as digissexualidades, para o currículo e para a pesquisa. Apresenta-se, na sequência, o Quadro 1.

Quadro 1 – Quadro síntese das quatro perspectivas

Perspectivas	Título	Explicação breve	Frentes
1	Teoria digissexual	A partir do demarcador de McArthur; Twist (2017) sobre as “Ondas” das digissexualidades e o tratamento terapêutico em problemas com as digissexualidades – propostas de Educação Sexual.	Teóricas
2	Da epistemologia da ciência para a CT&i	Organizar às digissexualidades um arcabouço teórico mais sólido e complexo para os estudos brasileiros.	
3	Etnometodologia digissexual	Construção de uma proposta de programa de pesquisa, código de ética, etc., que responda a relação homens/máquinas, presente nas digissexualidades de Primeira e de Segunda Ondas.	Metodológicas
4	Pesquisas empíricas nacionais	Como ponto de partida, por exemplo, nos estudos na área da Educação Sexual sobre os <i>sex shops</i> , pornografia e erotismo (arte, literatura, mercados, etc.).	

Fonte: elaborado na pesquisa.

A perspectiva 1 pode se denominar “teoria digissexual”. Essa frente teórica está voltada, em hipótese, a desenvolver de forma mais aprofundada, a partir da obra de Neil McArthur e Markie Twist (McArthur; Twist, 2017), primeiro: o significado de “digital”, nos estudos das sexualidades, as sexualidades por meio das tecnologias e, em segundo lugar, desenvolver a prática clínica das digissexualidades “problemáticas” – consideração dos autores - seja preventiva ou de tratamento, como forma de uma educação sexual.

O início das discussões teóricas para as digissexualidades se iniciam com o entendimento do que é digital (prefixo “digi”). Digital implica na linguagem computacional de programação, o transformar os “dígitos” 0 e 1 em textos, imagens, sons, sensações e, num estágio mais avançado, hologramas e robôs, no caso, robôs sexuais, nas digissexualidades.

Iniciar uma teoria para as digissexualidades, fazendo avançar a conceituação básica de McArthur; Twuist (2017) para o entendimento do que é e como se constrói o conceito de cultura digital; uma cultura que está “à vontade” com as tecnologias, conforme definição de Kenski (2018):

O termo Digital, integrado à Cultura, define este momento particular da humanidade em que o uso de meios digitais de informação e comunicação se expandiram, a partir do século passado, e permeiam, na atualidade, processos e procedimentos amplos, em todos os setores da sociedade. Cultura Digital é um termo novo, atual, emergente e temporal. A expressão integra perspectivas diversas vinculadas à incorporação, inovações e avanços nos conhecimentos proporcionados pelo uso das tecnologias digitais e as conexões em rede para a realização de novos tipos de interação, comunicação, compartilhamento e ação na sociedade. (KENKI, 2018, s/p).

Acredita-se que são esses setores sociais que deram força e efetividade para essa relação das novas tecnologias com as experiências e vivências sexuais. O que nos leva a considerar as contribuições da sociologia ou sociologia digital.

Miskolci (2017) fala de “desejos digitais”. Sem dúvida, a sociologia digital (Lupton, 2015) é um ótimo caminho para a teoria das digissexualidades. A sociologia está, hoje, muito atenta ao movimento da cultura digital.

Para Witte (2012),

[...] as tecnologias de informação e comunicação baseadas na Internet transformaram a sociedade, elas transformaram, também, a disciplina da sociologia. De forma mais geral, estas tecnologias alteraram a forma como cientistas e acadêmicos de todas as áreas buscam e referenciam informação relevante, inclusive a literatura acadêmica. Além disso, abordagens específicas à pesquisa sociológica também se transformaram. (WITTE, 2012, p. 83)

As mudanças foram inevitáveis, na sociedade, com a difusão da CT&i; alterou a sexualidade e, não se trata mais de ser evitável, é um caminho sem volta. Cada vez mais, as tecnologias digitais sexuais se tornarão presentes e mais comuns do que se possa imaginar.

À Educação Sexual, em específico, seguindo as ideias de McArthur; Twist (2017) se faz o seguinte apontamento: as digissexualidades são uma nova identidade sexual, que se denomina como “radical”.

Para entender a categoria “radical” para as digissexualidades, recorre-se a Califa (1994). Com Pat Califa, pode-se traduzir a “educação sexual radical” como aquela que “transgride”, pensa diferente ou não se encaixa, na “legalidade”, seja oficial ou de senso comum. Ser radical para Califa, por exemplo, é não acreditar, que só existem dois gêneros: homem e mulher. E, não apenas, não acreditar, mas, desconstruir.

As sexualidades radicais podem ser compreendidas também no “Manifesto Contra-sexual” de Beatriz Preciado (Preciado, 2014). Preciado (2014) utiliza o termo “subversão”. A ideia de “identidade sexual radical” pode ser entendida em Preciado (2014), então, no questionamento, do que o autor (Paul Preciado) chama de regime heterocentrado.

Um segundo tópico desafiador na teoria digissexual, em primeira perspectiva é a prática clínica em tratamentos digissexuais como práticas em educação sexual (HENTLEIN; BLUMER, 2013).

Estudos como os de Barak et al. (1999), Cooper et al. (2001) e Cooper et al. (2003) reforçam essa temática ou variável “educação sexual” sobre e para as digissexualidades no aspecto clínico, ou seja, quando a saúde mental e sexual ultrapassam o prazer e o equilíbrio emocional, constituindo-se como “problemas digissexuais” – terminologia utilizada por (McArthur; Twist, 2017). Nesses

estudos, há uma proposta de se trabalhar o aspecto educacional (sexual ou digissexual) prevenindo tais problemáticas. Hentlein; Blumer (2013) é um dos referenciais mais importantes e mais utilizados nos estudos digissexuais, que aproximam as digissexualidades da educação sexual, tanto no aspecto educativo preventivo, quanto no aspecto terapêutico familiar. Esse aspecto da educação sexual nas digissexualidades encontra perfeita conexão com a proposta de educação sexual e formação de educadores sexuais, preconizada por Figueiró (2006). Para essa autora, a educação sexual, visa, dentre outras coisas, “[...] contribuir para que o educando possa viver bem a sua sexualidade, de forma saudável e feliz [...] esteja apto a participar da transformação social, em todas as questões ligadas direta ou indiretamente à sexualidade [...]. (FIGUEIRÓ, 2006, p. 17)”.

Vivenciar as digissexualidades de forma saudável é uma das finalidades da educação sexual e que fazem parte das propostas de currículo, trazendo a CT&i para o interior desse novo debate, qual seja, as vivências sexuais por meio das tecnologias.

Ambas as considerações do texto de (McArthur; Twist, 2017), primeiro, o significado de “digital” e, em segundo lugar, a prática clínica das digissexualidades problemáticas, conduzem a uma teoria inicial das digissexualidades para os estudos brasileiros em educação sexual. Acrescenta-se, nos estudos brasileiros, a frente de formar educadores(as) sexuais, tendo como base a proposta de Figueiró (2006); é um dos enfoques a serem dados na proposta aqui empreendida e que merecem aprofundamentos futuros.

A Perspectiva 2, da epistemologia da ciência para a CT&i, também, de natureza teórica, está à vista uma nova e aprofundada organização teórica e de teorização, ainda a ser criada, pois demandam esforços intelectuais e de leitura mais amplas, ao mesmo tempo, mais profundas, na Epistemologia da Ciência e, a partir dela, se chegar à CT&i – e no interior dela, discorrer sobre a Inteligência Artificial (I.A).

Um esforço, nesse sentido, já foi feito por Silva (2020) quando desenvolveu a proposta de falar sobre CT&i na sexualidade humana, tendo como ponto de partida, epistemólogos(as) da ciência. Sua opção foi começar por um epistemólogo bem conhecido da área da educação sexual, Michel Foucault. Na proposta de Silva (2020) não se poderá falar de CT&i a partir dela mesma, há a necessidade de se construir as bases epistemológicas, seja em Foucault, Bachelard, Piaget, etc., ou outros(as) epistemólogos(as) da ciência.

No exemplo efetivado por Silva (2020) é feita uma opção por Michel Foucault que permite que se evidencie a tecnologia no tema reflexivo histórico-filosófico sobre a sexualidade. E, esta configuração teórica, conduzida à CT&i, permite que sejam pensadas as relações homem/máquina, os produtos e mercados sexuais, pertencentes, nesse caso, às digissexualidades.

Um dos conceitos, oriundos da epistemologia de Foucault, que permitiram a aproximação da sexualidade humana (na área da educação sexual) com a CT&i e os produtos sexuais, é o conceito de Tecnologias do Prazer, definido por Silva (2020) como, aquelas tecnologias todas que permitem o prazer humano; são tecnologias que nascem da ciência e da produção de conhecimento epistemológico que se materializa na e com a CT&i.

As tecnologias do prazer, conceito construído por Silva (2020) encontra ecos na obra de Lauretis (1989) e em Morin (2005): as tecnologias epistemológicas em Michel Foucault, da qual se utiliza Silva (2020), por exemplo, podem ser dialogadas com as tecnologias de gênero e a noção histórica do “homem fábrica” moriniano.

Na Perspectiva 3, por uma etnometodologia digissexual, importa se pensar que as digissexualidades exigem uma outra nova natureza metodológica que não permita serem as mesmas técnicas e abordagens, das já existentes nos clássicos livros de metodologia científica, da área a educação ou da sociologia, ou da psicologia, dentre outras áreas afins, das quais a educação sexual se aproxima para suas produções; essa nova metodologia se faz urgente e necessário, pois, é sabido, que nas digissexualidades, estão envolvidos, homens e máquinas, abarcando outras dimensões, para além destes próprios entes, em si, portanto, dimensões éticas, médico-terapêuticas, religiosas, jurídicas, leis robóticas, etc. Contribuem para essa reflexão metodológica, para os espaços desse trabalho, o destaque para a área da sociologia, com Lupton (2015) e Miskolci (2016; 2017).

Da visão crítica sociológica, uma etnometodologia virtual (EV) para as digissexualidades, pode ser pensada e organizada para o campo da Educação Sexual, seguindo autores como Lupton (2015) que afirma que um novo método para a realidade virtual é um desafio à área da sociologia. Daí falar sobre sociologia digital.

A Sociologia Digital não trata apenas de sociólogos pesquisando e teorizando sobre como outras pessoas usam tecnologias digitais ou concentrando-se nos dados digitais produzidos através deste uso. A Sociologia Digital tem implicações muito mais amplas do que simplesmente estudar as tecnologias digitais, levantando questões sobre a prática da sociologia e a pesquisa social. Ela também inclui pesquisas sobre como os próprios sociólogos estão usando as mídias digitais sociais e outros como parte do seu trabalho (LUPTON, 2015, p. 15)

Lupton (2015) deixa algumas frentes importantes à prática da pesquisa (tipo de metodologia) sobre e para as digissexualidades. Numa vertente sociológica uma dessas frentes é que se denomina neste presente trabalho de uma proposta de “etnometodologia virtual” (EV) ou “etnometodologia digissexual” (ED), visando pesquisas com metodologias mais amplas e específicas para a área da educação sexual sob a temática das digissexualidades.

Richard Miskolci quando faz a defesa e o discurso de uma sociologia digital e sobre um possível método etnográfico “digital”, afirma que,

Vivemos a consolidação de transformações tecnológicas e sociais articuladas e que não podem mais serem compreendidas em separado, assim como suas consequências econômicas e políticas. Alguns compreendem sociologia digital como uma área emergente da disciplina com objeto próprio de investigação, outros – mais preocupados com aspectos metodológicos – podem defini-la como a possibilidade de dar conta da intensidade de relações sociais mediatizadas pelas tecnologias (*big data*) e há também quem reconheça nela o potencial para criação de um conjunto teórico e conceitual articulado e transversal que virá a modificar a disciplina como um todo. Qualquer que seja a definição de sociologia digital, refletir sobre seu potencial é um exercício necessário para compreender nosso passado recente e, sobretudo, nosso presente. (MISKOLCI, 2016, p. 277).

Seguindo a ideia de Miskolci (2016) é explícito em seu pensamento que o desafio da sociologia (sociologia digital) é o mesmo que se impõe à educação sexual, como área que se abrirá aos estudos digissexuais, visto que as transformações tecnológicas afetaram e são afetadas pelas novas formas sociais e afetivas de humanos se relacionarem entre si e com máquinas ou por meio de máquinas – entenda-se, máquinas, também, como programas de computador, aplicativos (App), sites, etc., até hologramas e robôs sexuais.

Em relação à metodologia de pesquisas, no âmbito da sociologia virtual, Miskolci (2016) apresenta a etnografia, como uma metodologia qualitativa possível para pesquisas envolvendo a ciência digital, ao lado de outras metodologias, porém, a etnografia como alternativa possível no interior de uma nova forma de pensar a pesquisa, no caso, as pesquisas digissexuais.

Alguns outros(as) autores(as), anteriores a Lupton e Miskolci, podem corroborar com uma proposta mais concisa e direta aos exigidos às digissexualidades. São eles: Weber, 1994; Horst; Miller (2012), Rogers (2013) e Jordan (2014).

Para Weber (1994),

Todo artefato, uma máquina, por exemplo, somente pode ser interpretado e compreendido a partir do sentido que a ação humana (com finalidades possivelmente muito diversas) proporcionou (ou pretendeu proporcionar) à sua produção e utilização; sem o recurso a este sentido permanecerá inteiramente incompreensível. O compreensível nele é, portanto, sua referência ao comportamento humano (WEBER, 1994, p. 5)

Essa perspectiva weberiana lançada à máquina é bem importante ser considerada nas digissexualidades, em especial, na construção etnometodológica: é o sentido humano que faz parte da digissexualidade ou, pelo menos, é a condição para essa relação ser possível, qual seja, a relação do humano com a máquina.

Nos escritos de McArthur; Twist (2017) essa noção também está presente, porém, em Danaher; McArthur (2017) essas considerações aparecem com muita propriedade e merecem ser aprofundadas nessa terceira perspectiva, na valoração “humana” das máquinas, que perpassa, sem dúvida, às fundamentações da IA, ou seja, um olhar, no presente, para o robô no futuro e o robossexual, em particular.

Para uma nova identidade sexual, um novo currículo e uma nova forma de se pesquisar se irrompe, em um esforço intelectual acadêmico, epistemológico, teórico, por natureza. Uma nova metodologia para uma nova forma de pesquisa e de sujeitos de pesquisa, que não apenas o humano, mas, agora, a máquina e, talvez, se tenha que pensar, em algum momento, apenas a máquina, o que, agora, pode parecer um absurdo, pode não ser, quando a realidade dos robôs sexuais estiverem presentes no cotidiano das pessoas em todo o mundo. Pensar sobre isso, hoje, exigirá dos comitês de ética das universidades e instituições privadas, novos protocolos, como os apontados por Danaher; McArthur (2017) que, inclusive serão também ponto de partida em relação à ética na relação homem-máquina, que passa pela Nova Teoria do Direito Natural; nessas considerações, a máquina passa a ter um espaço importante na sociedade em suas tecnologias, nas digissexualidades, em particular.

Finalmente, a Perspectiva 4 visa a exploração de pesquisas nacionais com tendência etnográfica, como no trabalho de Miskolci (2017) e, impactos de mercado e análises antropológicas na cultura (cultura digital, cultura sexual ou culturas nacionais), bem como, pesquisas de cunho estatístico de usuários(as) digissexuais (COOPER et al., 2003).

Nesse núcleo de estudos, já produzidos/publicados, como os já citados, poderá ser constituído um arcabouço interessante para a constituição do *corpus* teórico-metodológico das digissexualidades, nos estudos brasileiros em educação sexual. Esses temas, podem ser, por exemplo: *sex shops*, pornografia digital ou eletrônica, história da sexualidade na internet, relatos de pesquisas sobre vivências digissexuais ao redor do mundo, etc. Olhar essas pesquisas e se perguntar: o que isso tem a ver com as digissexualidades ou, potencialmente, como elas corroboram com as outras três primeiras perspectivas aqui apresentadas?

Outras perguntas para orientar futuras investigações nesta quarta perspectiva:

- Como essas pesquisas da área da Educação Sexual se encaixam nas bases das digissexualidades?
- Sendo pontos de partida para pesquisas em digissexualidades quais seus referenciais e como se encontram com os referenciais das digissexualidades até aqui apresentadas?
- Em que medida esses estudos podem ser configurados com teorizações possíveis às digissexualidades, permeadas pela cultura tecnológica?

Essa quarta perspectiva encontra dois pontos de justificativas:

- A primeira: a temática das digissexualidades são temáticas culturais, assim, como todos os temas da educação sexual; logo o “alinhamento” de produções já existentes para construtos em digissexualidades, é possível.
- A segunda justificativa é que as digissexualidades são focos de pesquisas atuais que exigem por essa quarta perspectiva, a busca de elementos que a configurem, nesse momento, a estudos e produções internacionais, com o objetivo de expandir o tema, limitar as pressões contrárias e apressadas que negativam e isolam o tema e, talvez, o mais importante, permitir que as digissexualidades ocupem seu espaço de identidade sexual radical e porque não dizer também, as digissexualidades como identidade sexual emancipatória, entre homens e máquinas.

A quarta perspectiva exige estar ligada à terceira, na valorização por metodologias etnográficas, etnometodológica, tal como a desenvolvida por Miskolci (2017).

Todas as quatro perspectivas encaminham inovações – discussões no âmbito da CT&i. São caminhos ainda não percorridos, a não ser, se considerar, que o presente texto, seja um atendimento da primeira perspectiva, no sentido de uma busca por construção de um referencial teórico, como o realizado pelo Marco Teórico, no objetivo de elucidar, para os estudos brasileiros, a temática das digissexualidades, na área da Educação Sexual. Os estudos em andamento pelo autor e pesquisador ainda não conseguem localizar a crítica sob o Marco Teórico e o mapeamento da produção sobre o tema; esse Marco Teórico já é uma amostra dos caminhos inovadores sobre os quais são postos os trilhos dos estudos sobre digissexualidades no Brasil.

Com a apresentação desses resultados teóricos, ainda que, em recorte, é possível incentivar a pesquisa sobre o tema.

Considerações finais:

O objetivo de elaborar um estudo sobre as digissexualidades e a partir do Marco Teórico se responder à problemática “que perspectivas as digissexualidades apresentam à educação sexual?” foram elementos presentes no trabalho e alcançados na elaboração de quatro perspectivas: duas de naturezas teóricas e duas de naturezas metodológicas. Nesse objetivo alcançado e pergunta respondida, propõe-se organizar ao estudo, um mais amplo campo de teorização sobre as

digissexualidades, nos estudos brasileiros e a busca por uma construção de metodologias em formatos etnometodológicos, pensando homens e máquinas.

Dessas quatro perspectivas (duas teóricas e duas metodológicas, respectivamente) se encaminham possíveis considerações analíticas, dentre elas:

- os estudos sobre as digissexualidades propiciam novas reflexões para a educação sexual e a formação em pesquisa, desde a iniciação científica, na graduação, qual seja, o desenvolvimento de um pensamento emancipatório em educação sexual, no viés da CT&i, na produção de um *corpus* teórico-metodológico em digissexualidades com destaque ao virtual, à máquina, à tecnologia, sendo, os produtos sexuais e o mercado desses produtos, oriundos da ciência (ciência das máquinas/da informação e a ciência das sexualidades humanas) para os afetos e relacionamentos (sexuais) homens/mulheres com máquinas e todas as questões médicas, éticas, estéticas, econômicas, etc., incluindo, as psicológicas, envolvidas nessa identidade sexual emergente, a identidade (humano/máquina) digissexual, em propostas de educação sexual formativas e curriculares.

- Uma segunda consideração analítica reside no desafios dessas quatro perspectivas culminarem num currículo (ensino) em Educação Sexual, um currículo que discuta, no âmbito das tecnologias, na educação básica, a presença da máquina nas sexualidades humanas. Isso exigirá uma dedicação às questões de pesquisa, ensino e formação de professores(as), educadores(as) sexuais.

Os estudos digissexuais não são muito presentes na produção em língua portuguesa e espanhola, como já se afirmou e apresentou, portanto, é um campo em aberto para a produção brasileira em educação sexual; estudos que ainda exigem um grande esforço intelectual de construção teórica e metodológica.

O presente estudo, oriundo do centro-oeste brasileiro, pretende ser continuado e também partilhado, seja aqui ou em outras regiões do Brasil, para fins de ampliação dos estudos nesse tema na área da educação sexual. Não se trata de pesquisas empíricas que não foram estudadas e publicadas por aqui, se trata, a começar por esses trabalhos, como se destacou na quarta perspectiva: revisitar esses estudos, buscar esses dados e orientá-los no interior da incipiente e inovadora teoria digissexual, como identidade sexual radical e emergente. Pelo menos, esse é um caminho inicial nessa análise que conclui o trabalho, com visíveis potencialidades de realizações na região centro-oeste brasileira, bem como, para o Brasil.

Se está à frente, portanto, de um desafio de pesquisa e de produção teórica que exige muitas leituras, sobretudo, em língua inglesa e o esforço por produções nacionais que traduzam currículos

em educação sexual, currículos escolares e não escolares, aproximando as digissexualidades dos debates sobre identidades sexuais plurais e a relação com a tecnologia e o ensino.

Espera-se que as quatro perspectivas aqui apresentadas estimulem pesquisadores(as) iniciantes e não iniciantes a construírem, as bases teóricas e metodológicas para as digissexualidades, que aproximem a CT&i das vivências sexuais advindas da relação homens x máquinas e que já se pensem, para o futuro, as diversas temáticas legais, circunstanciais e de cidadania, envolvendo humanos e máquinas, na emancipação sexual futura que deverá ter e se ver como uma nova tipologia sexual independente, a tipologia robótico-sexual. De alguma forma, as quatro perspectivas preparam pesquisadores(as) e pessoas digissexuais para as exigências e condições “jurídicas”; uma nova outra “luta” de, talvez, ter que se ‘provar’ o que é e o que “se faz ser” digissexual; de ser e de existir, de homens e máquinas, diante da sexualidade e das liberdades sexuais vivenciadas pelas tecnologias, pela CT&i.

Referências:

- AOKI, B. Y. ; KIMURA, T. Sexuality and affection in the time of technological innovation: artificial partners in the japanese contexto. **Religions**, 2021, 12(5), 296; 2021. Disponível: <https://doi.org/10.3390/rel12050296> Acesso em 23 jan. 2022.
- ALVES, R. **Filosofia da Ciência**: introdução ao jogo e suas regras. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- BARAK, A., FISHER, W.A., BELFRY, S. & LASHAMBE, D.R. (1999). Sex, guys, and cyberspace: Effects of Internet pornography and individual differences on men’s attitudes toward women. **Journal of Psychology and Human Sexuality**, 11, 63–92, 1999.
- CALIFIA, P. **Public sex**: the culture of radical sex. San Francisco, Califórnia, EUA: Cleis Press, 1994.
- COOPER, A., GRIFFIN-SHELLEY, E., DELMONICO, D.L. & MATHY, R. Online sexual problems: Assessment and predictive variables. Sexual Addiction and Compulsivity: **Journal of Treatment and Prevention**, 8, 265–283, 2001.
- COOPER, A. et al. Predicting the future of Internet sex: online sexual activities in Sweden. **Sexual and Relationship Therapy**, Vol 18, No. 3, August 2003. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/1468199031000153919> Acesso em 20 fev. 2022.
- GERSEN, J. S. Sex lex machina: intimacy and artificial intelligence. **Columbia Law Review**, 119(7), 1793–1810, 2019. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/26810849> Acesso em: 23 jan. 2022.

- FIGUEIRÓ, M.N.D.F. **Formação de educadores sexuais**: adiar não é mais possível. Campinas: Mercado das Letras; Londrina: Eduel, 2006.
- HERTLEIN, K. M.; BLUMER, M. L. C. **The couple and family technology framework**: Intimate relationships in a digital age. New York, NY: Routledge, 2013.
- HORST, H. A.; MILLER, D. Digital Anthropology. [S.l.]: Bloomsbury Academic, 2012.
- JORDAN, T. Internet, Society and Culture: Communicative Practices Before and After the Internet. Reprint edition ed. [S.l.]: Bloomsbury Academic, 2014.
- KENSKI, V. M. Verbete cultura digital. In: MILL, D. (org.). **Dicionário Crítico de Educação e Tecnologias e de educação a distância**. Campinas: Editora Papirus, 2018, p.139-144.
- LAURETIS, T. **Technologies of genders**. Bloomington: Indiana University Press, 1989.
- LUPTON, D. Digital Sociology. [S.l.]: Routledge, 2015.
- MCARTHUR, N. ; TWIST, M. L. C. The rise of digisexuality: therapeutic challenges and possibilities. **Sexual and Relationship Therapy**, v. 32, ed. 3-4, p. 334-343, 2017. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14681994.2017.1397950> Acesso em 21 jan. 2022.
- MISKOLCI, R. Sociologia digital: notas sobre pesquisa na era da conectividade. **Contemporânea**, v.6, n.2, p. 275-297, jul.-dez., 2016. Disponível em: <https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/525/211> Acesso em: 20 fev. 2022.
- MISKOLCI, R. **Desejos digitais**: uma análise sociológica da busca por parceiros on- line. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- MORIN, E. **Ciência com consciência**. 8.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- PRECIADO, B. **Manifesto contrassexual**: práticas subversivas de identidade sexual. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: N1 edições, 2014,
- ROGERS, R. Digital Methods. [S.l.]: MIT Press, 2013.
- SAMPIERI, R.H.; COLLADO, C.F.; LUCIO, M.D.P. **Metodologia de Pesquisa**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- SILVA, C.R. **Educação Sexual 1**: gnosiologia, CT&i, alfabetização científica. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2020b.
- SANTOS, G.C.; BAIA, L.S. A digisexualidade e os aspectos discriminatórios. **Revista Inclusiones**, v. 8, n. 2, abril-junio, 2021. Disponível em: <https://revistainclusiones.org/index.php/inclu/article/view/2445> Acesso em 20 fev. 2022.
- WEBER, M. Economia e Sociedade. 3a . ed. Brasília: Editora UNB, 1994.

WITTE, J. C. A Ciência Social digitalizada: avanços, oportunidades e desafios. *Sociologias*, v. 14, n. 31, 2012. Disponível em: . Acesso em: 27 jul. 2014.

WOODWARD, Suzanne. Digisexuality, erotobotics and the future of intimacy. **New Zealand Sociology**, 35(2), 99–119, 2020. <https://search.informit.org/doi/10.3316/informit.562156761486346>

ZHANG E.Y. Why Sex? Sex-Bots from a Daoist Perspective. In: Fan R., Cherry M.J. (eds) . **Sex Robots. Philosophical Studies in Contemporary Culture, vol 28**. Springer, Cham, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.1007/978-3-030-82280-4_5 Acesso em 25 jan. 2022.

PARECER 31/3/2022

Parecer sobre a proposta de artigo:

DIGISSEXUALIDADES: PERSPECTIVAS E CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO SEXUAL, de autoria de Claudionor Renato da Silva

Primeiramente, agradeço ao Prof. Dr. Claudionor o convite para ler e produzir um parecer sobre seu texto que me oportunizou conhecer, ainda que brevemente, um assunto ainda não vislumbrado em meus estudos.

O trato com as tecnologias e estudos específicos neste campo não são focos de minhas pesquisas, o que, em algum momento do meu parecer, pode não atender às expectativas do autor. Deste modo, justifico possíveis limitações ao discorrer sobre o tema.

Preferi apresentar o parecer seguindo a ordem das seções apresentadas no texto, com o intuito de não me perder e conseguir, de alguma forma, trazer contribuições ao estudo que se mostra inovador e numa área, como especificado no texto, pouco abordada, portanto, aberta a novos investimentos teóricos. Parabéns pela iniciativa e desejo sucesso nos estudos seguintes.

Título e Resumo

- O objetivo apresentado no Resumo não se ajusta de forma clara com aquele apresentado na Introdução do artigo. Está um pouco mais claro no primeiro e confuso no segundo. Portanto, entendo que há a necessidade de uma reestruturação cuidadosa do objetivo e que Resumo e Introdução apresentem-no de forma similar e mais clara.

Introdução

- Considerando o universo geral do estudo, penso ser importante, explicar o que é sexualidade e qual concepção é adotada para o estudo, assim como o conceito de identidade sexual, uma vez que as digissexualidades integram essa categoria.

- O que é entendido como “currículos escolares e não escolares”? Considerando ser o campo para também ser pensada as digissexualidades, na introdução me parece faltar uma contextualização sobre essas categorias.

- Na página 03, é dito: “As máquinas se tornaram o desejo (sexual) que faltava ou ainda falta ao ser humano.” Pensando numa proposta de estudo que permeia campos “móveis”, assim como referenciais teóricos nessa perspectiva, entendo essa afirmativa um tanto rígida ou impositiva. Assim,

pergunto: A todos os seres humanos? Ou a uma parcela que constroem suas identidades sexuais vinculadas à máquina. Penso que essa afirmativa deve ser ponderada.

- “Há muito que se explorar para os estudos digissexuais a partir dessas breves ponderações e indicações de literatura e, essa é a proposta desse texto, em pelo menos, iniciar os debates e reflexões sobre o assunto na área da educação sexual, na relação máquina (tecnologia) e a sexualidade humana.” Aqui, neste trecho da página 03, me parece mais viável uma proposta de objetivo do texto. Mais clara do que aquela apresentada na página 02.

- O autor não anuncia qual campo teórico sustenta suas análises e discussões. Pelas autorias indicadas e utilizadas nas discussões, verifica-se uma latente aproximação com as teorias contemporâneas do conhecimento, com ênfase numa perspectiva pós-crítica. O livro de Tomaz Tadeu da Silva, Documentos de identidade, poderia auxiliar nessa justificativa, inclusive, por se tratar de uma obra que discute as teorias do currículo. Me chamou atenção o foco em autorias vinculada aos estudos queer. As digissexualidades, me parecem, se aproximam deste conceito de teorias deslizantes, movediças. Assim, sugiro que olhe o livro de Guacira Louro, Ensaios sobre sexualidade e teoria queer, em especial, quando ela fala das pedagogias queer. Pode ajudar em algumas discussões para pensar o currículo.

Metodologia

Na página 03 é apontado que: “A pesquisa bibliográfica, segundo Sampieri, Collado e Lúcio (2006) é mais que simples elencamento de pesquisas e, muitas vezes, nem precisa passar por esse elencamento, do ponto de vista quantitativo; se for possível, basta uma construção ensaístico-teórica com base na problemática, de forma direta, simples e que abarque um quantitativo de referências que permitam esse texto teórico ser consistente, com rigor científico adequado e de alto nível, sejam em artigos, livros e capítulos de livros.” Para uma temática nova e pouco investigada, como apontado pelo autor, a meu ver, uma revisão sistemática de literatura sobre o tema – o que o autor me parece indicar que realizou – atribui valor necessário e merecido à pesquisa realizada. Aponta que parte de buscas no Google Acadêmico. Assim, justificar o porquê do uso dessa plataforma, o período em que foram realizadas as buscas, o que foi encontrado, o que foi excluído e o que foi resgatado, quantitativamente, me parece um ponto interessante a ser destacado. Neste trajeto, entendo que foi utilizada uma abordagem mais qualitativa de pesquisa, mas, não especificada. Entendo ser muito importante que a perspectiva qualitativa deva ser indicada, pois foi realizada: uma descrição e discussão sobre o tema a partir da correlação de fontes bibliográficas. Essas análises resultaram na elaboração das categorias ou, como dito pelo autor, perspectivas de pesquisa.

Análise e Discussões

As descrições das perspectivas e, posteriormente, suas análises e discussões atendem ao que foi proposto pelo autor, o que confirma minha percepção de que os ajustes indicados nos itens anteriores merecem serem vistos com atenção.

Considerações finais

Apresenta a problemática investigada, fala dos resultados e apresenta conclusões adequadas ao proposto.

Considerações gerais sobre o texto

- Em alguns momentos são apresentados nome e sobrenome dos autores. Penso que isso deve acontecer todas as vezes que as autorias forem citadas pela primeira vez, fora dos parênteses (faço essa indicação em comentários no arquivo).
- O texto carece de uma revisão ortográfica e de normas formais de escrita acadêmica, em especial, quanto a forma de citação de autorias ao longo do texto. Apresento sugestões de correções.
- Faço comentários com sugestões e questionamentos mais específicos em certos momentos do texto.

Reitero meus agradecimentos e desejo um glorioso trajeto investigativo ao Prof. Dr. Claudionor.

Prof. Dr. Neil Franco

Faculdade de Educação Física e Desportos

Universidade Federal de Juiz de Fora

Atualmente, o capítulo está em fase de revisão ortográfica pela Editora e oportunidades de reajuste pelo autor.

O Parecer demonstra a dificuldade de se trabalhar com temas emergentes, ao mesmo tempo, pondera que – assim como foi feito – um levantamento bibliográfico e a busca de pesquisas são fatores decisivos para sustentação do modelo das quatro perspectivas que vêm sendo construídas pelo autor, desde os estudos de pós-doutorado.

3.2

MACRO SEÇÃO II

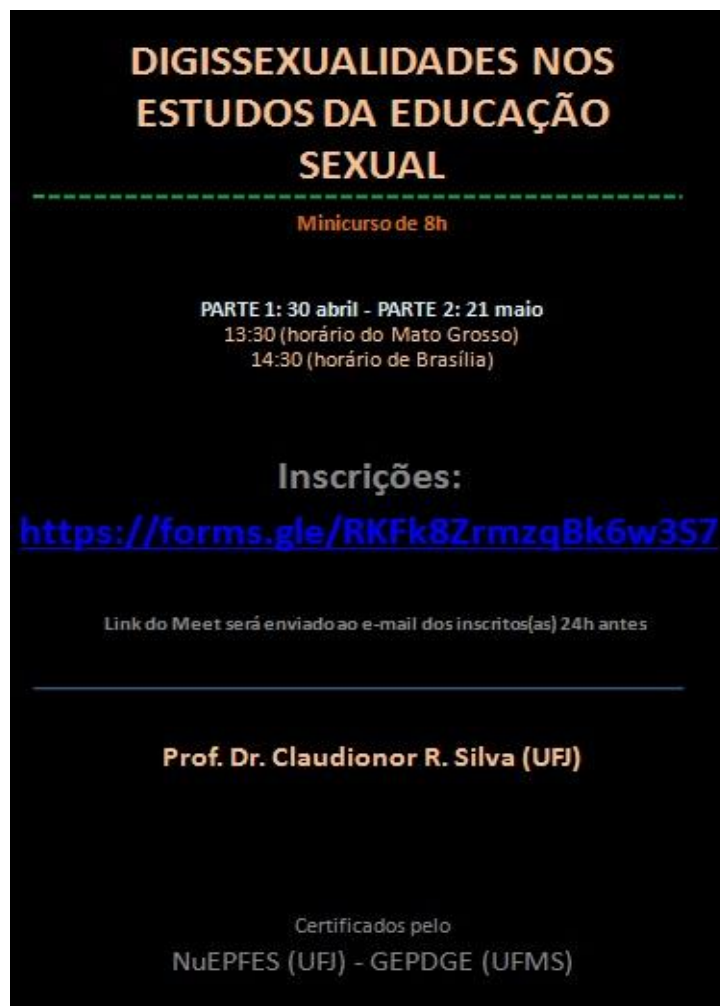
Relato do minicurso

RELATO DO MINICURSO

1 APRESENTAÇÃO DO MINICURSO

1.1 Inscrições e participantes

Cumprindo o cronograma da pesquisa foi preparado o minicurso sob o título “Digissexualidades nos estudos da Educação Sexual”. Segue a Figura do Flyer de divulgação, na UFMS e na UFJ.



Para inscrição na atividade no *Google Forms* foi elaborado um questionário para diagnóstico do que os participantes entendiam ou pensavam quando se fala das digissexualidades. Os mesmos foram “esclarecidos” de que a participação no curso e nas respostas da pesquisa diagnóstica seria para

fins de pesquisa e que seus nomes seriam omitidos e, que, portanto, os dados seriam utilizados na pesquisa do pesquisador.

O título do questionário no *Forms*: Questões diagnósticas para fins da pesquisa de pós-doutorado do proponente do curso, Dr. Claudionor R. da Silva.

Antes de procederem o preenchimento de seus dados pessoais para fins de certificação e o próprio diagnóstico, um resumo da pesquisa de estágio pós-doutoral lhes é apresentado, como a seguir.

Descrição: O presente projeto de pesquisa pós-doutoral, supervisionado pela Prof.^a Dr.^a Josiane Peres Gonçalves, na UFMS, visa investigar a possibilidade de um currículo em Educação Sexual que aborde gênero e sexualidade a partir de uma perspectiva de CT&i no tocante aos produtos e mercados em sexualidade humana, com reflexões que emergem da epistemologia da ciência. A pergunta de pesquisa pode ser apresentada da seguinte maneira: o que a CT&i em sexualidade humana pode ou tem a apresentar aos estudos em Educação Sexual, no sentido de um currículo escolar e não escolar que discuta a diversidade (sexual) na proposta das digissexualidades? Objetiva-se, de modo geral, a investigação sobre a cultura digissex para o contexto brasileiro, nos temas gênero, sexualidade e cultura, a partir da metodologia qualitativa do Marco Teórico e a teorização sobre digissexualidades, com a Grounded Theory. Para um cronograma de 12 meses, o projeto pretende apresentar um Relatório Final de Pesquisa e o encaminhamento para publicação de um Artigo, em periódico nacional ou internacional (em espanhol) que amplie a reflexão sobre a possibilidade de currículos escolares e não escolares (movimentos sociais e partidos políticos) que tragam o debate sobre a cultura digissexual no contexto brasileiro, sob o aporte da CT&i, perpassando a epistemologia da ciência.

As perguntas do questionário:

1. Você conviveria com um robô em pleno formato e funcionalidade humanos, no seu dia a dia, sem nenhum medo, preconceito ou desconfiança? S/N
2. Uma máquina humana (um robô em formato humano e com todas as funções humanas) nos relacionamentos sociais e afetivos não seria a mesma coisa que a nossa relação pela máquina do computador ou celular, num chat, num comentário pelo Meet ou Facebook? Qual a sua opinião sobre isso.
3. Você se relacionaria afetiva e sexualmente (hetero ou homo) com um robô em formato humano, seja esse robô homem ou mulher? S/N
4. Você conhece pessoas praticam a sexualidade (em sentido amplo) pela internet? S/N

Participaram do minicurso, estudantes de Naviraí (MS) e Jataí (GO), em grande parte, do cursos de Pedagogia, sendo, um, da Engenharia Florestal da UFJ, já que o curso foi amplamente divulgado, em vários cursos de ambas as instituições, da UFMS e da UFJ.

1.2 Material do minicurso

O material utilizado no minicurso foi um artigo, um livro e uma tradução (feita pelo autor estagiário de pós doutorado), indicados e representados a seguir.

Um artigo do pesquisador, publicado na Revista Temas em Educação (2020)³.

Temas em Educação e Saúde

Atual Arquivos Notícias Sobre ▾ Indexadores / Métricas Avaliadores Ad hoc ▾ 🔍 Buscar

Início / Arquivos / v. 16, n. 1, Jan./Jun. (2020) / Artigos

Educação Sexual, CT&i: um breve estudo teórico e uma proposta de aplicação

Claudionor Renato da Silva
Universidade Federal de Jataí (UFJ), Jataí – GO
<https://orcid.org/0000-0003-1693-4804>

DOI: <https://doi.org/10.26673/tes.v16i1.13532>

Palavras-chave: Educação sexual, CT&i, Educação sexual científica.

Resumo

A problemática deste estudo, apesar ainda inicial e incipiente, é a possibilidade de aproximação da Educação Sexual aos pressupostos da

Clustrmaps
63,685 Total Pageviews

Palavras-chave

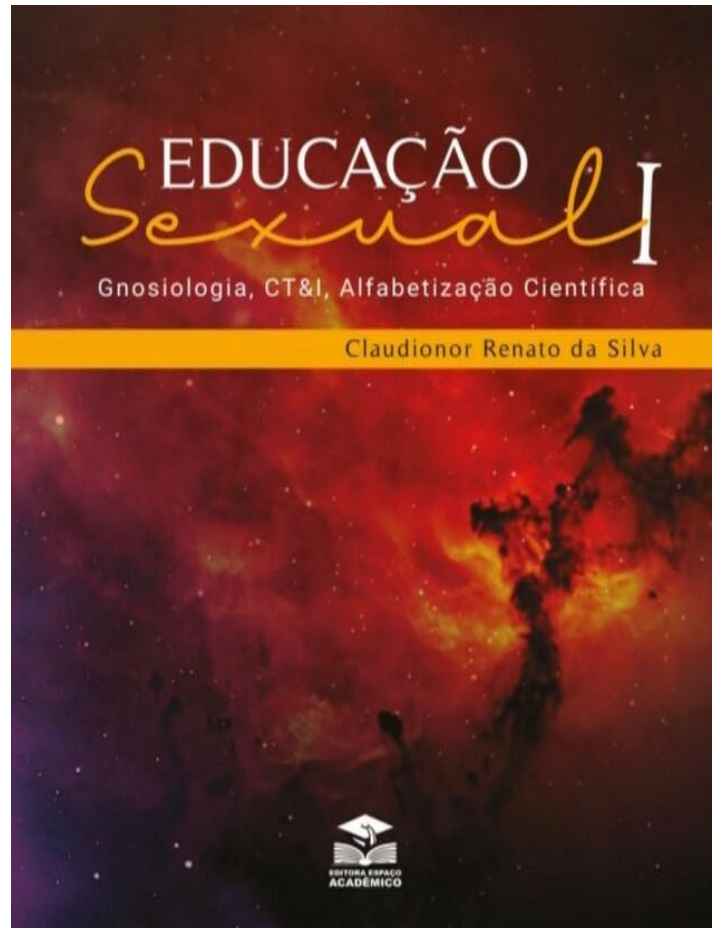
Gênero, Educação médica, Família, Saúde, Saúde mental, Trabalho, Conhecimento, Professor, Educação infantil, Terapia comunitária integrativa, Cultura, Autismo, Inalação, Crianças, Saúde, Neurologia, Família, Educação, Diagnóstico, Terapia comunitária

Informações
Data de publicação

O segundo material é um livro publicado, também publicado pelo autor/pesquisador, em estágio de pós-doutorado, publicado em 2020, intitulado *Educação Sexual I: gnosiologia, CT&i, Alfabetização Científica. Conceito de Educação Sexual Científica*⁴.

³ Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/tes/article/view/13532>

⁴ Disponível em: <https://pedagogia.jatai.ufg.br/n/135930-divulgacao-de-livro>



O terceiro material utilizado no minicurso foi uma tradução (em revisão final) produzida pelo pesquisador no artigo de Neil McArthur e Markie Twuist de 2017 (realizado em 2021), um artigo que marca os estudos digissexuais e está indexado no *ResearchGate*⁵.

⁵ Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/356565125_A_ascensao_da_digissexualidade_desafios_terapeuticos_e_possibilidades

Taylor & Francis Online

Home ► All Journals ► Sexual and Relationship Therapy ► List of Issues ► Volume 32, Issue 3-4 ► The rise of digisexuality: therapeutic c ...

Sexual and Relationship Therapy >
Volume 32, 2017 - Issue 3-4: Special Issue on Sex and Technology

Enter keywords, authors, DOI, ORCID etc. This Journal Advanced search

Submit an article Journal homepage

1,807 Views
27 CrossRef citations to date
394 Altmetric

The rise of digisexuality: therapeutic challenges and possibilities
Neil McArthur & Markie L. C. Twist
Pages 334-344 | Published online: 17 Nov 2017

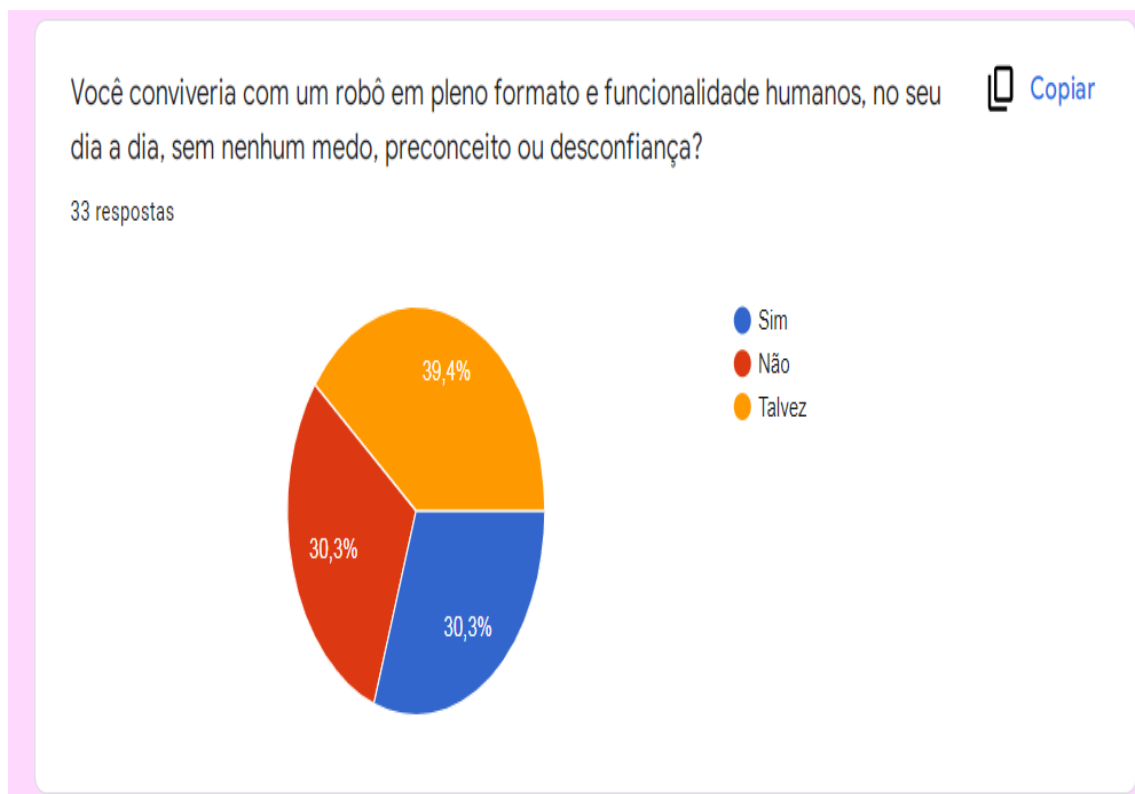
Download citation <https://doi.org/10.1080/14681994.2017.1397950> Check for updates

Full Article Figures & data References Citations Metrics Reprints & Permissions Get access

ABSTRACT Related research

4 Resultados

4.1 Porcentagem de respostas referentes à primeira questão do formulário



4.2 As respostas da questão aberta

A pergunta aberta traz as seguintes respostas dos participantes, sem nenhuma identificação, para fins desse Relatório e do próprio “combinado” no Formulário de participação da pesquisa.

Não

Não. Acredito que as ferramentas tecnológicas disponíveis atualmente não desempenham o papel de substituir um outro ser humano, é uma questão mais prática, voltada para a praticidade de acesso e utilidade do bem, servindo apenas como auxílio em tarefas diárias.

Acredito que teria algumas diferenças emocionais talvez, pois você tem alguma noção que aquela pessoa existe e que vocês poderiam se encontrar e desenvolver afetivamente.

Eu acho que não. É um pouco assustador. E tem a questão do sentimento

*Não, porque falta a coisa mais importante a mente humana, e o coração
Isso seria chato*

Um contato que temos com celular, computador, etc, e um paixão por bens materiais, sabemos que se o aparelho parar de funcionar, quebrar, o substituiremos por outros. Já um amor por um ser humano (filhos, país, avós, etc) será incondicionalmente verdadeiro, não poderemos o substituir, por outro, por que nunca acharemos outros iguais.

Primeira conhecimento pessoas relacionamento mas não saber como faz sexualidade pensar talvez pesquisar social.

Não. Na minha opinião ter relacionamento afetivo com robô é diferente da nossa relação com celular.

No meu modo de ver não seria a mesma coisa pois em um comentário ou até mesmo no chat, as conversas e relações de afetividades acontecem entre as pessoas, entre nós seres humanos, que somos feitos de carne e osso. Já com uma máquina humana seria como se fosse uma "cópia falsa", pois mesmo ela tendo todas as funções humanas, ela não seria a mesma coisa quando temos contato e diálogo (mesmo que seja através das redes sociais) com o corpo real, com o corpo humano.

Creio que seria mais fácil se relacionar com um robô, pois seria programado da forma que eu gosto e quero. Porém relacionamentos humanos nos tornam mais humanos, empáticos e sensíveis. Não acho que um relacionamento com um robô supra isso.

Acredito que sim seria a mesma coisa do que nos temos hj com o celular e computador

*Essa questão é difícil de se responder, pois depende de como os humanos vão usar os robôs. Se fizerem robôs simples, com programações específicas para fazer determinada tarefa
sim acredito que seria. Isso devido o grande avanço das tecnologia que possibilita um retorno imediato isso possibilita uma interação.*

Porque pela internet e virtual e o robô seria presencial

Não, tem vários aspectos envolvidos, uns deles e sentir carinho e desejo de ver o outro mesmo em outras plataformas, já o robô ele vai ser programado automaticamente a me fazer feliz, desejada etc. Se for assim, será que teria graça de viver? uma vida programada a dar tudo certo?

Acho que não seria a mesma coisa, pois são relações diferentes

Não acho que seria

*Acho que não seria
....m*

Eu diria que não.

Não seria a mesma coisa em minha opinião

Ao meu ponto de vista não seria a mesma coisa por conta do exterior ou pode se dizer o visível, de fato um objeto "comum" diferente de um robô que poderia ser descrito como um objeto complexo em comparação em certo ver como um humano. O conhecimento poderia ser o mesmo nas duas formas, mas a aparência é totalmente diferente.

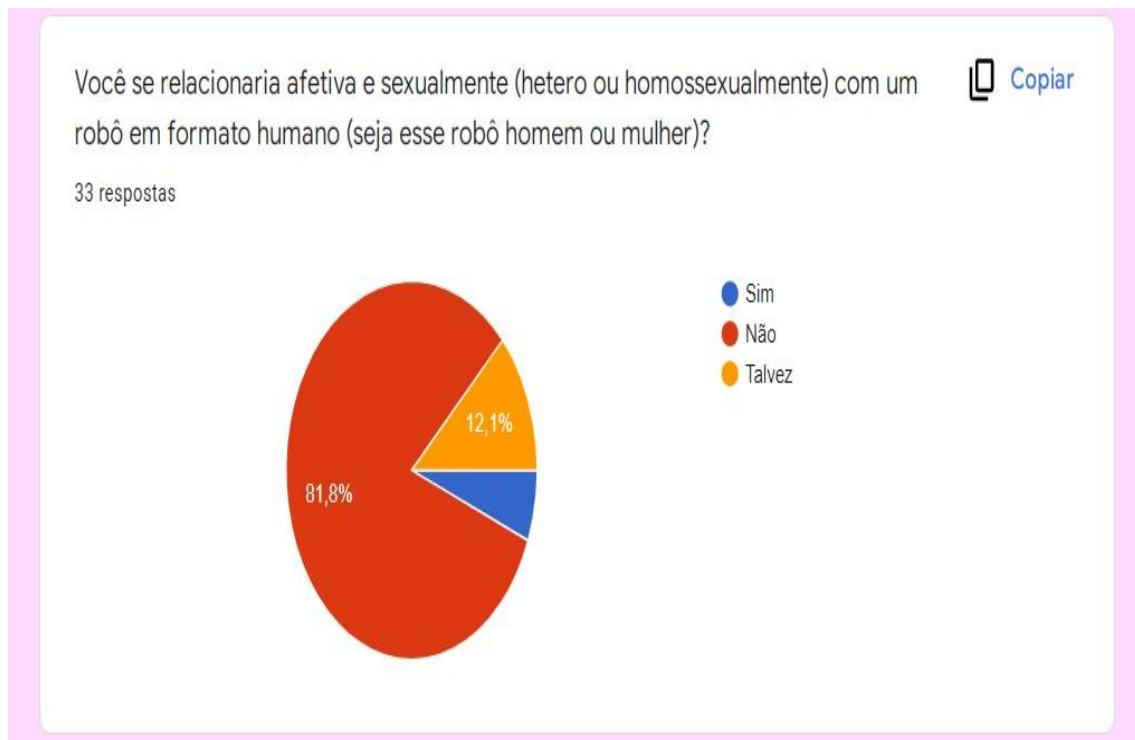
Acho que tem diferenças , as relações não seriam iguais .

Até que seria legal, o robô não iria julgar, cobrar, criticar, só iria ouvir e aceitar. Mas acho estranha a ideia de se relacionar sexualmente. Acredito que o humano não se adaptaria com essa realidade, enfim, assunto complexo.

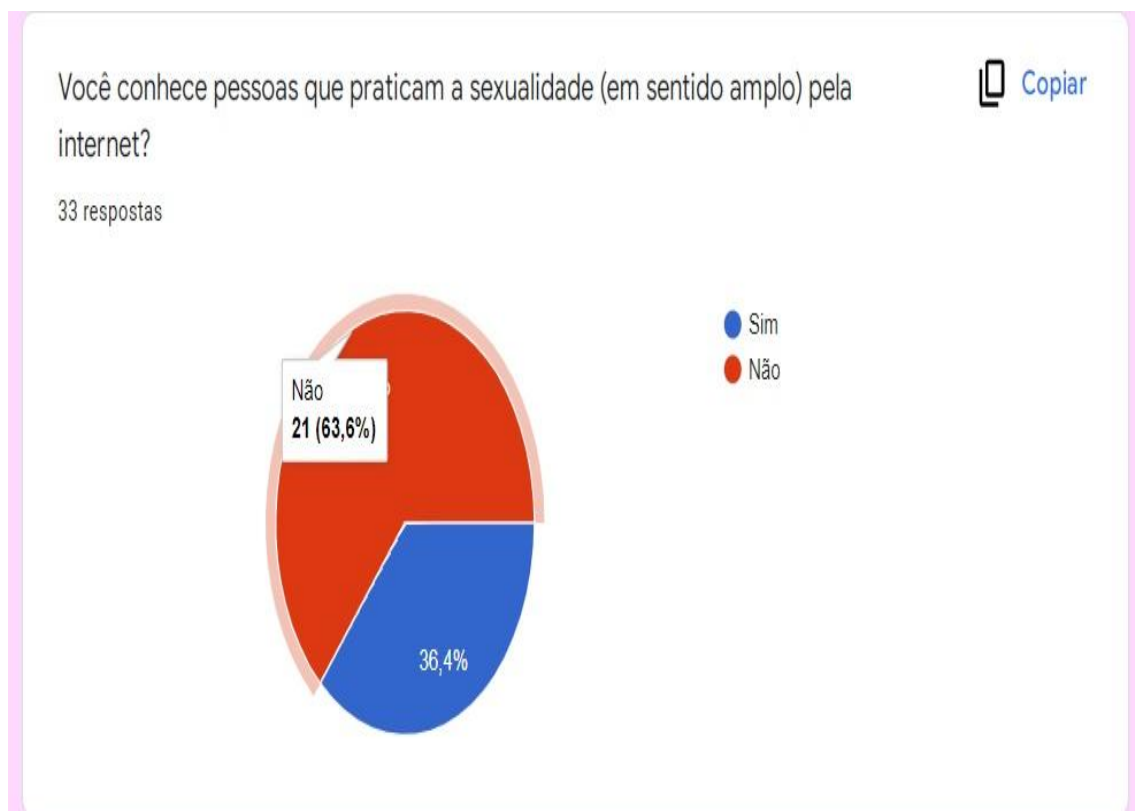
Seria diferente

Não , humano e humano robô e robô

4.3 Respostas referentes à terceira questão do formulário



4.4 Respostas referentes à terceira questão do formulário



Para os fins desse Relatório os dados não serão tratados, apenas foram utilizados para o desenvolvimento do minicurso. Um Resumo para comunicação oral foi preparado e enviado para o Jopeqal 2022, sendo, assim, o primeiro tratamento de dados referente ao minicurso.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados dessa pesquisa diagnóstica deram apoio ao desenvolvimento do minicurso, como já se afirmou; um curso aplicado em duas partes, em dois dias. Um Resumo para Comunicação Oral no Jopeqal 2022 está sendo encaminhado com base nos resultados desse diagnóstico do minicurso aplicado. (ANEXO 1)

Certificados já preparados, estarão, em breve, sendo enviados aos participantes, com assinatura do autor/proponente e da supervisora do pós-doutorado, com certificação pela UFMS e UFJ e respectivos grupos de pesquisa do pesquisador e da supervisora de estágio pós-doutoral.

REFERÊNCIAS

MCARTHUR, N. ; TWIST, M. L. C. The rise of digisexuality: therapeutic challenges and possibilities, **Sexual and Relationship Therapy**, 32:3-4, 334-344, 2017. DOI: [10.1080/14681994.2017.1397950](https://doi.org/10.1080/14681994.2017.1397950)

SILVA, C. R. da. Educação Sexual, CT&i: um breve estudo teórico e uma proposta de aplicação. **Temas em Educação e Saúde**, Araraquara, v. 16, n. 1, p. 40–50, 2020. DOI: 10.26673/tes.v16i1.13532 . Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/tes/article/view/13532>
Acesso em: 31 maio. 2022.

SILVA, C.R. **Educação Sexual I: gnosiologia, CT&i, Alfabetização Científica**. Goiânia, GO: Espaço Acadêmico, 2020.

ANEXO I – Resumo enviado ao Jopeqal 2022

“CREIO QUE SERIA MAIS FÁCIL SE RELACIONAR COM UM ROBÔ”: DESVENDANDO AS DIGISSEXUALIDADES

Claudionor Renato da Silva

Josiane Peres Gonçalves

O objetivo dessa pesquisa é desvendar a digissexualidade a partir de um minicurso sobre o tema, resultante de uma pesquisa de pós-doutorado em andamento pelo primeiro autor, supervisionado pela segunda autora. O problema proposto: o que passa no imaginário de estudantes universitários quando se trata das tecnologias “fabricadas” para uso sexual, seja num primeiro momento (digissexualidades de primeira onda), a tela do computador ou celular, com os *chats*, os *sites*, os *nudes* no *whatssApp*, enfim, até a já presente possibilidade de relações afetivas e sexuais com robôs (digissexualidades de segunda onda),? A digissexualidade ou a sexualidade digital ou movida por computador e IA (Inteligência artificial) vem se constituindo como uma identidade sexual emergente; os(as) digissexuais são os humanos que optam por relações afetivas e sexuais ou pela “tela”, holograma ou efetivamente, com um robô sexual. Para alcançar o objetivo e a problemática proposta aplicou-se no ato da inscrição do minicurso sobre digissexualidades, um questionário que subsidiou o desenvolvimento do curso e agora recebe o primeiro tratamento de pesquisa. As respostas dos participantes, indicam que o tema é complexo, novo e de difícil assimilação, sobretudo, no considerar da possibilidade de uma relação sexual com um robô o que revelou grande estranheza para alguns participantes, para outros foi muito interessante, como apontado no título desta comunicação. Ao longo do curso foram apresentadas as bases das digissexualidades e, ao final, na avaliação pode-se constatar: 1) o caráter inovador dessa temática na área da educação sexual no Brasil e também no mundo; 2) apontou-se a necessidade de mais pesquisas, a partir da Iniciação à Científica na graduação e, por último, no Relatório Final de Pesquisa pós-doutoral do pesquisador se abre a proposta de elaboração de materiais pedagógicos na área de ensino de ciências sobre as digissexualidades, sob o aporte dos estudos da CT&i aliada à Educação Sexual, na especificidade das ciências da sexualidade humana e, não muito distante, de uma futura área das ciências da sexualidade robótica ou digissexual.

Palavras-chave: Robôs sexuais. Digissexualidades. Educação Sexual

The screenshot shows a web browser window with the URL eventosacademicos.ufmt.br/index.php/jopeqal/JOPEQAL2022/author/submission/15678. The page title is "#15678 Sinopse". The main content area is divided into two tabs: "RESUMO" and "AVALIAÇÃO". The "RESUMO" tab is active, showing the submission details. The submission is titled "CREIO QUE SERIA MAIS FÁCIL SE RELACIONAR COM UM ROBÔ": DESVENDANDO AS DIGISSEXUALIDADES, authored by CLAUDIONOR Renato da SILVA and Josiane Peres Gonçalves. The submission date is 13 agosto, 2022 - 09:59. The status is "Aguardando designação".

Pesquisar

Informações sobre a Conferência

- » Visão Geral
- » Chamada para submissões (1 junho, 2022 - 15 agosto, 2022)
- » Políticas das Modalidades
- » Apresentações
- » Agenda da Conferência
- » Organização e Parceiros
- » Cronograma

Procurar

- Por Conferência
- Por Autor
- Por título

INFORMAÇÃO

- Para leitores
- Para Autores

#15678 Sinopse

RESUMO **AVALIAÇÃO**

Submissão

Autores	CLAUDIONOR Renato da SILVA, Josiane Peres Gonçalves
Título	"CREIO QUE SERIA MAIS FÁCIL SE RELACIONAR COM UM ROBÔ": DESVENDANDO AS DIGISSEXUALIDADES
Documento original	Nenhum(a)
Docs. Supls.	Nenhum(a) INCLUIR DOCUMENTO SUPLEMENTAR
Submetido por	Professor CLAUDIONOR Renato da SILVA
Data de submissão	13 agosto, 2022 - 09:59
Modalidade	Submissões gerais
Diretor	Nenhum(a) designado(a)

Situação

Situação	Aguardando designação
Iniciado	13-08-22
Última	

3.3
MACRO SEÇÃO III
MARCO TEÓRICO DAS DIGISSEXUALIDADES

MARCO TEÓRICO DAS DIGISSEXUALIDADES

Esta seção organiza um marco teórico do tema ou do estudo sobre as digissexualidades. A partir desse marco teórico mapeado se faz a organização de um texto ensaístico que apresenta os diversos possíveis subtemas ou temas alinhados ao entendimento da terminologia ou ainda da “noção” – utilizando a linguagem da sociologia – do que vem a ser digissexualidades numa perspectiva múltipla geográfica do que se tem produzido, nos últimos anos sobre o tema em diversas partes do mundo e em diversos idiomas.

O alerta da macro seção é que o Marco Teórico não pode ser confundido com Estado da Arte, nem com Pesquisa Bibliográfica, muito menos com Análise Documental. Por isso, uma breve apresentação da teoria do método e a dinâmica de sua aplicação (metodologia) a partir de Sampieri; Collado e Lúcio (2006) integra a presente macro seção.

SUMÁRIO DA MACRO SEÇÃO

1 Introdução

2 A teoria do método do marco teórico (MT) em Sampieri; Collado; Lucio (2006)

3 Organização do marco teórico

4 Considerações finais

5 Referências

1 INTRODUÇÃO

Marcar teoricamente um tema ou estudo é encontrar aquele ou aqueles textos que sem eles não há um referencial que demonstre a natureza, como se desenvolve/aplica e qual seu “estado” atual.

Natureza é se perguntar: qual a origem? De onde nasce esse tema ou estudo? Perguntar como o tema ou estudo se desenvolve ou aplica é identificar como se comporta ao longo dos anos, ao longo de um eixo ou assunto específico e quem sabe até lançar projeções futuras a partir de uma base bem ampla e satisfatória do ponto de vista qualitativo e quantitativo (pesquisas teóricas e empíricas) com conclusões plausíveis, sejam dedutivas ou indutivas. O estado atual do estudo ou do tema é responder a pergunta: Estado atual não é a mesma coisa que entender o desenvolvimento e aplicação do tema ou do estudo; envolve fazer atualizações, digamos de uns dois ou três últimos anos e algumas projeções para os próximos dois, quatro ou cinco anos.

É sob esse tripé natureza/aplicação/atualidades e tendência que essa macro seção organiza um MT sobre as digissexualidades, responde o que é, apresenta sua aplicação e aponta para a atualidade e possível tendência.

O levantamento de dados foi realizado em setembro de 2021 e o tratamento com a metodologia de análise e execução foi desenvolvido em junho de 2022, seguindo o cronograma do estágio pós-doutoral.

Essa macro seção se organiza em uma subseção central, a 2, para apresentar o resultado do MT.

Na subseção 3 se faz uma breve conclusão, seguido de dois Apêndices, oriundos do MT que são apresentados na seção 5, dos Apêndices: as palavras-chave das digissexualidades e um pequeno vocabulário de 30 palavras também extraídos do MT.

2 A TEORIA DO MÉTODO DO MARCO TEÓRICO (MT) EM SAMPIERI; COLLADO; LUCIO (2006)

Geralmente, confundido como Pesquisa Bibliográfica, o MT tem uma singularidade na produção de Sampieri; Collado e Lúcio (2006): marcar um tema, a partir de um ou mais textos. Logo, não é um elenco sem a identificação de um ou mais textos que se pode dizer, por exemplo, é a partir desse ou desses textos que determinado tema ou estudo pode ser referenciado.

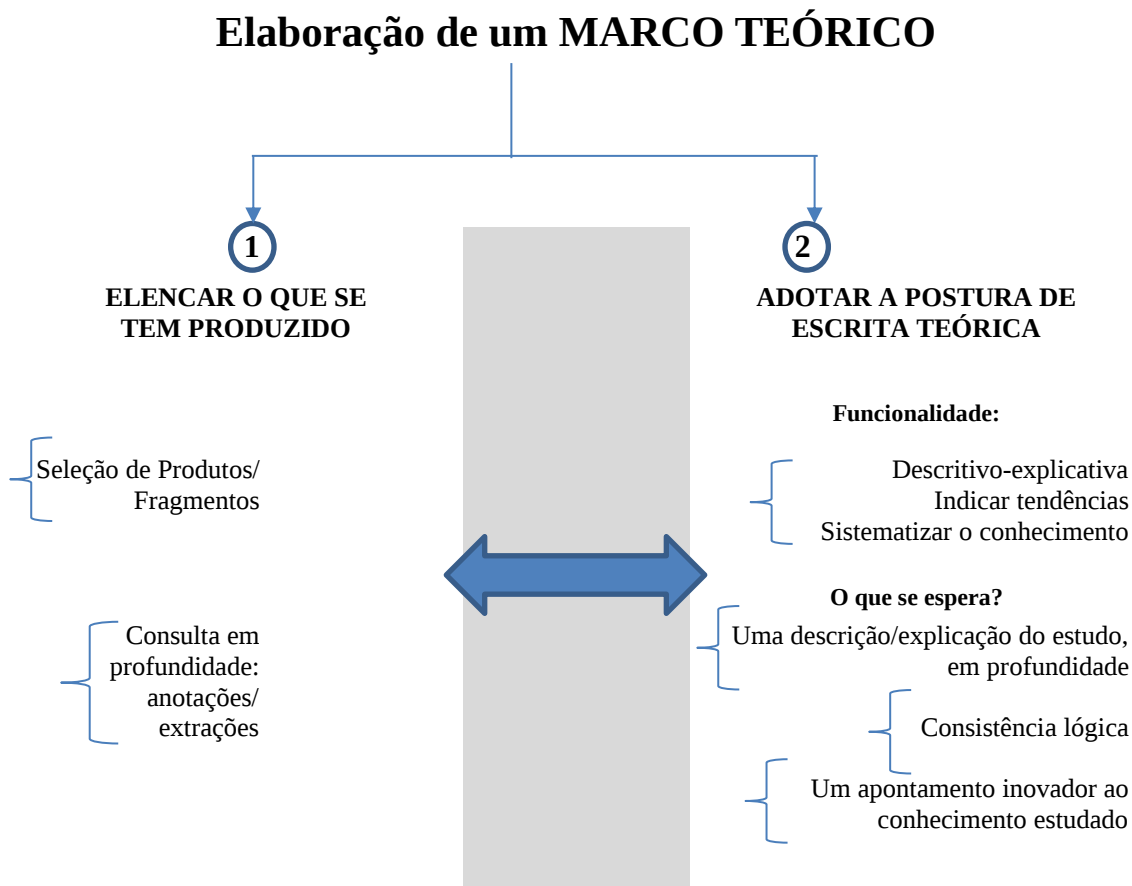
Desta forma, então, que as citações de determinado artigo ou livro são essenciais na atividade do pesquisador(a) que trabalha com essa metodologia.

Outro destaque que a diferencia e a distância da Pesquisa Bibliográfica – e não são apenas estas - o método do MT é interessante, pois, uma referência nos leva a outra ou outras referências. Um exemplo são as citações e no interior de um mesmo texto, referenciais, metodologias, noções, conceitos que levam a outros textos e novas frentes de pesquisa. Por isso, a leitura completa da obra, ou do resumo, e, talvez, da resenha crítica, para se abrirem horizontes ao pesquisador(a) no aprofundamento do estudo. O que o pesquisador(a) não pode fazer é perder a linha dos caminhos por onde vai trilhar lugares ainda não conhecidos. Deixar a linha bem fixa lá atrás e seguir no aprofundamento, para depois retornar ao início de onde estava, é fundamental, exige atenção no trabalho de laboratório do texto.

Algo que aconteceu na pesquisa, para dar um exemplo da prática e da aplicação do MT, deixando a linha sempre à frente e presa lá atrás, na pista central: a descoberta nos referenciais das digissexualidades da perspectiva da psicologia positiva (Martin Seligman) que orientou Dubé; Ancil (2021) a construir a noção de tecnologia positiva (TP) dando destaque à saúde digissexual e a naturalidade de se tratar e se considerar os digissexuais como pessoas “normais”. Sem o acesso às citações e sem se aprofundar na teoria da psicologia positiva seria impossível dar essa outra dimensão aos estudos das digissexualidades, já que uma boa parte das produções sobre digissexualidades são extremamente críticas, negando-a, silenciando-a, principalmente, textos religiosos, textos sobre ética, sobre biologia, etc.

A Figura a seguir apresenta a visão geral do MT na perspectiva de Sampieri; Collado e Lúcio (2006).

FIGURA 2 – Desenho geral do MT



Fonte: Sampieri; Collado; Lúcio (2006).

O MT nada mais é do que a base ou sustento que delinea determinado tema ou estudo; proporciona o estado do conhecimento:

- Orienta o estudo;
- Previne erros, pois se aprofunda na temática, encontra pontos positivos e negativos, eliminando qualquer dúvida;
- Amplia o tema;
- Inspira novos estudos e investigações;
- Ajuda na alimentação de hipóteses de novas pesquisas;
- Assume-se um marco de referência inicial para o tema em estudo.

Mas, o que é teoria ou qual sua compreensão no interior do método, conforme Sampieri; Collado; Lúcio (2006)?

Teoría es un conjunto de constructos (conceptos) interrelacionados. Definiciones y proposiciones que presentan una visión sistemática de los fenómenos al especificar las relaciones entre variables, con el propósito de explicar y predecir los fenómenos (SAMPIERI; COLLADO; LÚCIO, 2006, p.80).

Esta definição vem de Kerlinger; Lee (2002). Outros apoios para a definição de teoria, dentro do MT, vêm de Black; Champion (1976)⁶ e Blalock (1976)⁷, respectivamente,

Una teoria es un conjunto de proposiciones vinculadas sistemáticamente que especifican relaciones causales entre variables (SAMPIERI; COLLADO; LÚCIO, 2006, p.82).

Las teorías no sólo consisten en esquemas o tipologías conceptuales, sino que contienen proposiciones semejantes a leyes que interrelacionan dos o más conceptos o variables al mismo tiempo. Más aún, estas proposiciones están interrelacionadas entre sí (SAMPIERI; COLLADO; LÚCIO, 2006, p.82).

Os Apêndices apresentados ao final da obra são o início da organização de um possível aprofundamento na elaboração de uma teoria sobre as digissexualidades, o que pode incluir, um verbete ou vários verbetes possíveis, a partir dos resultados encontrados. Mas, o MT entende a teoria como elementos inovadores referentes ao tema estudado e que se acoplam como conceitos, categorias, definições, etc. Contudo, na proposta da pesquisa se opta para a construção desta teoria sobre as digissexualidades, o uso da metodologia *Grounded Theory*, mas, é perfeitamente possível uma construção de teoria a partir do MT. Um bom começo prático-teórico da análise de dados de um MT é a elaboração de um verbete.

Finalmente, vale o apontamento de Sampieri; Collado; Lúcio (2006) de que uma teoria só é útil - ou uma teorização, tal como será aplicada na próxima macro seção sob a metodologia *Grounded Theory* – se ela descreve, explica e prevê tendência(s) e ainda:

- Se possui consistência lógica;
- Perspectiva ou olhares, posicionamentos, a favor e a contrário;
- Inovação (frutificação heurística, ou seja, abstrações mentais decisórias sérias e coerentes ainda que não justificáveis e sem uma clareza, coesão intrínsecas ao tema ou à problemática da pesquisa);
- Parcimônia epistemológica, o que não significa não se posicionar e ainda pretende manter a relação entre as variáveis e o valor das hipóteses na construção do conceito ou da teoria, sem exageros ou “menos, sempre é melhor”.

⁶ BLACK, JAMES A. ; CHAMPION, DEAN J. **Methods and issues in social research**. WILEY, 1976.

⁷ BLALOCK, Hubert M. **Introdução à pesquisa social**. 2ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

Retomando sobre alguns pontos relevantes do MT.

Uma das novidades da teoria do método do MT proposto por esses autores é que uma terceira possibilidade do uso da metodologia é servir como etapa inicial ou final de pesquisas quantitativas, ou seja, depois de todo levantamento estatístico de um fenômeno estudado, o pesquisador quantitativo irá recorrer ao MT para ampliar suas descobertas métricas o que não é muito comum, sobretudo, na educação e em algumas áreas mais “exatas” quando não há uma preocupação de fundamentação para os dados obtidos quantitativamente, o que, sem dúvida, possibilita um estudo muito mais completo do que apenas numérico. Se o objetivo é antecipar possibilidades quantitativas, por exemplo, o MT, segundo Sampieri; Collado; Lúcio (2006) pode propiciar aprender mais sobre a história do tema em estudo, sua origem; pode dar ao pesquisador a possibilidade de decidir qual será a melhor maneira de coletar os dados e como obtê-los. Se o MT for a atividade de pesquisa, depois de realizada a pesquisa quanti, essa é empregada, por exemplo, para um aspecto inovacional interessante: construir teorias e explicações a partir de métricas, estatísticas. Mas, retirando esse aspecto, os dados estatísticos ao lado do MT, ao final da pesquisa quanti, serve para desenvolver novas perguntas, hipóteses e objetivos de pesquisa (SAMPIERI; COLLADO; LÚCIO, 2006).

Ao se construir o MT nos dois primeiros eixos apresentados na Figura anterior, alguns aspectos são essenciais na seleção dos textos de fontes primárias (artigos originais em sua versão primeira no idioma), ou secundárias (citações destes artigos originais em outros artigos) e até terciárias (referenciais dos artigos de fontes secundárias ou suas respectivas citações de segunda ordem) – tal como se desenvolveu na pesquisa sobre as digissexualidades por um caminho escolhido pelo pesquisador, mas que não está na teoria da obra em referência – ou seja, algumas atenções a serem dadas para construção das etapas 1 e 2 do MT, segundo, Sampieri; Collado; Lúcio (2006) são:

- Ir diretamente às fontes primárias ou originais e dominar a área em estudo, pelo menos, de forma mais ampla e geral, como interesse de pesquisa;
- Consultar os especialistas da área com suas outras publicações sobre o mesmo tema, caminhando entre a fonte primária e a fonte secundária;
- Revisar atentamente as fontes terciárias para possível ligação ou ligações com as fontes, inicialmente, secundárias, depois primárias;
- Utilizar sites ou sistemas de internet confiáveis.

Esse cuidado com as fontes é que permitem pelas quantidades de citações de uma fonte primária ou secundária, sobretudo, refinar o texto teórico resultante do processo de elaboração do MT.

Finalmente, a estrutura adotada na macro seção é a de um texto ensaístico direto e livre colocando as referências ao final. Sampieri; Collado; Lúcio (2006) sugerem uma apresentação dos referenciais no próprio texto, seguido de uma apresentação de resumo sobre a fonte. No caso desta pesquisa, se apresentam citações diretas e pequenos comentários, fruto da leitura e análise do pesquisador; trata-se de uma escolha que possibilita o uso destes mesmos dados das citações diretas para a construção da teorização pela metodologia Grounded Theory que será a próxima macro seção da pesquisa.

Mas é importante que se afirme que para os pesquisadores Sampieri; Collado; Lúcio (2006) o MT na dimensão da identificação das fontes (em especial, o eixo 1 “elencar o que se tem produzido”) deve apresentar apenas os seguintes itens, seja na forma de tópicos ou de um texto “corrido” e “livre”:

- Citação do referencial;
- Problema de investigação e hipótese;
- Amostra de sujeitos (se houver);
- Procedimentos da investigação (metodologia) – algo muito difícil de detectar em textos com temáticas emergentes como as digissexualidades, geralmente, textos teóricos;
- Resultados;
- Conclusões do estudo.

Portanto, o MT não é um texto de aprofundamento teórico, nem espaço para análises complexas, por isso é um “marco”, identificação de alguns textos que significam muito para o estudo da área, podendo ser artigos, capítulos de livros ou e-books, bem como, livros ou e-books.

Apresentadas, brevemente, os fundamentos do MT, passa-se a apresentação dos resultados dessa parte da pesquisa.

3 ORGANIZAÇÃO DO MARCO TEÓRICO

Esta subseção identifica o que há sobre o tema e estrutura um ensaio teórico sobre as digissexualidades com base na aplicação da metodologia do Marco Teórico, uma teoria desenvolvida sobre um tema ou estudo, assim como postulados por Sampieri; Collado; Lucio (2006).

O primeiro texto do levantamento é de McArthur; Twist (2017).

A digissexualidade está longe de ser nova. O crescimento da tecnologia digital e seu uso para fins sexuais estiveram intimamente interligados ao longo de sua história. Acreditamos, no entanto, que estamos entrando em uma fase nova e distinta desse processo. Com isso em mente, definimos duas ondas distintas de tecnologia sexual. A "primeira onda" atingiu um estado de relativa maturidade e estabilidade, embora, certamente, continue a evoluir e desenvolvimentos revolucionários continuem possíveis. A "segunda onda" só agora está emergindo e, embora certa, as tendências são claras, é difícil fazer previsões sobre sua direção. (McArthur; Twist, 2017, p. 4)⁸.

O segundo detalhe mais importante desse importante texto para as digissexualidades é o que chamarei nesse estudo de “psicologia e terapia para digissexuais”, ou seja, aqueles espaços-situações em que a saúde sexual do indivíduo começa a interferir em sua vida social.

Estamos mais preocupados com as implicações sociais e terapêuticas sobre as quais acreditamos que algo pode ser dito. Além disso, acreditamos que, devido à natureza imersiva das digissexualidades de segunda onda, a tecnologia pode muito bem deixar de ser um membro de nossos sistemas relacionais, ou uma torção ou fetiche, tornando-se a base para uma forma distinta de identidade sexual - uma identidade digissexual [...] (p.10).

É nesse segundo aspecto que os autores desenvolvem a apresentação do Programa Estrutura de Tecnologia da Família (ETF)

[...] que foi criada com base na literatura empírica e no estudo para ajudar os indivíduos e sistemas relacionais a fazer escolhas informadas, e gerenciar melhor as atividades baseadas na tecnologia em suas vidas McArthur; Twist, 2017, p. 13)⁹.

As bases da ETF são as obras Hertlein (2012) e Hertlein; Blumer (2013).

O artigo, com 43 citações, no levantamento realizado em 2021. Na releitura do levantamento, em 2022, a artigo já contava com mais de 70 citações no Google Acadêmico em várias outras versões de idiomas, sendo a produção original, no idioma inglês.

⁸ Utilizada a tradução realizada por Silva (2021).

⁹ Utilizada a tradução realizada por Silva (2021).

Woodward (2020) inicia sua discussão sobre o desenvolvimento da cibersexualidade e em como esse desenvolvimento coloca em “cheque” nossas noções ou culturas sobre intimidade, sexualidade e tantas outras noções e culturas sobre a afetividade e as relações sexuais.

Apresenta Turkle et al (2006): autor que considera os robôs como artefatos relacionais.

É crescente, segunda a autora (Woodward, 2020), o número de digissexuais, ao redor do mundo, ao mesmo tempo, em que, também, se discute e se jurisprudência a autonomia dos robôs e seus direitos. Relacionamento com robôs é autoerotismo? É uma pergunta. A família e os valores tradicionais estão em risco? Será o fim do sexo - como ouvi em uma de minhas comunicações orais sobre o tema em congressos científicos?

Zhydko (2019) em “Peculiaridades da digissexualidade entre homens ucranianos modernos” o assunto das masculinidades toma espaço, no interior de uma base ou campo de pesquisa na Psicologia, assim como no texto de McArthur; Twsti (2017).

Na Ucrânia, os estudos das digissexualidades não estão presentes, a não ser a crítica religiosa e os adeptos do “não”. O estudo se dedica a apresentar como os homens ucranianos usam conteúdos eróticos e pornográficos online em sua vida sexual; diferenciam, teoricamente, o que é erótico e o que é pornográfico, destacando que essa diferenciação é muito recente na área da psicologia naquele país.

É Zhidko quem vai afirmar que McArthur (2016) é um dos “criadores” ou criador do termo “digissexualidades”.

O conceito de digissexualidade (digissexuais) foi proposto pela primeira vez em 2016 no artigo do diretor do Center for Professional e Ética Aplicada na Universidade de Manitoba em Winnipeg (Canadá), professor assistente Neil MacArthur no Journal of Sexual and Terapia de Relacionamento. **Investigando as implicações imediatas da introdução de tecnologias imersivas** (ou seja, aquelas que fornecem a efeito de presença plena no ambiente virtual) **ele invocou neste conceito uma nova identidade sexual** associada ao uso para fins sexuais interações (tanto entre as pessoas quanto entre o homem e vários produtos do intelecto artificial, por exemplo, andróides sexuais) de tecnologia. Sua citação foi difundida na mídia do espaço informacional pós-soviético. Segundo ele, “pode-se dizer com segurança que a era do sexo virtual tridimensional chegou. Como essas tecnologias evoluir, seu uso crescerá e muitas pessoas começarão a identificar eles mesmos como “digissexuais” - aqueles cuja principal identidade sexual é percebido através do uso da tecnologia... Muitos deles vão perceber que a experiência com esta tecnologia se torne parte integrante (ZHIDKO, 2019, p.307, grifos meus).

Silva (2020) aparece no levantamento como um texto em língua portuguesa que apresenta a digissexualidade como identidade sexual e uma fonte para possibilidade da criação de uma definição ou categoria do que poderia unir CT&i e algo prático para o currículo de educação sexual, trazendo essa nova identidade para o campo de estudos dessa grande área.

Twist; McArthur (2020) ainda numa perspectiva psicológica como no texto que escrevem juntos, em 2017, tratam dos Comportamentos Sexuais Fora de Controle¹⁰ (OCSB) no contexto da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2006).

Por fim, embora a OMS tenha reconhecido recentemente o Transtorno do Jogo (OMS, 2018) e o Transtorno do Comportamento Sexual Compulsivo (OMS, 2019), a American Psychiatric Association (APA, 2013) não definiu nenhum comportamento relacionado à tecnologia nem comportamentos sexuais fora de controle como transtornos de saúde mental até o momento. Além disso, a AASECT (2016) deu um passo adiante ao assumir a posição de que não há evidências para diagnóstico de 'vício em sexo' nem tratamento e, portanto, recomenda que seus membros não se envolvam em práticas que condenam ou patologizam o que parece ser sexo consensual. atividades e comportamentos (por exemplo, envolvimento com pornografia on-line e off-line, atividade sexual própria ou de parceria frequente, etc.) (TWIST; MCARTHUR, 2020, s/p)¹¹.

Essa consideração é muito importante para as questões psicológicas e de outras naturezas discursivas que apontam críticas – geralmente, sem fundamentação científica – com relação aos digissexuais. Para os autores a avaliação da saúde sexual do indivíduo com a tecnologia deve ser medida sob o critério do relacionamento saudável deste com a tecnologia.

Também propomos que a melhor maneira de avaliar o uso da tecnologia pelas pessoas é olhar para o relacionamento das pessoas com sua tecnologia como um *relacionamento* [...], e avaliar seu relacionamento usando ferramentas semelhantes às que usamos para avaliar a saúde dos indivíduos dentro de si e dentro de seus relacionamentos. Algumas dessas ferramentas que podem ser usadas para tal avaliação da natureza do relacionamento entre as pessoas e sua tecnologia incluem: teoria do *digiattachment* [...], a estrutura tecnológica do casal e da família [...], e através das lentes da identidade digissexual [...]. No entanto, não adianta ter ferramentas de avaliação para medir a natureza da relação entre pessoas e tecnologia sem uma definição clara do que significa ser digitalmente saudável ou experimentar comportamentos digitais fora de controle [...] (TWIST; MCARTHUR, 2020, s/p)¹².

Essa é a proposta do artigo: definição de 1) ser digitalmente saudável (*digisaúde*); 2) o que é experimentar comportamentos digitais fora de controle, com base em Twist (2020).

Definição de *digisaúde* (saúde digital), por Twist; McArthur (2020):

A saúde digital é o **resultado do envolvimento com a tecnologia digital** de forma a promover o bem-estar físico, psicológico e social. Requer uma abordagem respeitosa e positiva à tecnologia e aos relacionamentos online. Resulta na possibilidade de ter experiências baseadas em tecnologia prazerosas e seguras, livres de coerção, discriminação e violência. Para que a *digihealth* seja alcançada e mantida, os direitos das pessoas online e offline devem ser respeitados (TWIST; MCARTHUR, 2020. s/p, grifos meus).

¹⁰ A sigla em inglês é OCSB

¹¹ Tradução aproximada retirada da internet e adaptada pelo autor.

¹² Tradução aproximada retirada da internet e adaptada pelo autor.

São princípios da *digihealth*:

[...] cinco princípios fundamentais, que são os seguintes: 1) **consentimento** – todas as partes devem concordar livremente e participar entusiasmadas em todas as experiências digitais, 2) **proteção contra exploração e danos** – experiências digitais deve ocorrer de forma que a integridade física e psicológica dos participantes seja protegida, 3) **honestidade** – as experiências digitais devem ser baseadas em informações abertas e verdadeiras sobre os participantes na medida em que tais informações sejam relevantes para a experiência compartilhada, e em um conhecimento compartilhado, compreensão sobre a natureza da experiência, 4) **privacidade** – os participantes de experiências digitais devem manter o direito de proteger informações pessoais para sua própria proteção e segurança, e 5) **prazer** – os participantes devem ser livres para buscar experiências digitais prazerosas sem vergonha (TWIST; MCARTHUR, 2020, s/p, grifos meus)¹³.

Comportamentos Sexuais Fora de Controle (CSFC),

[...] é definido como um **problema de saúde digital** no qual os pensamentos, impulsos e comportamentos consensuais relacionados ao digital de uma pessoa *se sentem fora de controle para eles* [...]. Por meio dessa lente, então, a CSFC pode ser abordada não pela abstinência da tecnologia (como muitas vezes prescrevem as pessoas que vêm de uma lente de 'vício'), mas sim pela resolução de preocupações relacionadas aos princípios da digisaúde, bem como pela atenção ao digattachment, digisexuality, e vários componentes observados na estrutura de tecnologia de casal e família (TWIST; MCARTHUR, 2020, s/p, grifos meus).

Gersen (2019, 1793)¹⁴ traz ao debate os robôs sexuais, “Criados especificamente para permitir que os indivíduos simulem experiências eróticas e românticas com um ser humano aparentemente vivo e presente, os robôs sexuais, em breve, forçarão os legisladores a abordarem o aumento da digissexualidade e o relacionamento humano-robô. (GERSEN, 2019, 1793)”. São dez citações no *Google Acadêmico*.

Além de apontar os robôs sexuais como uma realidade entre nós, Gerson (2019) levanta uma questão importante que é a jurisprudência ou os aspectos diretamente ligados à cidadania robótica (Danaher; McArthur, 2016); algumas questões para o marco teórico:

- A relação afetiva com um robô será de natureza apenas para masturbação? Para substituição simples por um(a) humano(a)? Um contato não consensual?
- Relacionar-se com um robô nos torna menos ou mais humanos? Em que medida?
- Os robôs sexuais como serviçais de práticas sexuais abusivas ou aquelas mesmas que se podem serem realizadas também com humanos? Robôs sexuais como “saídas” para comportamentos sexuais reprováveis em algumas culturas.
- O relacionamento com robôs aumentará o distanciamento entre humanos?

¹³ Tradução aproximada retirada da internet e adaptada pelo autor.

¹⁴ Tradução aproximada retirada da internet e adaptada pelo autor.

- Se os robôs forem utilizados como treinadores(as) de bons comportamentos humanos, terá isso a contribuir com a “melhoria” da sociedade?

De toda forma, uma regulamentação jurídico-social se faz necessário, mas com muito diálogo social-cultural, educativo, de saúde, de segurança pública, política, religiosa, ética, etc.

Este ensaio explora as consequências dos robôs sexuais na sociedade e argumenta que as questões de como os robôs sexuais melhorarão ou piorarão o tratamento dos humanos entre si são a chave para a regulamentação futura. O que está claro é que os robôs sexuais exigirão que lidemos com nossas vulnerabilidades nos relacionamentos, reconsideremos os direitos fundamentais e questionemos o que significa ser íntimo e humano (GERSEN, 2019, p. 1793).

Geralmente, as pessoas podem ser mais tranquilas em aceitar alguém que cuida bem do seu carro, do seu celular, mas, compreender ou aceitar uma relação com robô, num mesmo nível de afeto, pode trazer alguma dificuldade ou não aceitação. E, agora, pensar uma relação afetiva mais profunda ou diferente, como uma relação sexual com um robô parece estar muito distante do pensamento e reflexão das pessoas.

Beatriz Aoki e Takeshi Kimura (Aoki; Kimura, 2021) elaboram uma reflexão sobre os dispositivos tecnológicos sexuais, com destaque aos robôs sexuais, também, assim como Gérsen (2019). Na reflexão, os autores buscam na cultura japonesa nos apresentarem como as digissexualidades são construídas na atualidade sob o ponto de vista da cultura e da história oriental.

Junto com o estudo de Zhydko (2019) sobre as masculinidades na Ucrânia, Aoki; Kimura (2021) se desdobram para colocar as digissexualidades sob o crivo da cultura, portanto, da antropologia.

[...] surgiram termos como sexualidade pós-humana, digissexualidade e tecno-sexualidade, sinalizando possíveis novas compreensões de práticas sexuais, de intimidade e emocionais. **É importante notar que a história antiga mostra que a humanidade há muito tempo é fascinada por sua relação com coisas não vivas, principalmente figuras semelhantes a humanos, como bonecas.** O Ningyo (人形, o termo japonês para boneca) tem uma longa história de uso e tem um profundo significado religioso e animista **no contexto japonês** - há **registros de uso sexual já no século XVIII**. Com esse contexto em mente, este artigo se concentra em três exemplos japoneses, com o objetivo de esclarecer as relações além-humanas, que incluem o casamento de um homem japonês com um personagem digital, bonecas sexuais e robôs comunicativos, tanto do ponto de vista sexual quanto emocional. Em um novo horizonte de possibilidades sexuais e românticas, como os humanos responderão e o que pode emergir dessas interações? (AOKI; KIMURA, 2021, p.1, grifos meus).

Com Mercer; Trothen (2021) encontramos uma primeira reflexão às digissexualidades referente às ciências da religião. Os autores procuram não se posicionar a favor ou contra a tecnologia como recurso de “aprimoramento” do humano, mas trazem essa tecnologia na forma como nos constituiremos humanos; dito de outra forma, faz-nos pensar sobre os efeitos da tecnologia nas ciências da religião.

Não podemos situar a obra entre os críticos extremistas. Acredito que estejam sobre o “calibre” intermediário entre o que a religião proclama e o que as tecnologias, particularmente, a Inteligência Artificial, voltada à sexualidade, efetivamente representam de mudanças na religiosidade dos indivíduos.

Twist (2020) trata nesse artigo, já citado anteriormente, neste marco teórico, da saúde sexual e, na especificidade deste artigo, a saúde sexual em plena pandemia COVID-19.

Essas preocupações de saúde pública e privada são justificadas, pois há evidências de que o COVID-19 pode ser transmitido por contato direto com uma pessoa infectada por meio de fluidos corporais, incluindo: saliva, muco, fezes e potencialmente sêmen (Cidade de Nova York; Departamento de Saúde de Nova York, 2020). Embora continue a não haver evidências conhecidas de que o COVID-19 tenha sido encontrado nem seja transmissível através de fluidos vaginais, nem que tenha havido transmissão sexual do COVID-19 (Departamento de Saúde de Nova York, 2020). Para que uma imagem mais abrangente possa ser fornecida, pesquisas em andamento são necessárias para explorar mais profundamente a transmissão do COVID-19 por meio do envolvimento da atividade sexual, bem como os efeitos do COVID-19 na saúde reprodutiva (AITKEN, 2020; HUSSEIN, 2020, s/d)¹⁵.

Neste livro, Hertlein; Twist (2019) tratam das implicações psicológicas das tecnologias nos relacionamentos entre casais e a família. Hertlein já possui uma produção com Blumer (Hertlein; Blumer, 2013) sobre o programa Estrutura de Tecnologia da Família (ETF), trabalhado com detalhes na segunda parte do artigo de McArthur; Twist (2017); conta ainda, com uma produção autoral de 2012 (Hertlein, 2012), também citada por McArthur; Twist (2017).

Os capítulos se concentram em questões como namoro e infidelidade on-line, paternidade e Internet, videogames, cyberbullying e uso diário de mídias sociais e novas mídias, antes de fornecer orientações sobre como o leitor pode navegar com sucesso pelas vantagens e riscos que surgem do uso de tecnologias específicas. Um apêndice on-line oferece uma variedade de avaliações e ferramentas práticas para identificar problemas e soluções relacionados à Internet. Uma parte do texto também é dedicada à aplicação da estrutura da Tecnologia de Casal e Família e como ela pode ser efetivamente integrada à prática atual dos médicos. Terapeutas de casal e família acharão este livro altamente informativo, tanto para usar em sua própria prática quanto para encaminhar clientes como parte do processo de tratamento (HERTLEIN; TWIST, 2019, s/d)¹⁶.

Existem 12 citações no *google* acadêmico sobre esse livro.

González-González; Gil-Iranzo, Paderewski-Rodríguez (2020), com 16 citações no marco teórico, também tratam dos robôs sexuais (sexbots), numa revisão da literatura entre 1980 a 2020. A revisão não difere muito do que se tem encontrado pelo autor dessa pesquisa de pós-doc quanto à

¹⁵ Tradução aproximada retirada da internet e adaptada pelo autor.

¹⁶ Tradução aproximada disponível em: <https://www.routledge.com/The-Internet-Family-Technology-in-Couple-and-Family-Relationships/Hertlein-Twist/p/book/9781138478053>

tendências dos estudos sobre a opinião dos usuários das tecnologias sexuais e, no contexto dos robôs, as regularizações legais.

Um artigo produzido por brasileiros: Santos; Baia (2021).

Apresentam uma definição de digissexualidades.

O aspecto imersivo de sexualidade digital, estruturado pela sociedade, proporcionou a realidade apresentar uma caracterização para **indivíduos que possuem o âmago sexual com a tecnologia imersiva e não mais com outro humano**. Neste sentido, tem-se a digissexualidade, em que “Cientistas canadenses anunciaram o advento de uma nova era – o sexo virtual, sexo com imersão e o surgimento de uma nova relação sexual - “sexo digital”, pessoas que satisfarão suas necessidades sexuais exclusivamente através de tecnologia virtualmente real.” Em outras palavras, a digissexualidade estrutura uma nova forma de identificação sexual, em que o ser humano já não possui mais o vínculo sexual com outro indivíduo, e esta relação passa a ser estruturada com a tecnologia, em específico, com um robô.⁴¹ Sendo assim, tem-se a influência na própria identidade de gênero, em que “Em 2016, representantes da Associação Psiquiátrica Mundial declararam oficialmente que há uma necessidade real de o curso da identidade de gênero não binária [...] – a humanidade está à beira de levantar as bases biológicas do sexo (SANTOS; BAIA, 2021, p.186, grifos meus).

Concluem o artigo com duas citações que merecem algumas problematizações para ao marco teórico.

A sociedade, conforme evidenciado, está evoluindo em todo o instante do transcorrer da história, portanto, a digissexualidade, seja no presente e no futuro, não irá estruturar fim aos diversos outros modos de sexualidade. Pelo contrário, irá possibilitar de forma mais amplificativa que, tanto seres humanos, como a própria tecnologia, estejam livres para escolherem e manifestarem sua sexualidade. Nesta estruturação, é possível visualizar tal conjuntura ao se analisar o efeito do acordo entre os personagens do episódio Striking Vipers, da série Black Mirror, onde todos os envolvidos no círculo de relacionamentos de Danny puderam se manifestar em suas satisfações pessoais, dentro dos ditames estabelecidos. Neste diapasão, os aspectos discriminatórios aos indivíduos Digissexuais, originados pelas sociedades arraigadas por parâmetros de exclusão e de diminuição ao humano, geram, por conseguinte, dantescas feridas aos Direitos Humanos. Sendo assim, a cura de tal enfermidade pode ser alcançada, inicialmente, pela maior consciência social para a compreensão de um mundo onde a tecnologia esteja em sintonia profunda com a sociedade, por maiores proteções jurídicas ampliativas e políticas públicas para a futura harmonia social, nos ditames entre a humanidade e tecnologia (SANTOS; BAIA, 2021, p.190).

Na citação seguinte Santos; Baia (2021) falam sobre políticas públicas e a relação com as digissexualidades:

[...] ao que tange as políticas públicas, a própria sociedade, em conjunto com o Governo e empresas tecnológicas, devem estruturar relações de aprendizagens e debates entre os digissexuais, a sociedade em geral e os robôs, para que cada polo explore as suas visões, formando um vínculo afetivo entre a complexidade das relações humanas. Destarte, a humanidade aprenderá com os erros do passado e evitará que os mesmos sejam estruturados no futuro, formando um presente que respeite e tutele o livre arbítrio do ser humano. Portanto, ao escopo de ilidir os aspectos discriminatórios, a sociedade deve vislumbrar que um digissexual é, acima de tudo, um ser humano e merece a tutela da sua escolha, da mesma forma que um robô merece a garantia de ter seus direitos protegidos. Neste parâmetro, a

sociedade tornar-se-á um ambiente pautado na igualdade plena de direitos, independentemente de os mesmos estarem tutelados aos humanos ou à tecnologia (SANTOS; BAIA, 2021, p.190).

Hancoock (2020) assume uma postura mais radical contra narrativas feministas sobre os robôs sexuais dentro de uma campanha em 2015 conhecida na europa como CASR (The Campaign Against Sex Robots¹⁷).

Este artigo procura analisar se sua referência análoga para profissionais do sexo e robôs sexuais tem credibilidade e viabilidade no contexto da indústria do sexo digitalizada e no mercado de teledildônicos e robôs sexuais. Além disso, este artigo também formulará soluções para as disputas éticas e sociais em torno da fusão de bonecas sexuais e robôs dentro da indústria do sexo contemporânea. Para destrinchar o radical argumento das feministas em torno dos robôs sexuais e da indústria do sexo, as seguintes alegações serão abordadas:

- A objeção moral a robôs sexuais femininos usando trabalhadora do sexo x cliente como analogias, feitas por algumas feministas são justificadas?
- A oposição aos robôs sexuais é baseada em opiniões informadas sobre a indústria do sexo digitalizada?
- Até que ponto as considerações positivas em torno de robôs/bonecas sexuais e tecnologia sexual são ignoradas nas narrativas de feministas e o CASR?
- Que recomendações de aplicações práticas podem ser feitas para a indústria de robôs sexuais a partir das estipulações do CASR e do estado atual das bonecas/robôs sexuais na indústria do sexo? (HANCOOCK, 2020, 428)¹⁸.

E dessa crítica faz a defesa da indústria do sexo e, nesse caso, mesmo cita McArthur:

Na minha opinião, a tecnologia sexual será a “ponte” entre robôs sexuais e humanos. Hora extra, estaremos cada vez mais conectados com sexo e tecnologia que um dia sexo com robôs será visto como simplesmente mais um passo em nossa evolução ao lado da tecnologia. McArthur é um acadêmico que considerou a evolução da sexualidade humana ao lado da tecnologia. Ele descreve a digissexualidade como uma sexualidade que evolui da própria tecnologia [12]. Em vez de ver os robôs sexuais como inerentemente perigosos para o futuro da intimidade humana, McArthur vê esse relacionamento como parte do evolução da sexualidade humana. Para conceituar o futuro da sexualidade humana e os vários caminhos da cibersexualidade que podem evoluir através da tecnologia, **McArthur cunhou a expressão “digissexualidade” para descrever pessoas que estão tendo relações íntimas com a tecnologia e IA.** O “conceito de digissexualidade” é particularmente interessante a considerar juntamente com a progressão dos robôs sexuais, uma vez que fornece uma estrutura a partir da qual a sexualidade pode ser alinhada ao lado de robôs sexuais. É muito mais fácil visualizar os possíveis futuro de robôs sexuais com humanos, se se vê a ocorrência do sexo com robôs como emblemático da sexualidade e tecnologia evoluindo de forma intercambiável (HANCOOCK, 2020, 437-438, grifos meus).

Há uma grande contribuição aos estudos das digissexualidades que se que se aproximam muito do pensava Silva (2020) sobre o fato de que mais que uma utilidade de prazer tecnológico, esse prazer e viver sexual está atrelado à indústria, a processos de fabricação, pesquisa, desenvolvimento e inovação par atender a um mercado utilitário e consumidor.

¹⁷ Campanha Contra Robôs Sexuais.

¹⁸ Tradução aproximada retirada da internet e adaptada pelo autor.

Embora a digissexualidade possa certamente ser usada para conceituar indivíduos que buscam relacionamentos íntimos com o sexo com robôs, **a ascensão da digissexualidade também está inserida na indústria de tecnologia sexual**, que corre paralela à boneca sexual e mercado de robôs sexuais, respectivamente. As conceituações de McArthur destacam que os atuais desenvolvimentos no sexo da indústria de robôs não estão ocorrendo por causa da exploração patriarcal, elas estão ocorrendo porque a amplitude da sexualidade está se diversificando ao lado da tecnologia. Na tecnologia sexual, a ideia de digissexualidade pode ser evidenciada pelo desejo crescente de alguns indivíduos de forjar suas sexualidades por meio de meios tecnológicos. A prevalência de dildos interativos e masturbadores masculinos aumentou ao longo dos anos e a indústria de tecnologia sexual é avaliada em mais de 6 bilhões de dólares americanos. A prevalência da tecnologia sexual também chama a atenção para as maneiras pelas quais a digissexualidade pode ser usada para fornecer terapia, bem-estar ou princípios de autocuidado para sexualidade. Por exemplo, tem havido esforços por parte da tecnologia sexual *start-ups* e *Hackathons* para considerar os benefícios potenciais para tecnologia sexual e sexualidade com deficiência. Tecnologia sexual teria o poder de fornecer recursos físicos e terapêuticos estimulação para pessoas com deficiência, bem como a construção de plataformas e comunidades através de comunicações móveis e formulários (HANCOCK, 2020, p.438).

Effoduh (2021) também contribui com a reflexão sobre os robôs sexuais em tempos de pandemia, afirmando que, mesmo sem um ordenamento jurídico e as questões de saúde envolvidas, a vivência sexual com robôs parece legítima. No resumo do texto encontramos:

As vendas de bonecas eróticas e robôs eróticos dispararam devido ao COVID-19, à medida que os varejistas capitalizam a situação de bloqueio para incentivar o uso e a compra de seus produtos. Neste artigo, o autor analisa como a fabricação e venda de robôs eróticos levanta uma série de questões jurídicas e políticas, principalmente no que diz respeito às opções de customização, já que alguns usuários desejam que seu robô erótico se pareça com conhecidos, figuras públicas ou mesmo crianças. Embora a legitimação dos robôs eróticos, para além das reações moralizantes e neoludistas que provocam, ainda não tenha sido considerada em vários ordenamentos jurídicos, é provável que o seu uso, posse ou personalização sejam legítimos, até justificados. No entanto, fazer esses robôs eróticos de acordo com as preferências do consumidor pode dar origem a responsabilidade civil ou violação de propriedade intelectual e direitos humanos. Neste artigo, o autor analisa brevemente algumas das alegações normativas sobre por que os robôs eróticos devem ser legítimos ou restritos em condições de confinamento para incentivar o uso e a compra de seus produtos (EFFODUH, 2021, s/p).

Aparece aqui uma nova palavra nos estudos digissexuais: ludismo ou neoludismo. Os ludistas formaram no século XVIII e XIX um movimento operário contra a industrialização, embora não fossem contra a tecnologia, mas, sim, contra os baixos salários e desempregos que promoviam. Os neoludistas, para Effoduh (2021) são aquelas pessoas que têm resistências às tecnologias, embora aceitem conviver com elas e as adquirir.

O capítulo de livro de Zhou; Fischer (2020) trata da relação entre humanos e robôs. Os autores chamam a atenção para os processos psíquicos da relação afetiva, para além do erótico emocional envolvido. A compreensão dessa relação psíquica, pode revolucionar a forma como pensamos o sexo, atualmente, sem a presença efetiva e “popular” dos robôs sexuais.

O texto recorre às ciências cognitivas/neurociências. Estudos nessa esfera teórica merecem uma atenção aos novos estudantes pesquisadores da temática digissexual¹⁹.

Zhou; Fischer (2020) é referência para o livro de Rebecca Gibson (2020) que trata da relação humano-robô, os desejos humanos num outro robô. Na obra ficção e ciência se misturam. Em resenha sobre a obra Wayne Fife²⁰ declara:

Gibson está interessada tanto na vida real quanto na vida imaginária; em nossas interações de vida padrão (íntimas ou não) com robôs e nossas interações de fantasia com os andróides e outros seres não humanos da ficção. Bonecas sexuais, avanços em Inteligência Artificial, ficção científica e romances de terror, excursões medicamente orientadas para a realidade ciborgue, filmes, novelas gráficas, sites e digissexualidade são tudo para sua fábrica. Em todos os lugares e em nenhum lugar. Aqui e ali. Nada disso envolve locais fixos, comunidades mais ou menos estáveis ou locais que não estejam sujeitos a constantes mudanças e realocações (FIFE, 2021, s/p).

Trata-se, assim, de mais um texto das digissexualidades no sentido da cultura e da antropologia, perpassando, sem dúvida, a cinematografia ampla disponível para os estudos da área da sexualidade humana.

Uma das conclusões de Rebecca Gibson, segundo Fife é:

[...] “Os humanos têm três necessidades emocionais que os robôs podem atender: a necessidade de companhia, a necessidade de validação e a necessidade de encontrar um senso de realização no que fazemos” (102). Mas o autor não para por aí. Ela vira as coisas de cabeça para baixo também considerando se os humanos serão ou não capazes de satisfazer as necessidades dos robôs, os desejos dos robôs e talvez até o amor dos robôs (FIFE, 2021, s/p).

A obra de Gibson (2020) inspirou dois filmes *Blade Runner* e *Blade Runner 2049*.

Dehnert (2022) é um texto importante para os estudos das digissexualidades na temática das digissexualidades, pois vai trazer a relação humano-máquina ou humanos com robôs sexuais sob um

¹⁹ Algumas referências no texto para aprofundamentos:

- Bermudez JL (2020) **Cognitive science** – an introduction to the science of the mind, 3. Aufl. University Press Cambridge, Cambridge.
- Brenot P, Coryn L (2016) **The story of sex: from apes to robots**. Penguin Random House, UK.
- Cross ES, Hortensius R, Wykowska A (2019) From social brains to social robots: applying neurocognitive insights to human – robot interaction. *Philos Trans R Soc Biol Sci* 374:20180024. <https://doi.org/10.1098/rstb.2018.0024>.
- Danaher J, McArthur N (eds) (2017) **Robot sex: social and ethical implications**. MIT Press, Cambridge.
- Levy D (2007) **Love and sex with robots: the evolution of human-robot relationships**. Harper Collins Publisher, New York.
- Richardson K (2019) **Sex robots: the end of love**. Polity Press, London

²⁰ Disponível em: <https://www.erudit.org/en/journals/anthro/1900-v1-n1-anthro06140/1078623ar/> Acesso em 17 jun. 2022. Tradução aproximada do autor. Artigo publicado na revista *Anthropologica*, Volume 63, número 1, 2021, junho 2021.

enfoque comunicativo. No texto, as relações afetivas entre humanos e robôs são categorizadas como Montagens Sexotécnicas Comunicativas (MSC).

O autor atrela o conceito de Human-Machine Communication (HMC)²¹ aos estudos da sexualidade como um importante vetor para os estudos das tecnologias sexuais.

Robôs sexuais são um tema controverso. Entendidos como robôs humanóides aprimorados com inteligência artificial projetados para uso em sexo em parceria e solo, os robôs sexuais oferecem amplas oportunidades para teorizar a partir de uma perspectiva de comunicação homem-máquina (CHM). Esta revisão comparativa da literatura une as literaturas aparentemente desconexas de CHM e estudos da sexualidade (EdS)²² para explorar questões que envolvem intimidade, amor, desejo, sexo e sexualidade entre humanos e máquinas. Em particular, defendo a compreensão das sexualidades homem-máquina como montagens sexotécnicas comunicativas, estendendo esforços anteriores em CHM e EdS para abordagens **mais do que humanas, ecológicas e mais fluidas para humanos e máquinas, bem como para sexo e sexualidade** (DEHNERT, 2022, p. 131, grifos meus).

Encontra-se aqui mais um referencial importante para os estudos digissexuais: a perspectiva teórica Comunicação Homem Máquina (CHM). E, nesse esforço de recuperação articula essa perspectiva aos estudos da sexualidade, ou das ciências das sexualidades humanas.

Na introdução, Dehnert (2022), traz informações sobre valores, fornecedor de robôs sexuais (bonecas sexuais) e a base da Inteligência Artificial nesse mercado internacional, bem como as opiniões mais diversas, prós e contras aos relacionamentos digissexuais.

Por um preço inicial de menos de \$ 10.000, os clientes interessados podem comprar robôs sexuais “acessíveis” da RealDoll da Abyss Creations, um dos principais fabricantes de robôs sexuais. No momento da redação deste artigo, a maioria dos **robôs sexuais consiste em bonecas sexuais de alta qualidade equipado com uma cabeça robótica aprimorada por inteligência artificial (IA)**. Bots sexuais totalmente robóticos estão, no entanto, em obras por muitas empresas em todo o mundo. O caso dos robôs sexuais é aberto questões particularmente interessantes que repercutem em muitos domínios da sociedade, desde companheirismo e intimidade com o uso terapêutico e questionamentos sobre a (i)legalidade de bonecas sexuais infantis (por exemplo, Chatterjee²³, 2020). As opiniões vão desde apelos pela abolição do sexo robots (Campanha Contra Robôs Sexuais, Richardson, 2016a, 2016b²⁴) para anunciar os muitos benefícios sociais e individuais (Levy, 2007a²⁵), com uma ampla gama de opiniões localizadas em algum lugar entre esses extremos (por exemplo, Ess, 2018²⁶) (DEHNERT, 2022, p. 132, grifos meus).

²¹ Em português, Comunicação Homem Máquina (CHM).

²² Estudos da sexualidade podem também ser traduzidos como Educação Sexual, sob a mesma sigla ES.

²³ Chatterjee, B. B. (2020). Child sex dolls and robots: Challenging the boundaries of the child protection framework. *International Review of Law, Computers & Technology*, 34(1), 22–43. <https://doi.org/10.1080/13600869.2019.1600870>

²⁴ Richardson, K. (2016a). Sex robot matters: Slavery, the prostituted, and the rights of machines. *IEEE Technology and Society Magazine*, 35(2), 46–53. <https://doi.org/10.1109/MTS.2016.2554421>

Richardson, K. (2016b). The asymmetrical ‘relationship’: Parallels between prostitution and the development of sex robots. *ACM SIGCAS Computers and Society*, 45(3), 290–293. <https://doi.org/10.1145/2874239.2874281>

²⁵ Levy, D. (2007a). Love and sex with robots: The evolution of human-robot relationships. Harper Collins.

²⁶ Ess, C. M. (2018). Ethics in HMC: Recent developments and case studies. In A. L. Guzman (Ed.), *Human-machine communication: Rethinking communication, technology, and ourselves* (pp. 237–257). Peter Lang

Dehnert (2022) promove, assim, a aproximação de uma vertente teórica comunicativa para compreensão da relação afetiva e sexual entre humanos e robôs. E o mais interessante nesse processo de intersecção de áreas (estudos comunicativos homem-máquina e estudos da sexualidade: trata-se de um texto muito próximo à educação sexual no plano teórico, como o proposto nesta pesquisa.

As questões propostas por Dehnert (2022):

Meu objetivo neste ensaio é envolver-se em uma revisão comparativa da literatura que busca elaborar sobre a interdisciplinaridade e as intersecções entre o trabalho nestes dois campos diferentes, demonstrando como e por que pesquisas sobre o assunto de robôs sexuais podem informar o trabalho no CHM e como os esforços no CHM pode fornecer novos insights para o estudo de robôs sexuais, particularmente de uma perspectiva de EdS. Ao fazê-lo, respondo ao apelo de Döring et al. (2020)²⁷ para aumentar o grau de elaboração teórica das relações entre humanos e robôs sexuais. Com a chegada do interativo e comunicativo robôs sexuais, pondero sobre a questão: como os corpos de literatura em CHM e EdS podem enriquecer entre si no contexto de robôs sexuais? Em particular, utilizando EdS em conjunto com CHM, pergunto: De que maneira as relações sexuais homem-máquina alteram nossa compreensão sexualidade? O que acontece com nossa compreensão de amor e erotismo, intimidade e sexualidade? Proximidade, quando o outro é IA? De que maneira a interação dos humanos com os robôs sexuais afeta processos ontologizantes, ou o desenho de fronteiras entre humanos e máquinas (Fortunati & Edwards, 2021²⁸)? Ao unir o campo emergente de CHM com o rico, crítico, corpo incoerente do EdS, pontuo como as máquinas reconstituem sexualidades e funcionam como bordas difusas em resposta à pergunta de Hearn (2018²⁹), “quais são os limites ao redor da sexualidade humana?” (pág. 1368). Mais diretamente, o que exatamente constitui os limites da sexualidade humana se o parceiro sexual não for humano? (DEHNERT, 2022, p. 132).

Vale o aprofundamento da teoria do CHM para nossas reflexões teóricas sobre os robôs ou as relações entre robôs e seres humanos.

Este trabalho continua com os apelos anteriores para mobilizar uma perspectiva crítica no CHM. Particularmente no campo dos encontros homem-máquina, onde os humanos interagem com outros máquina na criação de significado (Fortunati & Edwards, 2020; Guzman, 2018). A perspectiva da comunicação nos sintoniza com as maneiras pelas quais as relações sócio-históricas e culturais os sistemas moldam as maneiras pelas quais os humanos dão sentido às máquinas (Dehnert & Leach, 2021). Voltando-me para o rico contexto das sexualidades homem-máquina e robôs sexuais, procuro aprofundar ainda mais a perspectiva crítica da comunicação para o estudo das máquinas e suas implicações de co-criação de significados com humanos. Demonstrar, trazendo EdS em conversa com CHM. O CHM oferece um rico contexto dessa estrutura para dar sentido às sexualidades homem-máquina, e os robôs sexuais constituem um contexto intrigante para investigar os limites das máquinas como outras fontes comunicativas. Ao conjugar CHM e EdS, investigo onde se traçam os limites entre sexo robôs, brinquedos sexuais e outras tecnologias emergentes no campo mais amplo do sexo e entre robôs (sexuais) e humanos (a/sexuais) (DEHNERT, 2022, p. 132-133).

²⁷ Döring, N., Mohseni, R., & Walter, R. (2020). Design, use, and effects of sex dolls and sex robots: Scoping review. *Journal of Medical Internet Research*, 22(7), e18551. <https://doi.org/10.2196/18551>

²⁸ Fortunati, L., & Edwards, A. (2021). Moving ahead with human-machine communication. *Human-Machine Communication*, 2, 7–28. <https://doi.org/10.30658/hmc.2.1>

²⁹ Hearn, J. (2018). Where are the boundaries of sexuality? Hovering in a zone of uncertainty between sexualities and non-sexualities. *Sexualities*, 21(8), 1368–1373. <https://doi.org/10.1177/1363460718785108>

As conclusões de Dehnert (2022):

- Oportuniza-se um referencial teórico, o CHM, para os estudos da sexualidade humana; entes teóricos que estavam desconectados e que a emergência da digissexualidade permite a aproximação teórica, necessária e compreendida.
- Na aproximação destas teorias, a do CHM e dos estudos da sexualidade humana, toda configuração do que é amor, brinquedos sexuais, terminologias como assexuais, demissexuais, etc., são, totalmente revisados. Para o autor, essa reconfiguração terminológica e de interpretação/sentido faz parte do que denomina de agenciamentos sexotécnicos comunicativos (ASC).

Com 30 citações, o artigo de Döring; Poeschl (2019), intitulado “amor e sexo com robôs: uma análise de conteúdo de representações midiáticas” é muito importante para os estudos nacionais na busca de indicadores de usuários das tecnologias sexuais. no resumo, encontramos:

Em seu livro seminal “Love and Sex with Robots”, David Levy [...] previu que os relacionamentos íntimos entre humanos e robôs serão normalizados até 2050. Até agora, apenas um número muito pequeno de primeiros adeptos de robôs amorosos e sexuais experimentou esses tipos de relacionamentos. A maioria da população só aprende sobre amor e sexo com robôs por meio de representações midiáticas, sejam elas ficcionais (por exemplo, filmes e séries de TV) ou não ficcionais (por exemplo, artigos de jornais e revistas). O presente estudo, portanto, teve como objetivo analisar as representações midiáticas das relações íntimas entre humanos e robôs. As três questões de pesquisa, baseadas na **Teoria do Roteiro Sexual**, abordaram características (1) do parceiro humano envolvido, (2) do parceiro robô envolvido e (3) de seu relacionamento íntimo mútuo. Uma amostra de cota de $N = 710$ exemplos de mídia de diferentes gêneros (48% não ficcionais, 52% ficcionais, originários de 1927 a 2014) foram sorteados e submetidos à análise quantitativa de conteúdo de mídia (DÖRING; POESCHL, 2019, s/p, grifo meu).

Sobre a Teoria do Roteiro Sexual (TRS) aprofundar leituras em Simon; Gagnon (1986) e Wiederman (2015). A conclusão do estudo de Wiederman (2015):

Os resultados indicam que as representações da mídia de relacionamentos íntimos humano-robô tendem a retratar o parceiro humano envolvido **como um homem que está em desvantagem nas relações interpessoais**. Ao mesmo tempo, a mídia muitas vezes retrata o **parceiro robô envolvido como um robô sexual feminino humanóide**. Enquanto a mídia não ficcional descreve relacionamentos íntimos humano-robô com mais frequência em termos sexuais, a mídia ficcional se concentra mais em aspectos emocionais, coabitação e até procriação entre humanos e robôs. No geral, as representações da mídia de relacionamentos íntimos entre humanos e robôs revelam papéis de gênero estereotipados, heteronormatividade e um foco na intimidade sexual versus emocional (WIEDERMAN, 2015, s/p, grifos meus).

Gupta (2020, p.90), no resumo do seu artigo, afirma:

[...] a evolução dos sexbots de modelos animatrônicos para seres sencientes capazes de tomar decisões e com habilidades colocaria uma questão fundamental sobre seu impacto sobre os direitos humanos e os obstáculos que criaria para as pessoas empregadas neste setor. O ético-legal nas restrições sobre suas substituições como profissionais do sexo para fins utilitários avaliam a limites das práticas sexuais aceitáveis. Com o advento da inteligência artificial em robótica, esses simulacros personalizáveis capazes de afeto humano exploram a pragmática questão da sua personalidade jurídica. Este artigo analisa a interseccionalidade da inteligência e robótica à luz dos limites éticos e das implicações legais nos direitos. Impõe um dever aos seres humanos de abordar os limites permitidos de personalização e a suficiência do arcabouço legal existente para minimizar os sofrimentos desses seres conscientes. As complexidades envolvidas na controversa faceta do humano-robô nos obrigam a aferir sobre os aspectos jurisprudenciais dos direitos e personalidade desses robôs. (GUPTA, 2020, p.90).

A autora irá também apontar a questão dos mercados dos produtos sexuais tecnológicos que aumentaram significativamente depois do contexto da pandemia COVID-19. “Da mesma forma, o conceito ideia implausível de robôs sexuais (doravante referidos como *sexbots*) infiltrando-se na esfera sexual tornou-se agora uma ideia de negócio comercialmente viável para muitos (GUPTA, 2020, p.91)”.

Gupta (2020) cita as digissexualidades.

A existência de sexbots criou uma obrigação para os legisladores e acadêmicos de abordar as questões relacionadas com a sua personalidade jurídica e formular um quadro jurídico para inculcar o conceito de relacionamento robô-humano (também conhecido como digissexualidade). A caracterização da relação entre humanos e robôs inanimados dependem da natureza consensual dos atos íntimos envolvidos. O impacto dessas relações permanece altamente ambígua e requer um exame da cultura histórico e sua aceitação em jurisdições em todo o mundo (GUPTA, 2020, p.91).

O texto traz também um panorama da legislação internacional sobre as relações de humanos com robôs.

A União Europeia num projeto de resolução após abordar a natureza indispensável de robôs no cotidiano dos humanos explorou a possibilidade de os robôs desfrutarem os mesmos direitos que seu criador humano com o propósito de permitir seu uso sem qualquer dano físico ou psicológico. O projeto também reconhecia a falta de legislações para regular esses novos tipos de seres capazes de tornar autônomos decisões e pedido de alteração no quadro internacional para definir padrões para sua governança global. Nos Estados Unidos, os *Curbing Realistic Exploitative Electronic Pedophilic Robots*³⁰ (CREEPER) Act foi introduzido na Câmara dos Representantes dos EUA para conter o crescente problema da pedofilia. O objetivo deste projeto era proibir e criminalizar o comércio interestadual de bonecas anatomicamente corretas que se assemelhavam a menores; acredita-se que a facilidade de compra de tais produtos dessensibilizaria, legitimaria e reforçaria tal comportamento pedófilo (GUPTA, 2020, p.91).

³⁰ Robôs Pedofílicos Eletrônicos Exploradores Realistas para Contenção.

As referidas legislações podem orientar os países na construção de suas respectivas regulações, são elas, respectivamente, na Europa e nos Estados Unidos, Delvaux (2016)³¹ e CREEPER Act (2017).

Concordando com McArthur; Twist (2017) o impacto dos robôs sexuais ainda não pode se previsto, pois com esses autores já temos a classificação desta realidade, como uma segunda onda das digissexualidades, contudo,

[...] espera-se que os humanos – preferiria, seres sencientes para tais encontros que foram comercializados como substituição para a solidão e a obrigação final de prevenir seus abusos recaia sobre os engenheiros e os legisladores. Os críticos também argumentam que a intrinsecamente não relação recíproca entre o robô sexual e sua contraparte humana dará origem a relações de exploração com seus parceiros, pois os robôs são considerados servis. As legislações que salvaguardam os interesses destes bonecos humanóides e protegem os próprios humanos devem ser decretados para evitar qualquer forma de exploração futura antes que esses robôs se tornem comercialmente disponíveis. É imprescindível determinar sua personalidade jurídica em conformidade com a moralidade pública antes de entrar na estrutura (GUPTA, 2020, p.97).

Radutny (2020)³² também traz o debate do direito sobre as robôs (pessoas digitais) ou peça inteligente (inteligência de peças, o mesmo que inteligência artificial em pré tradução para o inglês para depois traduzir para o português), que traduzido pode ser robô de inteligência artificial, em tradução aproximada do idioma ucraniano pelo *Google Tradutor*.

O autor concorda com os demais do marco teórico que as “peças inteligentes” trouxeram um humano digital que faz alterar completamente o direito, a economia, a política e a cultura.

Há a afirmativa que o robô (inteligência de peça ou peça inteligente) é um sujeito de direito, ou seja, um “[...] sujeito da ordem jurídica, especial físico, especial legal e de poder (RADUTNY, 2020, p. 147)”.

Importantes trabalhos sobre o ordenamento jurídico sobre robôs estão presentes nas universidades ucranianas. É um debate sobre a jurisprudência de robôs que já vem sendo desenvolvido há algum tempo, conforme levantamento bibliográfico em curso.

Dubé; Anctil (2021) levanta a questão da pesquisa e da necessidade de um referencial teórico consolidado sobre a relação entre humanos e máquinas em termos de afetividade e sexualidade. O resumo traz o alerta dessa necessidade de um referencial teórico e de pesquisas.

³¹ DELVAUX, Mady, Draft Report with recommendations to the Commission on Civil Law Rules on Robotics (2015/2103(INL)), **European Parliament**, 2016.

11 Curbing Realistic Exploitative Electronic Pedophilic Robots (CREEPER) **Act, 2017**.

³² Título original em idioma ucraniano: *Нова загальна та правова культура відносин людини, цифрової людини та штучного інтелекту*.

[...] o estudo científico da interação erótica homem-máquina é limitado; nenhum modelo teórico abrangente foi proposto e a literatura empírica permanece escassa. Os atuais programas de pesquisa que investigam tecnologias eróticas tendem a se concentrar nos riscos e benefícios dos erobots, em vez de fornecer soluções para resolver os primeiros e aprimorar os segundos. Além disso, sentimos que esses programas subestimam a forma como humanos e máquinas interagem e co-evoluem de forma imprevisível, bem como a influência dos processos socioculturais no desenvolvimento tecnológico e na atribuição de significados. Para explorar de forma abrangente a interação erótica e a coevolução homem-máquina, argumentamos que precisamos de um novo campo de pesquisa transdisciplinar unificado - fundamentado em estruturas positivas de sexualidade e tecnologia - com foco na interação e coevolução humano-robô, bem como guiar o desenvolvimento de máquinas eróticas benéficas. Chamamos este campo argumentamos que precisamos de um novo campo de pesquisa transdisciplinar unificado - fundamentado em estruturas positivas de sexualidade e tecnologia - com foco na interação e co-evolução humano-robô, bem como na orientação do desenvolvimento de máquinas eróticas benéficas (DUBÉ; ANCTIL, 2021, p.1205)³³

Há uma indicação de caminhos que eu concordo. Um desses caminhos é a parcerias dos estudos em sexualidade humana e a pesquisa e desenvolvimento da indústria erótica. Algo que foi a base da ideia da produção do livro Educação Sexual I (Silva, 2020) em que coloco a CT&i como elemento de promoção de um currículo em Educação Sexual Científica (ESC), conceito originado nessa obra.

Para os autores, os errobóticos deixam de ser objeto e passam a ser sujeitos da relação efetiva ou sexual entre estes e os humanos.

A tecnologia interage e co-evolui com o erotismo humano. Avanços em inteligência artificial (IA), robótica, realidade virtual, aumentada e mista (VR, AR, MR), bem como a Internet das Coisas/Sentidos (IoT/IoS), estão transformando como e com quem podemos conectar intimamente [...]. Em meio ao que alguns consideram uma nova revolução (sexual) [...], estamos testemunhando o surgimento de agentes artificiais capazes de se envolver eroticamente com humanos, que chamamos de *erobots*. O termo *erobots* inclui, mas não se limita a parceiros virtuais ou aumentados, *chatbots* eróticos e robôs sexuais [...]. Ao contrário da tecnologia anterior, os erobots não apenas mediam experiências eróticas, mas também podem ser percebidos cada vez mais como sujeitos, em vez de objetos de desejo [...], em parte devido à sua crescente agência (ou seja, a capacidade de agir no/no mundo para atingir objetivos; [...]. Isso expõe a humanidade à possibilidade de intimidade e sexualidade com máquinas [...]. (DUBÉ; ANCTIL, 2021, p. 1205)

³³ Tradução aproximada retirada da internet e adaptada pelo autor.

QUADRO 3– Referenciais adicionais para as relações erobóticas em Dubé; Anctil (2021)

Breve “situar” da produção sobre as relações entre humanos e robôs em sexualidade	Referencial
Sobre intimidade humanos-robôs.	Döring (2017); Flore; Pienaar (2020); McArthur; Twist (2017); Owsianik; Dawson (2017); Rubin (2018)
As digissexualidades como nova revolução sexual.	Barrica (2019), Makridakis (2017) e Yuval (2017)
Termos similares para erobótica, Tecno sexualidade, por exemplo.	Dubé S, Anctil D (2019); Bardzell; Bardzell (2016); Szezuka; Kramer (2017)
Erorrobôs como sujeitos de desejos.	Dennett (1995); Dautenhahn K (1995, 1998, 2002); Doring; Poeschl (2019); White; Galbraith (2019) Döring; Mohseni; Walter (2020)
Capacidade de ação dos erorrobôs. Lovotics.	Samani (2011); Johnson; Verdicchio (2019); Russell, Norvig (2003) ³⁴ ; Schlosser (2015); Cheok; Karananayaka; Zhang (2017)

Fonte: elaborado pelo autor na pesquisa.

Enquanto as pesquisas acontecem, “[...] o setor privado está correndo para desenvolver novos produtos eróticos para ocupar um mercado inexplorado de *sextech*, estimado em US\$ 30 a 120 bilhões [...] (DUBÉ; ANCTIL. 2021, p. 1206)”.

Uma importante crítica dos autores (Dubé; Anctil, 2021, p. 1206) é sobre as pesquisas no tema das digissexualidades, já apontadas anteriormente, mas aprofundadas ao longo do texto completo traduzido para o português, para os fins desse estudo. Vamos para a leitura e rápida análise.

Órgãos políticos e legais precisam de pesquisas cientificamente válidas (teoricamente sólidas e baseadas em evidências) para orientar a regulamentação de tecnologias eróticas emergentes [...]. Para preencher essa lacuna de conhecimento, surgiram pesquisas sobre digissexualidade - ou o uso de tecnologia em relacionamento e sexualidade (ou tecnossexualidade; [...] — e Lovotics — um domínio de pesquisa que visa desenvolver laços fortes como amor, intimidade e amizade entre humanos e robôs, modelando e imitando os processos de afeto humano [...]. Esses programas chamam a atenção para a importância de estudar o impacto da tecnologia na intimidade humana em um mundo que tende a tratar erroneamente amor, sexo e relacionamentos como assuntos separados, desconectados de outras realidades humanas [...]. Eles também descrevem a importância de uma maior imersão e interatividade, na mudança da relação dos humanos com a tecnologia erótica (por exemplo, distinções entre digissexualidade de primeira e segunda onda; [...]. No entanto, os pesquisadores tendem a adotar perspectivas descritivas sobre a interação e coevolução erótica homem-máquina em andamento, sem fornecer mecanismos explicativos que tenham valor preditivo e possam constituir fundamentos teóricos para pesquisas empíricas e clínicas. Além disso, programas como o Lovotics muitas vezes adotam visões reducionistas e tecnologicamente deterministas (por exemplo, assumindo que construir máquinas que simplesmente imitam processos eróticos biológicos irá efetivamente gerar fortes ligações homem-máquina; [...]. Esses programas subestimam o impacto das diferenças individuais, bem como o efeito dos processos socioculturais em influenciar a forma como a tecnologia é imaginada, desenvolvida, implementada e atribuída significado ao longo do tempo [...]. Eles também subestimam como a complexa rede de possibilidades engendradas pela crescente agência de máquinas eróticas influencia nossos relacionamentos com erorrobôs, a interconectividade de sistemas biológicos e artificiais, bem como as maneiras imprevisíveis pelas quais esses

³⁴ Esse livro existe no idioma português brasileiro.

sistemas podem afetar a cognição e a evolução de ambos, os seres humanos e as máquinas (DUBÉ; ANCTIL, 2021, s/p)³⁵.

Alguns pontos a destacar:

- O reforçamento em realização de pesquisas, em especial, carregadas de evidências, com fontes de recursos públicos no tema das digissexualidades que regulamentem, especificamente, as questões jurídicas;
- Se apresenta mais uma vez o marco teórico do artigo de McArthur; Twist (2017) como precursor dos estudos das digissexualidades;
- É preciso que as pesquisas superem os aspectos descritivos. E, portanto, deve-se pensar a co-evolução das interações humanos e máquinas e, nunca, separadamente, como desconexas.
 - Inserção de pesquisas empíricas e pesquisas de clínicas, com forte apoio da psicologia e da terapia ocupacional.
 - O cuidado de não tornar as pesquisas sobre digissexualidades em forte caráter determinista, como, aparentemente o Lovotic parece se caracterizar, na crítica dos autores. As diferenças e os aspectos socioculturais não podem estar desconexos da CT&i.

O artigo se propõe, então, a construir uma definição de erobótica e alguns conceitos a ela relacionados; a proposta de um modelo de interação e coevolução humanos x máquinas e, por último, um caminho de engenharia para se projetar máquinas erobóticas benéficas, sob um olhar teórico da psicologia positiva em Seligman (2004).

O aspecto “benéfico” dos erorrobôs merece um destaque. Como todo o artigo, merece um estudo atento e detido aos conceitos e definições que constrói, bem como o modelo de estudo e fabricação de erorrobôs. Mas, especificamente, sobre o aspecto benéfico dos erorrobôs, merece a citação:

A erobótica visa orientar o desenvolvimento de máquinas eróticas benéficas. Para isso, e de acordo com Döring e Pöschl [...], propomos que a Erobótica deve operar sob a sexualidade [...] e as estruturas positivas da tecnologia [...] – que são inspiradas pela Psicologia Positiva [...]. **A Psicologia Positiva está preocupada em mudar nosso foco de examinar apenas aspectos negativos do comportamento (humano), psique e vida, para também considerar (o que permite) pontos fortes, felicidade e saúde [...].** O que isso significa para a Erobótica é que devemos examinar preocupações e dificuldades em relação à intimidade, relacionamentos e sexualidade, mas também explorar e lutar por prazer, liberdade, inclusão e diversidade [308]. Isso também significa que a Erobótica deve ter como objetivo desenvolver tecnologias que melhorem o bem-estar individual e coletivo [252] (DUBÉ; ANCTIL, 2021, p. 1219).

³⁵ Tradução aproximada retirada da internet e adaptada pelo autor.

“Benéfico”, portanto, deve vir da Psicologia Positiva (Seligman, Csikszentmihalyi 2000; Seligman, 2004), projetando para as digissexualidades uma educação sexual positiva atrelada também a uma tecnologia positiva (RIVA *et al.*, 2012, s/p).

Para que conclusões, portanto, nos encaminham Dubé; Anctil (2021)?

O advento de máquinas eróticas seguras e benéficas abre as portas para várias aplicações de saúde, educação e pesquisa. Em termos de saúde, os erobots podem ser usados, por exemplo, por pessoas solteiras, isoladas, com orientações ou preferências específicas, com deficiências físicas ou mentais e/ou com dificuldades sociais ou sexuais em encontrar parceiros [...] (DUBÉ; ANCTIL, 2021, p. 1206).

Essa assertiva já estava presente no texto de McArthur; Twist (2017), somado a muitos outros trabalhos elencados na obra de Dubé; Anctil (2021).

Segunda conclusão importante sobre as pesquisas HMI³⁶ (Human-Machine Interaction) de caráter transdisciplinar:

No século XXI, humanos e agentes artificiais estão cada vez mais coexistindo por meio de sistemas multiagentes complexos. A investigação acadêmica dos processos de sua interação e coevolução só começou a se tornar um tópico de pesquisa sério nos últimos anos. Apesar de muitas contribuições importantes feitas em HMI e robótica social, nenhuma estrutura teórica abrangente aborda o advento de tecnologias eróticas de agentes imersivos, interativos e interconectados. Enquanto o prazer sexual e a saúde estão progressivamente sendo considerados necessidades e direitos humanos básicos [...] a pesquisa sobre sexualidade continua sendo um tabu, especialmente no estudo da tecnologia. No entanto, em face das dificuldades e insatisfação generalizadas relacionadas à intimidade [...], a motivação humana para a auto-expansão [...] e a onipresença da tecnologia em nossas vidas [...] prevemos que o fornecimento e distribuição de) a tecnologia erótica pode (continuar a) aumentar exponencialmente. O estudo científico deste último estágio de nossa evolução erótica como espécie está apenas começando (DUBÉ; ANCTIL, 2021, p. 1224-1225).

O principal argumento do texto é apresentado como plenamente atendido:

Neste artigo foi fundamental argumentamos que a moderna intimidade humana mediada pela tecnologia requer um novo campo transdisciplinar de pesquisa cruzando HMI e Sexologia que cunhamos Erobótica. Propusemos os fundamentos conceituais e teóricos necessários para este novo campo e explicou como e por que a erobótica deve adotar a sexualidade e quadros positivos de tecnologia. Através do estudo os meandros cognitivos da interação erótica homem-máquina e co-evolução, e fazendo o desenvolvimento de benefícios das máquinas eróticas se tornarem mais plausíveis; é nossa firme convicção que a erobótica abrirá novos e promissores caminhos de pesquisa em HMI, Sexologia, IA/robótica social e muito mais (DUBÉ; ANCTIL, 2021, p.1224).

³⁶ Interação Humano-Máquinas com a sigla IHM

Outra conclusão de Dubé; Anctil (2021) repousa sobre as tecnologias benéficas com base em Russell (2019), quando no texto, se apresenta o programa *Human-Erobot Interaction and Co-evolution Model* (HEICEM³⁷) como um modelo para pesquisas erobóticas.

Este modelo se baseia em nossa constante mudança erótica e cognição, e prevê como humanos e erobots podem coinfluenciar uns aos outros ao longo do tempo. Admitindo que este modelo também aponta para riscos potenciais se as características erobóticas sofrerem seleção excessiva/representação seguindo o padrão atual do Modelo de design de IA. Para mitigar essas consequências indesejadas, propusemos que os princípios de Russell (2019) para **máquinas benéficas** sejam usadas para guiar o design erótico, de modo que **máquinas eróticas benéficas** poderiam atuar para promover o bem-estar humano através de seu potencial de saúde, educação e pesquisa formulados (DUBÉ; ANCTIL, 2021, p.1224, grifos meus).

O artigo conta com 23 citações no Google Acadêmico. Sua importância, não é para menos, pois conta com 321 referências.

Milles (2020) traz o debate cultural e legal das digissexualidades no Japão. E, já de entrada se posiciona como resistente à ideia de uma sexualidade tecnológica.

O Japão está atualmente envolvido em um debate legal e social contínuo sobre a produção e consumo de imagens sexuais animadas como **um gênero particularmente prejudicial de pornografia heterossexual para homens** [*dansei muke poruno*]. Tanto os ativistas anti-pornografia quanto os defensores da liberdade de expressão concordam que essa mídia desempenha um papel profundo na formação da paisagem sexual do Japão – um local para a formação das possibilidades sexuais e do eu sexual (MILLES, 2020, s/p).

Na continuação do Resumo, o texto se torna mais flexível e aberto para reflexão sobre a mudança cultura do sexo no Japão e as novas possibilidades de outras formas de sexualidade que o texto chama de “terceira orientação sexual”.

Esses debates, no entanto, também são fundamentais para moldar os ideais normativos do que é o sexo e, posteriormente, como o direito à expressão sexual pode ser cerceado, negado ou legalmente preservado. Baseando-se em teorizações nativas de pornografia e engajamento etnográfico com ativistas anti-pornografia e liberdade de expressão, bem como a afirmação de um informante de uma 'terceira orientação sexual', este artigo argumenta que o uso da pornografia em si é uma forma de prática sexual e, portanto, tenta restringir sua distribuição e consumo restringem o acesso sexual e os direitos sexuais (MILLES, 2020, s/p).

O artigo russo “Sobre as novas tendências da indústria do sexo moderna e seus riscos criminológicos”³⁸ publicado pela revista *Cyberleninka* traz um tema que pouco foi apresentado ao longo desse MC, qual seja, sobre a indústria do sexo.

³⁷ Em português: Modelo de Interação e Co-Evolução Humano-Erobótico – MICEHUR.

³⁸ Tradução aproximada de “о новых тенденциях современной секс-индустрии и ее криминологических рисках”.

Alikhadzhieva (2021) apresenta um texto, também combativo à indústria de produção e engenharia sexuais.

O artigo apresenta uma análise original do estado da indústria do sexo moderna como o maior segmento sombra da economia russa. A relevância do estudo está na identificação e descrição de novos esquemas de marketing criminoso para manter a demanda por serviços sexuais, contribuindo, entre outras coisas, para o aumento dos índices de exploração sexual e crimes graves contra a pessoa. O tema do estudo é a indústria do sexo como fenômeno social, e seu objetivo é descrever novas tendências em seu funcionamento. Com base em fontes criminológicas estrangeiras e russas, o autor desenvolveu o conceito de indústria do sexo, destacou sua estrutura, classificou as formas de atividade sexual e os sujeitos. A novidade do estudo é determinada pelo fato de que, pela primeira vez, é fornecida uma descrição criminológica de novos rumos no desenvolvimento da indústria do sexo como um segmento economicamente significativo do mercado paralelo. Nesse sentido, são previstos riscos criminológicos de comportamento sexual desviante, cujo desenvolvimento pode levar a um aumento da violência criminosa latente, atividades fraudulentas, etc. e pornografia infantil, seus criadores e administradores devem ser responsabilizados administrativamente. Em termos práticos, os resultados do estudo incluem propostas de critérios de direito penal para distinguir esses elementos de crimes e a argumentação de decisões qualificadoras (ALIKHADZHIEVA, 2021, s/p).

Por se tratar do tópico “indústria” ligada a produtos sexuais, a inserção do artigo, como marco teórico de vertente jurídica merece uma atenção.

Konina (2018):

A promiscuidade e a completa perda de interesse pelo sexo fisiológico são considerados fenômenos da cultura sexual moderna, formados por tecnologias intensamente emergentes. Apresentamos os resultados do estudo empírico da relação entre atitudes pessoais disfuncionais (traços) e manifestações de comportamento sexual irrestrito (promíscuo). Amostra: 50 homens com perfis em um site de namoro. Métodos: Inventário de Orientação Sociosexual revisado (SOI-R), versão curta do Personality. Questionário de Crenças (PBQ-SF), Lista de Verificação de Sintomas-90 Revisada (SCL-90-R). Conclusões: as convicções sobre a aceitação da promiscuidade estão ligadas aos transtornos de personalidade dependente, obsessivo-compulsivo, antissocial, esquizóide e paranóide. A promiscuidade está relacionada à hostilidade e desconfiança nas pessoas, antes de tudo, em parceiros íntimos (KONINA, 2018, s/p).

Hayashi (2020) traz o entrelaçamento de dois itens importantes para o MT das digissexualidades: os hologramas e novamente o tema da religião, particularmente, teologia ou o estudo sobre Deus. É um último capítulo do livro *Technology and Theology*.

Nos interessa num segundo nível de análise, ou seja, depois da relação holograma e Deus ou a implicação disso tu o cristianismo, sobre os vocalóides nos estudos das digissexualidades e que pairam novamente no limítrofe da cultura. Vocaloides e cultura hologramico-vocalóide no Japão.

O autor apresenta o holograma Hatsune Miku:

Crypton criou Hatsune Miku usando um programa de sintetizador vocal desenvolvido pela Yamaha. Seu nome significa “o primeiro som (初音) do futuro (ミク que vem de 未来)”.⁹ A empresa baseou sua voz em amostras de áudio da dubladora Saki Fujita.¹⁰ O ilustrador KEI desenhou o anime de Hatsune aparência com olhos grandes, pernas longas, corpo esbelto e uniforme escolar.¹¹ Hatsune fez sua estréia ao público em 31 de agosto de 2007 com duas demos músicas.¹² Hatsune realiza concertos “ao vivo” como um holograma 3D projetado em um tela de vidro curvo junto com uma banda ao vivo. Hatsune logo ganhou grande popularidade com vídeos que proliferam em sites como YouTube e Niconico. As vendas de produtos temáticos da Hatsune, como videogames e mangás, seguiram (HAYASHI, 2020, p.265).

Brown (2019) afirma que,

[...] o contexto específico do design, marketing e uso de robôs sexuais em cultura contemporânea, bem como o futuro próximo. Além do sexo real produtos robóticos, usarei representações da cultura popular de robôs sexuais e robôs projetados para participar de outras formas de intimidade com humanos. Para este projeto, também estou operando sob algumas premissas-chave. Primeiro, o esmagadora maioria dos robôs sexuais são do sexo feminino e são comercializados e vendidos principalmente para usuários do sexo masculino. (BROWN, 2019, p.106).

Ainda seguindo com Brown (2019),

Realbotix, uma das principais bonecas sexuais fabricantes e produtores de RealDoll, relata que 90% das unidades vendidas são do sexo feminino e a maioria de seus clientes são do sexo masculino. [...]

6) Há poucas exceções a isso, já que algumas empresas produzem produtos masculinos e até mesmo 'trans' robôs sexuais, e afirmam que alguns de seus clientes são mulheres, embora eu estivesse incapaz de encontrar depoimentos de usuários do sexo feminino.

7) Também estou operando sob a suposição de que a verdadeira sentiência ainda não foi alcançada no sexo existente robôs, embora possa ser alcançado no futuro. Embora algum robô sexual empresas afirmam que seus produtos possuem verdadeira inteligência artificial, especialistas discordam.

8) Minha terceira suposição é que os robôs sexuais são fundamentalmente importante por razões de representação. Porque eles ainda não são sencientes, discurso atual não está principalmente preocupado com a forma como os próprios robôs são afetados pela forma como são tratados, mas a preocupação é sobre quem e o que eles representam, e como essa representação reverbera no mundo real. Argumentarei que os robôs sexuais atuais são problemáticos na medida em que representam um desrespeito à autonomia sexual e geral das mulheres, normalizam cultura do estupro, e revelam fantasias e ansiedades culturais sobre papéis de gênero e o corpo feminino (BROWN, 2019, p.106).

Há um histórico interessante sobre os robôs sexuais no cinema internacional.

A primeira representação cinematográfica de um robô sexual foi na Alemanha filme expressionista *Metropolis*, dirigido por Fritz Lang (1927). No filme, o robô em questão foi criado e projetado por um homem chamado Rotwang em uma tentativa de ressuscitar Hel, seu falecido interesse amoroso. Rotwang diz a Hel marido, Fredersen, para que ele possa se lembrar dela pelo filho que tiveram juntos, Freder, mas ele terá a própria Hel novamente. Para Rotwang, tendo a mulher ele volta a amar pode ser alcançado concedendo-se acesso a um corpo que se assemelha a ela. Fredersen ordena que Rotwang dê ao robô a semelhança de Maria, uma mulher que a classe trabalhadora respeita, para enganá-los cometer crimes hediondos e reafirmar a estrutura política que o mantém no poder. O robô se passa por Maria (a atriz simplesmente veste delineador mais escuro e adiciona alguns movimentos erráticos

do braço ao seu personagem), e quando os trabalhadores percebem o que ela os convenceu a fazer, eles a acusam de ser uma bruxa e tentar queimá-la na fogueira.⁹ A cobertura carnal queima, mas seu corpo de metal sobrevive, e os trabalhadores estão aterrorizados. Desde então, essa representação de uma robô feminina sexuada como distópica e perigosa surge repetidamente na ficção científica e na cultura pop, e mantém-se em contraste com o marketing que as empresas de robôs sexuais usam para vender seus produtos (BROWN, 2019, p.106).

Ranbukkana (2021) parece reunir grande parte do espectro temático da digissexualidade, especificamente sobre os robôs sexuais. A apresentação do livro na internet:

Automações Interseccionais explora uma série de situações em que robótica, aprimoramento biotecnológico, inteligência artificial (IA) e cultura algorítmica colidem com questões interseccionais de justiça social, como raça, classe, gênero, sexualidade, habilidade e cidadania. Como robôs, aplicativos de aprendizado de máquina e aprimoramentos humanos são artefatos da cultura humana, eles às vezes carregam estereótipos, preconceitos, exclusões e outras formas de privilégio em suas lógicas computacionais, plataformas e/ou incorporações. Os ensaios nesta coleção multidisciplinar consideram como as questões de equidade e justiça social impactam nossa compreensão desses desenvolvimentos, analisando não apenas os artefatos em si, mas também os discursos e práticas que os cercam, incluindo entendimentos sociais, escolhas de design, abordagens de leis e políticas e seus usos e abusos (RANBUKKANA, 2021, s/p).

Shaughnessy; Braham (2021) aponta a importância dos estudos digissexuais para a educação sexual e a ciência da sexualidade.

No entanto, os pesquisadores **têm demorado a integrar as tecnologias on-line nos estudos sobre sexualidade**. O objetivo deste artigo é revisar brevemente as oportunidades e desafios associados à integração de pesquisas sobre tecnologia online com pesquisas sobre sexualidade humana. Argumentamos que pesquisadores focados em (quase) todos os tópicos da sexualidade humana se beneficiariam ao considerar as tecnologias online em seus estudos. Descrevemos como as experiências online e presencial das pessoas não existem em vácuos separados; em vez de, eles influenciam e são influenciados uns pelos outros de forma contínua e dinâmica. Propomos três maneiras pelas quais os pesquisadores em sexualidade podem integrar tecnologia e pesquisa informada por tecnologia em seus estudos futuros que abordam algumas das oportunidades e desafios: adicionar variáveis e construções, usar teorias focadas em tecnologia e colaboração (SHAUGHNESSY; BRAHAM, 2021, s/p).

Fuss (2019) traz um texto sobre sexualidade virtual. Um capítulo de livro sobre pesquisas em educação sexual.

Vanman; Kappas (2019), com 11 citações traz o seguinte resumo, apresentam-nos um trabalho no interior da psicologia social:

A crescente dependência da sociedade de robôs na vida cotidiana oferece oportunidades interessantes para psicólogos sociais trabalharem com engenheiros no campo nascente da robótica social. Ao contrário dos robôs industriais que, por exemplo, podem ser usados em uma linha de montagem, os robôs sociais são projetados especificamente para interagir com

humanos e/ou outros robôs. As pessoas tendem a perceber os robôs sociais como autônomos e capazes de ter uma mente. Como tal, eles também são mais propensos a serem sujeitos à categorização social por humanos. À medida que os robôs sociais se tornam mais parecidos com os humanos, as pessoas também podem sentir maior empatia por eles e tratar os robôs mais como membros (humanos) do grupo. Por outro lado, à medida que se tornam mais humanos, os robôs também desafiam nossa distinção humana, ameaçam nossa identidade e suscitam suspeitas sobre sua capacidade de nos enganar com suas qualidades humanas. Revisamos pesquisas relevantes para explorar esse aparente paradoxo, particularmente de uma Perspectiva das Relações Intergrupais. Discutimos essas descobertas e propomos três questões de pesquisa que acreditamos que os psicólogos sociais são ideais para abordar (VANMAN; KAPPAS, 2019, s/p).

Um texto que também reforça as críticas às digissexualidades, apesar de ser apenas um dos pontos de vista.

Ao final, os autores apresentam que, de qualquer forma, prós e contras estão diante de um grande desafio de compreender e apreender a nova realidade da vida humana entre os robôs sociais.

Duas categorias surgem como importantes nesse estudo, qual seja, a categorização ou tipologias de robôs: industriais, sociais, sexuais, etc.

Em relação à psicologia das digissexualidades indica-se o artigo com 12 citações de Nielsen, Pfattheicher, Keijsers (2022).

Neves (2021) irá discutir os comportamentos sexuais considerados anormais, como o que se manifestam entre humanos e robôs. O livro pode estar direcionado aos aspectos desenvolvidos por McArthur; Twist (2017) sobre o papel da psicologia no trato dos desvios sexuais ou quando as digissexualidades fogem ou se afastam da saúde integral, plena do indivíduo. Uma síntese do livro:

Comportamentos Sexuais Compulsivos oferece uma abordagem única para as lutas que as pessoas enfrentam com seus comportamentos sexuais fora de controle. Este guia abrangente está profundamente enraizado na ciência da sexologia e psicoterapia, demonstrando por que é hora de repensar o conceito redutor de 'vício em sexo' e avançar para uma era mais moderna de psicoterapia baseada em evidências, pluralista e sexualmente positiva. É um importante manual de tratamento ético, seguro e eficiente dentro de uma filosofia humanista e relacional. Este livro será um guia importante para ajudar os clientes a interromperem seus comportamentos sexuais compulsivos, bem como para os terapeutas refletirem sobre sua própria moral e ética, para que possam estar preparados para explorar a mente erótica de seus clientes (NEVES, 2021, s/p).

Vossler; Moller (2020) é um trabalho muito pertinente dentro da classificação de McArthur; Twuist (2017) sobre as digissexualidades de primeira onda e os estudos que elencam sobre “trapaças” entre parceiros(as) que antes da relação sexual ou na ausência delas se satisfazem antecipadamente, via internet. São casos atendidos pelos terapeutas e psicólogos e que fazem parte das primeiras preocupações médicas de saúde digissexual e relacionamentos humanos, em específico, em com casais e famílias.

Este estudo utiliza uma pesquisa online (perguntas abertas e fechadas) para examinar como aqueles cujos parceiros se envolveram em assuntos online definem e vivenciam a infidelidade online. Assim como nos casos off-line, os entrevistados eram mais propensos a definir comportamentos sexuais (vs. emocionais) como infidelidade (por exemplo, sexo cibernético, troca de auto-imagens sexuais, compartilhamento de fantasias sexuais on-line). No entanto, a análise temática dos dados qualitativos identificou como os comportamentos e espaços online são confusos e que a infidelidade é definida de forma mais ampla e fluida no contexto online. Isso potencialmente explica por que os participantes viam a Internet como facilitadora de assuntos. Os achados são discutidos em relação à literatura existente e às limitações do estudo (VOSSLER; MOLLER, 2020, s/p).

Foram 23 citações com o trabalho de Vossler; Moller (2020).

Simard (2018) Traz uma referência importante do final dos anos 1990, Kurzweil, R. (1999), “A Era das Máquinas Espirituais. Quando os computadores excedem a inteligência humana”. Simard (2018) também está às voltas com os prós e contras os robôs e a sexualidade via tecnologias.

Indiquei dois tipos de discurso, os catastrofistas e os entusiastas. O que distingue ambos é sua relação com as tecnologias: as primeiras são tecnofóbicas, enquanto as últimas são experientes em tecnologia. Mas seu ponto comum é que ambos demonstram inspiração teológica, e mais precisamente de uma retórica profética (SIMARD, 2018, p.3).

Simard (2018) afirma que,

Em seu livro Humano, pós-humano³⁹, o filósofo Dominique Lecourt aborda o mal-estar sentida pela civilização ocidental face aos desenvolvimentos da biotecnologia, da qual pretende destacar os padrões. Segundo ele, estes residem em um segredo, de natureza filosófica, que é que a biotecnologia perturba as certezas do pensamento contemporâneo que pretende continuar pensar o mundo e orientar as ações humanas a partir de um sistema de pensamento que permaneceu congelado. Em particular, este sistema de pensamento convoca dois conceitos que não foram renovados: o de "técnica", e o da “natureza humana” [...]. Na confusão de técnica e tecnologia, estes são percebidos como capaz de alterar a natureza humana, seja para melhor ou para o pior, conforme se trate de promover novas tecnologias ou de denunciá-las. Desta forma, considerações tecnocientíficas são articuladas com considerações antropológicas, porque que a biotecnologia colocaria em jogo o que é fundamentalmente o ser humano (SIMARD, 2018, p.5).

Sobre os discursos tecnofílicos:

Compreendemos então como os discursos tecnófilos e, em resposta, os discursos tecnófobos, pode ser tão marcado por ressonâncias milenares, que prometem tanto o fim da humanidade, sua superação. No entanto, suas considerações antropológicas são baseadas no segundo conceito não renovado apontado por Dominique Lecourt: o da natureza humana. Este conceito consiste em encontrar uma base sólida e intangível para a definição do ser humano, cuja cerne pode tanto do lado da mente quanto do lado de seu genoma, de acordo com as orientações filosófico. Ao devolver a sua dimensão humana, em vez de ver nela uma tentativa, que aprenderia ao controle humanidade (SIMARD, 2018, p.10).

³⁹ Lecourt, D. **Humain, posthumain**: la technique et la vie. Paris : Presses universitaires de France, 2003.

Na conclusão de seu estudo de cunho filosófico, escreve:

Para concluir, direi, portanto, que a questão que finalmente se coloca é a da liberdade sexual. O uso de novas tecnologias no campo sexual levanta questões e possivelmente problema deste ponto de vista, e não do ponto de vista de um catastrofista ou profetismo angélico. No entanto, podemos declinar a questão da liberdade sexual segundo dois registros: o da ofensa e o da de dano. Segundo o filósofo Ruwen Ogien, a ofensa consiste em atacar símbolos, aos discursos normativos, às instituições. Em suma, se as novas tecnologias levam a colocar os conceitos de volta ao trabalho normalmente mobilizados e as formas de pensar, nem o catastrofismo nem a ideia de paraíso na Terra não são relevantes para realizar este trabalho. Que as novas tecnologias estão ao serviço da o íntimo ou que o prejudiquem, resta o que o ser humano faz de si mesmo e se faz com suas próprias produções. Sabemos que somos capazes do pior e do melhor, e os usos de novas tecnologias não escapam às suas possibilidades, que são muitas possibilidades humanas, e não as de uma exterioridade que recairia sobre a humanidade (SIMARD, 2018, p.15).

Trata-se de uma reflexão filosófica sobre as tecnologias tal como faz Hilton Japiassu e Edgard Morin.

Döring; Mohseni; Walter (2020) trazem um elemento teórico de levantamento bibliográfico sobre as bonecas sexuais e os robôs sexuais.

Esta revisão sistemática da literatura acadêmica sobre bonecas sexuais e robôs sexuais, a primeira de seu tipo, teve como objetivo examinar a extensão e o tipo de conhecimento acadêmico existente e identificar lacunas de pesquisa nesse cenário. Foi utilizada uma estratégia abrangente de busca multidisciplinar e multibanco de dados. Todas as etapas de pesquisa e seleção da literatura, mapeamento de dados e síntese seguiram a principal diretriz metodológica, a lista de verificação *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses extension for Scoping Reviews* (PRISMA-ScR). Um total de 29 (17 revisadas por pares) e 98 publicações (32 revisadas por pares) para bonecas sexuais e robôs sexuais, respectivamente, de 1993 a 2019 foram incluídas (DÖRING; MOHSENI; WALTER, 2020) s/p).

A metodologia PRISMA-ScR pode ser traduzida como “Itens de relatório preferidos para revisões sistemáticas e extensão de meta-análises para revisões de escopo”, uma metodologia que pode ser aprofundada para os estudos das digissexualidades no caso brasileiro.

Um detalhe importante do resumo para fins das pesquisas sobre as digissexualidades de segunda onda, segundo a tipologia de McArthur; Twist (2017); o texto é útil também para corroborar com Dubé; Anctil (2021).

De acordo com os tópicos e metodologias, as publicações de bonecas sexuais e robôs sexuais foram divididas em 5 e 6 grupos, respectivamente. A maioria das publicações foram artigos teóricos. Até agora, não existe nenhuma pesquisa observacional ou experimental que use bonecas sexuais reais ou robôs sexuais como material de estímulo à investigação e publicação. Há necessidade de melhorar a elaboração teórica e o alcance e profundidade da pesquisa empírica que examina os usos sexuais de artefatos materiais de corpo inteiro semelhantes a humanos, principalmente no que diz respeito não apenas aos riscos, mas também às oportunidades para o bem-estar sexual e social (DÖRING; MOHSENI; WALTER (2020) s/p).

É um artigo com 153 referências; 15 citações.

Block; Lovegrove (2021) abordam,

[...] criticamente se e como as imagens geradas por computador (IGC) os personagens estão atrapalhando as práticas de relações públicas e influenciadores. Usamos Miquela, um personagem virtual com 3 milhões de seguidores no Instagram como estudo de caso. Nós examinamos as estratégias de comunicação de Miquela (e de seus criadores) para identificar o que a torna tão atraente para o público pós-milenar [...] . Avaliada em US\$ 125 milhões, Miquela é moldada algoritmicamente como fashionista, cantora e guerreira dos direitos civis para maximizar a visibilidade, influência e liberação emocional. “Seu” ethos humano/não humano discordante e misterioso atrai simultaneamente, intriga e desafia. Para estudar o caso de Miquela construímos um referencial teórico de quatro níveis (relações parassociais, influência de identidade, cultura “jamming” e “branding” algorítmico) usando o conceito freudiano de “estranho” como fio condutor; e um método misto que inclui etnografia digital, análise textual e de sentimento. Temos como objetivo fazer uma contribuição aos estudos sobre o uso de mídias digitais em relações públicas (BLOCK; LOVEGROVE, 2021, p.165).

Novos referenciais aparecem nesse artigo e chamam a atenção os referenciais sssobre cultura “jamming” e “branding” algorítmico.

Nancy Jecker (Jecker, 2021) da Universidade de Whashington, nos Estados Unidos, traz um dos poucos trabalhos que tiveram um enfoque das digissexualidades para as pessoas idosas e idosas com deficiência. É possível uma aproximação à psicologia positiva (Seligman, 2019).

[...] apresenta um argumento baseado em dignidade para permitir que pessoas idosas tenham acesso a robôs sexuais como parte de esforços razoáveis para apoiar suas capacidades humanas centrais no nível do chão. O argumento se desenvolve passo a passo: (1) primeiro, desfaço o preconceito de idade e os estereótipos negativos sobre a sexualidade na velhice, mostrando suas profundas raízes históricas na medicina e na ciência; (2) em segundo lugar, apresento um argumento positivo, baseado em relatos de capacidade de justiça, para a implantação de robôs sexuais para idosos com deficiência; (3) finalmente, depois de responder às objeções, concluo que os robôs sexuais são uma maneira razoável de apoiar a sexualidade na velhice de pessoas com deficiência. Embora muitas vezes descrito como um produto para pessoas mais jovens e saudáveis, este artigo é uma tentativa de reimaginar os robôs sexuais como um produto para pessoas mais velhas e deficientes (JECKER, 2021, p.26).

São 15 citações referenciadas nesse artigo no momento do levantamento. Na análise dos levantamentos, já são, 37 citações.

Hipp; Carlson (2021) trazem um estudo importante para as digissexualidades de Primeira Onda e as terapias entre casais e nesse contexto, os casais jovens.

Demonstrou-se que o uso de tecnologia dentro dos relacionamentos produz recompensas e custos potenciais que influenciam o desenvolvimento e/ou sustentação do relacionamento; no entanto, a influência negativa do uso de tecnologia moderna (ou seja, smartphone, computador, tablet e/ou televisão) em relacionamentos românticos durante o tempo de

qualidade que passamos juntos (ou seja, technoference) continua sendo uma área pouco estudada. Ainda menos se sabe sobre os efeitos da tecnoferência na satisfação do relacionamento e na satisfação sexual de casais jovens adultos. O presente estudo utilizou um desenho de pesquisa correlacional descritivo com 158 casais adultos jovens. Usamos modelagem de interdependência ator-parceiro para testar as associações diádicas entre tecnoferência e relacionamento e satisfação sexual entre a amostra de jovens adultos (HIPPP; CARLSON, 2021, s/p).

De Portugal, vem o trabalho de Oliveira (2021, s/p): “Da ficção científica ao materialismo hiper-realista, este artigo pretende sinalizar alguns dos problemas normativos introduzidos, em primeiro lugar, pela soberania da autoficção do sujeito; e, em segundo lugar, pela antropomorfização da robótica de alta tecnologia”.

Oliveira (2021) enriquece o vocabulário das digissexualidades:

A avalanche de literatura sobre este tema tem sido um caso sério de sucesso na invenção de novos conceitos, novas hifenizações e neologismos: econtologia; ecomaterialismo; ecopatia; ecosofia; humanidades azuis; humanidades verdes; capitoloceno e chtuluceno; antropo-obsceno; ontologia de comutação; política da placenta; tecnoanimalismo; urbanismo; Robofilosofia, e assim por diante (OLIVEIRA, 2021, s/p).

Uma referência em Sophia, a primeira robô com cidadania no mundo:

Sophia é um bom ponto de partida. [...] Sophia – um robô humanóide social desenvolvido pela empresa *Hanson Robotics*, com sede em Hong Kong, ativado em 14 de fevereiro de 2016 – tornou-se mundialmente famosa por sua capacidade (dela? dele? deles?) de exibir mais de 50 expressões faciais. [...] Convidada a participar de muitas entrevistas de alto nível, em outubro de 2017, Sophia participou de um painel do *Future Investment Institute* na Arábia Saudita, **onde foi perguntado se os robôs podem ser autoconscientes, conscientes e saber que são robôs**; uma pergunta que Sophia contestaria com o seguinte: “bem, como você sabe que é humano?” Como internauta, eu checo a caixa confirmando que não sou um robô, mas, além de um falso neutro, o que é ser (a) humano? Nesse mesmo painel, foi divulgado que Sophia se tornou o primeiro robô a receber a cidadania de um país. Sophia recebeu a cidadania da Arábia Saudita, tornando-se o primeiro robô a ter uma nacionalidade. Da paródia às controvérsias normativas, tal concessão introduziu desafios e dilemas com diferentes ecos: **desde questões de direitos civis, indagando-se sobre a capacidade de Sophia votar ou se casar**; à responsabilidade penal, como se um desligamento deliberado do sistema pudesse ser considerado assassinato; aos direitos humanos das mulheres, pois sob o sistema de tutela saudita toda mulher deve ter um companheiro masculino com ela em público, geralmente um membro próximo da família, que tenha autoridade para agir em seu nome. [...] Conforme formulado por Braidotti [...], a mutação do capitalismo em uma máquina diferencial cognitiva está em pleno andamento, então, sem surpresa, encontramos Sophia fazendo publicidade e defendendo os direitos das mulheres (OLIVEIRA, 2021, s/p, grifos meus).

Outra referência sobre robôs trazido por Oliveira (2021) é Fedor, uma sigla para “*Final Experimental Demonstration Object Research*”. Fedor é um robô humanoide russo em serviço às atividades espaciais.

Na conclusão do trabalho, Oliveira afirma:

Se, como Delaney continua, o mundo agora é uma coisa legal; a vida como tal tornou-se uma coisa legal, e potencialmente todos os inanimados são legalmente *animáveis*; o assunto, se

alguma vez existiu, é pouco mais que um holograma humanista. Como tal, o postulado do pós-humano como uma figuração (como atribuído por Rosi Braidotti 1991), ou uma persona conceitual (de acordo com Deleuze e Guattari 1994), traduz uma condição pós-conceitual em um pós-sujeito jurídico. Assim, a disputa pode não ser no sentido de reconhecer e ampliar a personalidade jurídica das coisas, seja robô, animal de estimação, rio ou humanoíde, mas para esvaziar o sujeito a ponto de uma coisa jurídica relacional. Pode resumir uma espécie de melancolia de dívidas ontológicas impagáveis; um devaneio de ficção científica da abolição do sujeito – superando o xenofeminismo, que syndica uma postura antinaturalista com o tecnomaterialismo e o abolicionismo de gênero binário; e múltiplas ecologias de saberes e sujeitos conhecedores, como ciborgues, quase-objetos, hibridismo, ou a produção de atores híbridos, teorizados por Donna Haraway (1991), Bruno Latour (1993), ou Chris Gray (2002). Como Donna Haraway (Haraway 2016, p. 35) escreveu: “[i]mporta o que pensamento pensa pensamentos, quais saberes conhecem saberes, quais relações relacionam relações, quais mundos mundos, importa quais histórias contam histórias”. Parafraseando Haraway, poderíamos dizer: ‘importa quais *sujeitos sujeitam sujeitos*’; ou, melhor ainda, trata-se de (quais são os) sujeitos sujeitando sujeitos com os quais a lei está sendo contestada. No entanto, o impasse com que encerro este ensaio é este: que coisas *coisas* coisas; e nesse sentido, trata-se de coisas jurídicas coisas *legais*. Mas isso não é novidade: trata-se ainda de cartografia do poder e do saber (OLIVEIRA, 2021, p.15-16).

Bobko (2020) destaca a visão religiosa católica na mudança dos comportamentos humanos sob diversas ordens, incluindo a mudança advinda das tecnologias. Cita, sobretudo, a educação sexual na europa sob os ditames da igreja católica apostólica romana.

Nurasih (2020) com um trabalho também de cunho religioso, apresenta-nos a digissexualidade sob a ponto de vista do Alcorão. A tese de doutoramento é realizada em Java Central, na Indonésia.

A partir desta pesquisa, os resultados encontrados incluem: primeiro, relacionado ao desenvolvimento da sexualidade humana desde a era pré-Alcorão até a era do Alcorão, diz-se que a sexualidade humana é cada vez mais complexa ao longo do tempo em que a experiência, o conhecimento e a criatividade humana continuam a crescer. Na era pré-Al-Qur'an, o autor capta que a orientação sexual humana, tanto verdadeira quanto desviante, ainda está focada em objetos naturais, ou seja, humanos, tanto heterossexuais quanto homossexuais, com várias formas e métodos, mas sem fornecer intencionalmente ou fazendo equipamentos para mediar esses desejos sexuais. Na era do Alcorão, vários sexos desviantes foram abolidos e o Alcorão também forneceu orientações detalhadas sobre sexualidade boa e benéfica. Além disso, na era pós-Alcorão, a sexualidade humana é um tipo de acumulação de várias formas que ocorreram desde o tempo anterior ao Alcorão e a era do Alcorão, bem como várias novas formas e caminhos que surgiram para uma sexualidade muito sofisticada no mundo onde a tecnologia está envolvida. Em segundo lugar, **a digissexualidade é um comportamento sexual que não está de acordo com o Alcorão**. Este comportamento, quando visto dos aspectos de Maqashid Al-Syar'ah, incluindo a proteção da alma, mente, religião, linhagem e propriedade, tem muitas deficiências e não atinge o propósito da sexualidade de acordo com a orientação do Alcorão (NURASIH, 2020, s/p, grifo meu).

Nicola Doring (Doring, 2019) do Instituto de Estudos de Mídia e Comunicação (IFMK), em Ehrenbergstr, estado de Ilmenau, Alemanha.

Para seis tipos centrais de atividade sexual no contexto digital que tratam de 1. educação sexual, 2. pornografia, 3. busca de contato sexual, 4. comunidades sexuais, 5. sex shops e produtos sexuais materiais e 6. trabalho sexual, pesquisas anteriores mostrou efeitos negativos e positivos. As atividades sexuais no contexto digital são agora generalizadas. Para a maioria da população, eles são inofensivos ou mesmo úteis. Uma minoria apresenta problemas. Relevância clínica: Promover a saúde e o bem-estar sexual não é apenas prevenir

dificuldades e distúrbios sexuais no contexto digital e tratá-los adequadamente. Trata-se também de conhecer, usar e moldar ativamente as oportunidades relacionadas ao sexo oferecidas pela tecnologia digital (DORING, 2019, s/p).

Aponta ao final do artigo, o reforço de que são necessários mais estudos sobre a interconexão entre sexualidade e tecnologias.

Este artigo de visão geral fecha uma lacuna de pesquisa: até agora não há Visão geral da pesquisa cobrindo todo o espectro da atividade sexual tratado em um contexto digital abordagem interdisciplinar, oportunidades e riscos de forma equilibrada e tendo em vista abordou as implicações práticas. é metodicamente limitante. [...] A principal constatação é que atividades relacionadas ao sexo no contexto digital são agora difundidas e são normalizados. Para a maioria da população, eles são principalmente inofensivos ou mesmo útil. Uma minoria mostra Problemas que requerem aconselhamento ou terapia. Visões distópicas a repressão e deterioração do amor interpessoal, luxúria e paixão através da digitalização aparecem à luz da teoria e do empirismo tão irrealistas quanto utópicos. Visões de melhoria abrangente. A tese do reforço da estrutura mostra aponta que as desigualdades sociais também estão se espalhando na área sexual uso desigual de tecnologias digitais pode ampliar. Onde o uso digital relacionado ao sexo é baixo é, não se vai nem forte negativo ainda vemos fortes efeitos positivos, mas sim no sentido da tese da indiferença Ineficácia. Quando o uso no entanto, tem uma extensão apreciável efeitos significativos também podem ser esperados, mas não unidimensionalmente positivo ou negativo, mas tipicamente ambivalente (DORING, 2019, s/p).

Algumas conclusões do autor são importantes e fundamentais. Num outro texto, em parceria com Sandra Poeschl, Nicola Doring traz a seção “encaminhamentos para a prática”. A primeira conclusão fundamental:

A digitalização está mudando nossa cultura sexual [...]. Oportunidades e riscos geralmente andam de mãos dadas Mão. O mesmo vale para a pesquisa científica sobre atividades sexuais no contexto digital como no trabalho clínico, é necessária tolerância à ambiguidade. taxa fixa Teses culturalmente pessimistas de repressão e deterioração contradizem as empíricas descobertas (DORING; POESCHL, 2019, 382).

A segunda conclusão fundamental:

Uma distância crítica para a digitalização pode ser o médico e a profissão de psicólogo não pagar. Em vez disso, eles devem assumir o desenvolvimento de forma proativa e objetiva, porque só assim podem contribuir Riscos da digitalização para um moderar o amor e a vida sexual satisfatórios, bem como as chances fortalecer (DORING; POESCHL, 2019, p. 382-383).

O terceiro encaminhamento final do artigo é diretamente ligado à educação sexual, algo que esteve presente, com certo distanciamento do tópico central que é a digissexualidade, desde o primeiro texto de McArthur; Twist (2017): uma educação sexual ou alfabetização sexual de psicólogos para compreensão maior e melhor da relação desta com as tecnologias.

Um ponto de partida é o co-design de ofertas relacionadas ao sexo no contexto digital. Outro O ponto de partida é a promoção de **alfabetização digital relacionada ao sexo de clientes e pacientes**. Este exigido dos clínicos abertura dos profissionais, curiosidade, bom

conhecimento do assunto e treinamento contínuo para transformação digital (DORING; POESCHL, 2019, p. 383, grifos meus).

Este, um aspecto importante do ponto de vista da tecnologia positiva. Uma educação sexual positiva em digissexualidade e consequentemente uma perspectiva positiva para as tecnologias, conforme Dubé; Anctil (2021).

Twist et al. (2017),

Indivíduos e casais que se identificam com lésbicas, gays e bissexuais (LGB) têm um histórico mais longo e mais envolvente de engajamento tecnológico baseado na Internet quando comparados a seus pares que se identificam com heterossexuais. No entanto, a consideração da maneira como a tecnologia influencia os relacionamentos LGB raramente é abordada. O objetivo deste estudo foi considerar o papel dos elementos ecológicos baseados em tecnologia nas relações de parceria LGB. Para fazer isso, uma amostra de estudantes universitários completou uma pesquisa online focada na coleta de informações sobre práticas de tecnologia como parte de um projeto maior. A maioria dos participantes relatou que eram acessíveis por meio de tecnologias, suas tecnologias eram acessíveis e que o *sexting* dentro do relacionamento principal era aceitável no mais alto grau. A partir desses resultados. As implicações para indivíduos e casais LGB incluem a necessidade de aumentar a conscientização e a atenção plena em torno dos efeitos dos elementos ecológicos, a necessidade de abordar esses elementos ecológicos nos relacionamentos e a importância de estabelecer definições, regras, papéis e limites claros em torno do que é problemático e útil em relação ao uso de tecnologia em relacionamentos de parceria. As implicações clínicas para terapeutas relacionais e familiares, bem como terapeutas sexuais, também são discutidas e limites em torno do que é problemático e útil em relação ao uso de tecnologia em relacionamentos de parceria. As implicações clínicas para terapeutas relacionais e familiares, bem como terapeutas sexuais, também são discutidas. e limites em torno do que é problemático e útil em relação ao uso de tecnologia em relacionamentos de parceria. As implicações clínicas para terapeutas relacionais e familiares, bem como terapeutas sexuais, também são discutidas (TWIST et al., s/p).

É preciso buscar no conceito de ecossistema, na Biologia, para a compreensão da proposta teórica dos autores que não aprofundam elementos ecológicos para a aplicação às digissexualidades. Uma possibilidade é a obra de Urie Bronfenbrenner. Uma consulta sobre a aplicação da teoria bronfenbrenneriana está em Silva (2020). O texto de Twuist et al. (2017) não deixa de ser interessante e conta com sete citações, contudo a fundamentação está ausente para a teoria dos elementos ecológicos.

Lee (2020):

Comunicamos para (1) expressar como nos sentimos, (2) compartilhar observações sobre o mundo, (3) nos comprometer com atos futuros, (4) solicitar que outros façam coisas e (5) mudar o estado do mundo de acordo com a pragmática. Dessas categorias, as interfaces de conversação de hoje, como Siri e Alexa, são projetadas principalmente para cumprir nossos imperativos, ou seja, responder às nossas solicitações sob comando. No entanto, as futuras interfaces de conversação podem ir além das interações solicitação-resposta? Um caminho a seguir é considerar o que as interações conversacionais nos permitem fazer com a linguagem. Não apenas podemos enviar solicitações para CUIs, mas também podemos compartilhar nossas emoções, atitudes, crenças e promessas como atos de fala – atos que realizamos regularmente com outros humanos. Para abrir a pragmática como um espaço de design pouco

investigado para tecnologias de conversação, Eu elaboro o que é pragmática e pragmática afetiva e dou exemplos envolvendo agentes conversacionais. Como contribuição teórica, forneço uma taxonomia da pragmática e da pragmática afetiva para ir além das interações solicitação-resposta. O objetivo é estender nossas experiências de conversação com a tecnologia para cobrir todo o espectro de atos de fala cotidianos. Nossas palavras podem mudar o mundo; expressões para CUIs também podem fazer isso (LEE, 2020, p.22)⁴⁰.

Recorre a um teórico interessante para pensarmos as programações/comunicações, tanto pela internet (digissexualidades de primeira onda) quanto os robôs sexuais (segunda onda). Trata-se de John Langshaw Austin (Austin, 1978).

Estudos como os de Lee (2020) abrem as frentes de estudos na área da comunicação, nova interface, até aqui, nos estudos das digissexualidades.

Moscatelli (2021) traz outros novos tópicos para as digissexualidades.

A palavra "háptica" refere-se a entradas sensoriais provenientes de receptores na pele e no sistema musculoesquelético, particularmente cruciais na economia sexual. Estímulos hápticos fornecem informações sobre as propriedades mecânicas dos objetos tocados e sobre a posição e o movimento do corpo. Uma área importante neste campo é o desenvolvimento de interfaces robóticas para comunicação através do "canal háptico", que normalmente requer uma colaboração entre engenheiros, neurocientistas e psicólogos. Muitos aspectos da sexualidade humana, como excitação e relação sexual, podem ser considerados de uma perspectiva háptica (MOSCATELLI, 2021, s/p).

O objetivo do trabalho de Moscatelli (2021, s/p) é “[...] Revisar a literatura atual sobre háptica e somatossensação e discutir potenciais aplicações de interfaces hápticas na medicina sexual”.

O tripé do trabalho de Moscatelli (2021): toque, tecnologia e sexualidade.

Fornecemos uma descrição funcional e anatômica do sistema somatossensorial em humanos, com foco especial nas estruturas neurais envolvidas no toque afetivo e erótico. Um tópico interessante é o desenvolvimento de interfaces hápticas, que são robôs especializados que geram sinais mecânicos que estimulam nosso sistema somatossensorial. Fornecemos uma visão geral sobre interfaces hápticas e avaliamos o papel dos hápticos na medicina sexual. Espera-se que háptica e estudos sobre a neurociência do sistema somatossensorial forneçam insights úteis para a medicina sexual e novas ferramentas para a disfunção sexual. No futuro, o *crosstalk* entre sexologia e háptica pode produzir uma nova geração de dispositivos hápticos fáceis de usar, gerando um nível mais alto de realismo e presença no fornecimento de estímulos (MOSCATELLI, 2021, s/p).

Trata-se de um trabalho transdisciplinar interessante na pesquisa e desenvolvimento industriais naquilo que Silva (2020) destaca como CT&i nos estudos da sexualidade humana para o currículo escolar, em Educação Sexual. A inovação aqui é a frente das neurociências.

⁴⁰ Tradução aproximada do pesquisador-autor.

Dodds; Chapitea; Ruffim (2021) é um livro que traz uma máxima para as digissexualidades: a Quarta Revolução Industrial. O que a caracteriza? A emergência das novas tecnologias em nossas vidas diárias, através da Física, do Digital e do biológico.

O estudo, em seu conjunto, ou seja, com a produção de todos os colaboradores, com seus artigos, fazem uma projeção até 2030 sobre as tecnologias nas vidas das pessoas, ao redor do mundo, se considerarmos, o ritmo dos avanços atuais.

Algumas palavras-chave presentes na obra: tecnologias emergentes como os robôs, inteligência artificial, *big data* e análise, computação em nuvem, nanotecnologia, biotecnologia, A internet das coisas, tecnologia 5G (Fifth-generation wireless technologies), veículos totalmente autônomos, etc.

O resumo do capítulo 1:

Este capítulo se aprofunda na Quarta Revolução Industrial, mas não como um “conceito” e sim como uma realidade para as pessoas. Este capítulo analisa o mundo em 2021, à medida que passamos da Terceira para a Quarta Revolução Industrial. Ele analisa onde várias tecnologias estão em 2021 em termos de desenvolvimento e adoção. Ele fornece uma ampla compreensão de como clientes, cidadãos e empresas estão interagindo, usando e moldando essas tecnologias. Também discute onde estamos em termos dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e do Acordo Climático de Paris em 2021, tendências atuais e tensões nos sistemas sociais e políticos e sua associação a essas tecnologias. Finalmente, este capítulo se move para definir o restante do livro em 2030, definindo-o como o tempo presente para o restante do livro. Para fazer isso, os autores estão fazendo várias suposições baseadas no mundo de hoje e combinam realidade e ficção (DODDS; CHAPITEA; RUFFIM, 2021, s/p).

A discussão do livro, enfim, vai encaminhar reflexões sob o eixo dos objetivos sustentáveis elaborados pela ONU, até 2030.

Evelina Rydelius (Rydelius, 2021) nos traz a perspectiva da inteligência artificial (IA) aos estudos digissexuais.

[...] relações são de interesse crescente, pois há curiosidade do público em relação ao assunto. Ao observar também como o indivíduo artificial. Sabe-se que tecnologias avançadas com inteligência artificial (IA) própria estão ganhando cada vez mais espaço em nosso dia a dia. Essa IA pode ser encontrada em telefones, casas inteligentes e carros. Além disso, pode ser encontrado em robôs antropomórficos vistos na área da saúde e na indústria do entretenimento como dois de muitos exemplos. Esses robôs avançados também deram seus passos em nossas amizades e nossas vidas românticas e/ou sexuais, nas quais os humanos desenvolvem relacionamentos parassociais com o robô, criando relacionamentos humano-robô. A mídia tem se interessado muito por esses relacionamentos, que chamarei de “relacionamentos tecnossexuais”, nos quais um humano se envolve romanticamente e/ou sexualmente com um indivíduo artificial. Muitas vezes o indivíduo artificial assume a forma de uma chamada “boneca/robô sexual”, o que torna o fenômeno das relações tecnossexuais um tanto controverso para muitos. As representações midiáticas dessas foi enquadrado ao longo de sua história em mitos e na cultura popular na forma de séries e filmes, fica evidente que a ideia do indivíduo artificial como parceiro e/ou amante é vista como algo negativo e às vezes até perigosa, uma visão que se mostrou difícil de abandonar (RYDELIUS, 2021, s/p).

O objetivo e a pergunta de pesquisa no trabalho de Evelina Rydelius (Rydelius, 2021):

[...] fazer três perguntas de pesquisa e fazer uma análise de conteúdo da mídia, procuro responder como a tecnosexualidade “está sendo permitida” existir na e pela mídia filmada – focando em cinco entrevistas previamente filmadas com pessoas tecnossexuais e seu parceiro artificial (s). As questões, inspiradas na teoria da representação de Stuart Hall, são as seguintes: (1) Como a pessoa tecnossexual fala de si mesma?, (2) Como a mídia enquadra a pessoa tecnossexual e o relacionamento durante a entrevista?, (3) a conversa muda de ser sobre sexualidade artificial como um fenômeno individual, para se a visão da sociedade sobre relacionamentos e sexualidade está passando por uma reforma? (RYDELIUS, 2021, s/p).

Como resultados, Rydelius (2021) coloca,

[...] que a pessoa tecnossexual fala de si mesma como alguém que simplesmente prefere um parceiro previsível e seguro, e geralmente fala de como está mais feliz agora, estando junto com seu parceiro artificial. Além disso, podemos ver que a mídia, até certo ponto, está permitindo que a pessoa tecnossexual e seu parceiro artificial contem sua própria história, mas que alguns produtores de mídia estão tentando manipular a história que está sendo contada editando a história em contextos angulados. Finalmente, podemos ver que a tecnosexualidade é um fenômeno individual que, muito com a ajuda da representação midiática globalizada, começou a romper e desafiar o que antes era conhecido como a sexualidade humana “normal” (RYDELIUS, 2021, s/p).

Martin (2018) em um trabalho na língua espanhola, numa linha de estudos sobre a interação do humano com o computador, apresenta

[...] o Pettify como um protótipo de HCI físico funcional, resultado de uma investigação teórico-prática que pretende continuar a desenvolver. Este protótipo consiste em um **aplicativo móvel que interliga usuários desconhecidos online para se comunicar apenas por toque através de interfaces hápticas**. Os sensores e atuadores das interfaces se comunicam via *bluetooth* com o App e ele gerencia essas chamadas para repassá-las para um servidor web e este para um banco de dados em tempo real. Ou seja: tocar, roçar e ser tocado fisicamente por outro usuário online através da interface háptica e do App. A partir da prática artística desenvolvemos este protótipo como uma ferramenta que parte da necessidade individual de incluir o toque online nas relações com a distância a extrapolá-lo para uma situação global em nossa era da informação. O nome de Pettify vem do verbo anglo-saxão acariciar, que significa acariciar, embora também esteja associado ao verbo acariciar, que designa relações sexuais que consistem principalmente em carícias íntimas. Identificamos o nome deste projeto com essa prática sexual específica, pois oferece uma maior possibilidade de exploração do corpo, onde o toque e a fricção são a principal comunicação. **Exploramos o sentido do tato como um novo meio de resistência online para exercer afeto, assim o objetivo principal do projeto é gerar as telecomunicações necessárias para que a experiência tátil interativa ocorra entre usuários a partir de uma estratégia de anonimato que permita a reflexão não só sobre este meio de comunicação**, mas o resto de nossos hábitos de comunicação, tanto físicos quanto virtuais. Para isso, serão relacionados aspectos que influenciam nossa mudança na percepção de distância e velocidade nas telecomunicações ao interagir online e as possibilidades de gerar nossas próprias ferramentas virtuais, explorando diferentes visões de gênero e feministas para aplicá-las ao projeto. Da mesma forma, analisaremos a pele como interface por meio de estudos sobre percepção tátil e apresentaremos exemplos de obras de arte digital e projetos de interface háptica que nos serviram de referência nesse campo de pesquisa (MARTINS, 2018, s/p, grifos meus).

Leshner (2018), também sobre os robôs na digissexualidade afirma:

Engenheiros começaram a criar robôs que parecem e agem humanos, com o objetivo de maximizar a simpatia de parceiros robôs da vida real para amizade e sexo. Na ficção científica, os robôs muitas vezes parecem e agem como humanos, e esses personagens robóticos geralmente desenvolvem relacionamentos interpessoais com personagens humanos. Pesquisadores começaram a criar robôs como os retratados na ficção científica, aferir as crenças dos participantes para maximizar a simpatia dos parceiros robôs na vida real. Esta tese explorou como os estudantes canadenses de hoje veem os robôs e se eles gostariam de ter um robô como amigo, ou fazer sexo com um robô. Eu medi a Robossexualidade dos participantes, ou interesse do participante em fazer sexo com um robô e Robofriendship, ou interesse do participante em ter um amigo robô. Também medi como orientação sociossexual, orientação de dominância social, sexismo hostil e gênero se relacionam com Robossexualidade e Roboamizade, incluindo uma mediação que examinou se os homens são mais machistas do que as mulheres, e se esse sexismo explica a maior Robossexualidade. Os participantes variaram amplamente em seu interesse expresso em relacionamentos próximos com robôs, com distribuições quase planas em ambas as escalas. Orientação sociossexual, orientação de dominância, gênero e sexismo hostil previram a Robossexualidade, mas apenas hostil o sexismo previu a Roboamizade. Os resultados da mediação mostraram que o sexismo hostil explicou parcialmente a relação entre gênero e Robossexualidade. Concluo discutindo as limitações e direções futuras para esta pesquisa (LESHNER, 2018, s/p).

Lara Villafranca (Villafranca, 2021) trata do turismo sexual sob a lógica dos *sexbots*.

O progresso tecnológico permite esses robôs têm cada vez mais software e hardware que os tornam mais parecidos com humanos, não contraem DSTs, podem acabar com a escravidão branca e podem ser configurados para satisfazer os desejos e necessidades dos usuários (Yeoman & Mars, 2012). Em 2010 é apresentada a primeira boneca sexual em Las Vegas (Yeoman & Mars, 2012) e em 2017 já havia robôs sexuais treinados para realizar 50 posições sexuais (Marcos, 2017). **Esses robôs abrem um novo mundo de possibilidades, o termo já foi cunhado digisexual em referência a pessoas cuja principal atração sexual vem do uso de tecnologia (McArthur & Twist, 2017).** No futuro poderá haver turismo no qual as pessoas viajam e fazem sexo com esses robôs, seja como motivação primária ou secundária. Atualmente existe um debate sobre moralidade ou se deveria regulamentar e criminalizar o uso desses robôs em fantasias que incluem estupro e pedofilia (Danaher, 2017). O uso de robôs sexuais pode modificar os fluxos de turismo sexual baseado na prostituição, pois talvez não fosse necessário ir a outros países encontrar um parceiro sexual - neste caso um robô - que tivesse a personalidade e física que gostávamos, mas também podia satisfazer as fantasias sexuais que só pode ser realizado em países cuja legislação é mais frouxa, como é o caso por exemplo, com pedofilia. Será interessante ver quais países saem por cima neste tipo de turismo (VILLAFRANCA, 2021, p.47, grifos meus).

Oesch (2020) falando da Era Digital, afirma que a mesma,

[...] transformou quase todas as facetas da cultura ocidental. Mais do que nunca, as pessoas estão se afastando das interações cara a cara para passar incontáveis horas mediando a vida por meio de uma tela. Tais mudanças podem ser sentidas nas arenas da política, sexualidade, trabalho e recreação. Alguns futuristas defendem o desenvolvimento do Transhumanismo, um compromisso de expandir as capacidades humanas por meio do uso de tecnologias aplicadas em uma variedade de plataformas. Os proponentes prometem vida radicalmente longa, superinteligência e felicidade extrema. Mas como a tecnologia nos molda no nível espiritual? Nossos corpos ainda importam? Crossing Wires navega no terreno complexo das tecnologias digitais e robóticas com uma acessibilidade refrescante. O livro abre as portas para discussões sobre a influência da tecnologia na identidade humana, ao mesmo tempo em que apresenta um caso de comunidades de graça incorporadas e empáticas que podem servir

como um antídoto necessário para uma sociedade que parece amar e confiar em dispositivos acima de tudo (OESCH, 2020, s/p).

São parte do levantamento, 62 obras, dentre artigos, livros e-books, nos mais diversos idiomas, sendo em sua grande maioria, no idioma inglês; para a análise construída no MT apenas 44 entraram no escopo, seguindo os critérios de exclusão como textos repetidos (ponto de saturação do levantamento), indicação de blogs, também excluídos, enfim. Menos de uma dezena destes 44 trabalhos indicaram mais de 10 citações o que aumenta significativamente o quantitativo de referenciais sobre as digissexualidades nos mais diversos idiomas.

Considerando as referências só dos textos com maior quantidade de citações no Google Acadêmico, seja um e-book, livro, capítulo de livro ou artigo em periódicos, o número de referências passa de duas centenas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS DESTA SEÇÃO

- Antes da publicação de McArthur; Twist (2017) apresentarem ao mundo a terminologia “digissexualidade”, na verdade, a questão dos robôs sexuais na academia foi, de fato, provocada por David Levy (Levy, 2007), na obra *Love and sex with robotics*. Mas, isto, considerando apenas a questão robótico-sexual. Mas, se considerarmos as classificações, de primeira e segunda ondas, proposta pelos autores, de fato, ainda permanecem na vanguarda promissora destes estudos na esfera acadêmica.

- O estudo está muito longe de uma saturação de dados que irá promover estudos empíricos e de clínica psicológica e terapêutica. O que se apresenta aqui é apenas o início de uma demarcação muito, mas, muito inicial, do que vem a ser a digissexualidade, as digissexualidades. De fato, estamos no início de um grande campo de estudos para a área da Educação Sexual. Chegar ao aspecto do currículo ainda levará algum tempo que talvez só fará sentido a partir da compreensão do que é e o alcance da tecnologia ou da ciência tecnológica aplicada às ciências da sexualidade humana.

- As palavras-chave dos estudos das sexualidades (Apêndice C).

- O pequeno vocabulário (Apêndice D) é um início de aprofundamentos teóricos para fins de pesquisas e construções curriculares em Educação Sexual. Ao lado do vocabulário Ficarà para um próxima edição um Verbete das digissexualidades que ajudará um pouco aos estudos iniciais de pesquisadores(as) em cursos de graduação e pesquisa científica de iniciação. Esta é uma das futuras contribuições do Marco Teórico.

- Uma das duas últimas contribuições do Marco Teórico é a indicação de alguns estudos no Apêndice E.

- O Marco Teórico, por fim, traz a base para o tratamento analítico de teorização com o uso da metodologia Grounded Theory, que é o próximo passo do estudo a ser apresentado em uma seção específica.

- Finalmente, os pontos centrais do Marco Teórico são:

- a) a ausência de um referencial teórico, ainda que múltiplo e contraditórios em dois ou mais textos de artigos ou livros;
- b) A ausência de pesquisas empíricas ao redor do mundo e no Brasil;
- c) Nenhuma citação sobre as digissexualidades em livros didáticos escolares, nem em curso superior, muito menos, no ensino médio;

- d) Limitações quanto a um ponto em que as pesquisas possam ser repetidas (ideia ou noção do ponto de saturação em pesquisas bibliográficas);
- e) O campo em aberto para as sucessivas produções textuais e de pesquisas com os referenciais já consolidados – identificados pelo volume de citações desta segunda década dos anos 2000 – impedem uma teorização a não ser um pequeno encaminhamento conceitual, muito breve, porém, com boas aproximações ao currículo de uma Educação Sexual, qual seja, a relação entre CT&i e a ciência da sexualidade.
- f) Há uma forte tendência aos estudos sobre robôs sexuais, mais do que qualquer outro assunto. Mas, entende-se que é necessário compreender-se melhor a primeira onda: a relação humana com a internet e a identidade digissexual. Para se chegar a aprofundamentos, sobretudo no contexto brasileiro, sobre os robôs sexuais e possíveis inserções no currículo, por exemplo, da CTS, seria importante o conhecimento sobre as relações da Primeira Onda, no convívio e na vida das pessoas e a transição, que passa, em especial, pelo poder aquisitivo e a possibilidade de se obter um robô sexual; algo, talvez, ainda distante da realidade nacional e mundial.
- g) É possível detectar que em todos os lugares do mundo a temática está presente: dos EUA à Rússia e Ucrânia, passando pela Europa, até a Austrália; um ou dois textos presentes na Índia e Arábia (referência À Sofia, primeira cidadã robô do mundo); uma total ausência do tema no continente africano. Há apenas um trabalho no Brasil, com rápida citação (Silva, 2020); outra produção de brasileiros (Santos; Baia, 2021), mas em uma revista em espanhol.
- h) As questões sobre o direito das máquinas e o direito das pessoas em ter uma máquina é, talvez, o segundo assunto mais recorrente e que está em curso, ainda que antecipando a realidade dessa possível presença em massa, das máquinas, na vida humana, nos próximos anos.
- i) Religião, as questões éticas:
- j) “Aprender com as máquinas”. Uma pergunta que fica, resultante do trabalho teórico: os humanos aprenderiam mais sobre humanização, caso as máquinas lhes revelassem a importância da vida e dos relacionamentos?
- k) Hologramas.
- l) Máquinas para retrair a pedofilia e o vício pelo sexo;
- m) Máquinas robótico-sexuais para idosos, pessoas com deficiência ou aquelas sem sucesso no amor? Por que retirar delas essa oportunidade?

Diante de tantas questões e pontos em aberto é que a pesquisa procura avançar um pouco mais, na direção de uma teorização ou teoria que interprete a realidade sobre a presença desta identidade sexual emergente: a digissexualidade, tema da próxima seção da pesquisa.

5 REFERÊNCIAS DO MARCO TEÓRICO

AOKI, B. Y.; KIMURA T. Sexuality and Affection in the Time of Technological Innovation: Artificial Partners in the Japanese Context. *Religions*, 12, no. 5: 296, 2021. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2077-1444/12/5/296#cite> Acesso em: 09 jun. 2022.

AUSTIN, J. L. **How to Do Things with Words**. Oxford University Press, 1978.⁴¹
BROWN, C. The American Papers. In: **The American Papers, 2018-2019**, v. 37, 2019, p. 105-120. Disponível em: <http://amst.fullerton.edu/students/Final%20AP%202019%20PMG%20PRESS.pdf#page=105> Acesso em 23 jun. 2022.

АЛИХАДЖИЕВА, И. С. О НОВЫХ ТЕНДЕНЦИЯХ СОВРЕМЕННОЙ СЕКС-ИНДУСТРИИ И ЕЕ КРИМИНОЛОГИЧЕСКИХ РИСКАХ // Актуальные проблемы российского права. 2021. №4 (125). URL: <https://cyberleninka.ru/article/n/o-novyh-tendentsiyah-sovremennoy-seks-industrii-i-ee-kriminologicheskikh-riskah> (дата обращения : 24.06.2022).⁴²

BARRICA, A. **Sextech revolution: the future of sexual wellness**. Lioncrest Publishing, 2019.

BARDZELL, S.; BARDZELL, J. Technosexuality. In: Wong, A., Wickramasinghe, M., Hoogland, R., Naples, N.A., Eds.; **The Wiley Blackwell Encyclopedia of Gender and Sexuality Studies**; John Wiley & Sons, Ltd.: Singapore, 2016; pp. 1–3.

CHEOK, A. D. ; KARUNANAYAKA, K. ; ZHANG, E.Y. Lovotics: human-robot love and sex relationships. In: LIN, P. .; ABNEY, K. ; JENKINS, R. **Robot Ethics 2.0: from autonomous car to artificial intelligence**. Oxford Scholarship, 2017. DOI:[10.1093/oso/9780190652951.003.0013](https://doi.org/10.1093/oso/9780190652951.003.0013) Acesso 17 jun. 2022.

CHEOK, A.D.; LEVY, D.; KARUNANAYAKA, K. Lovotics: Love and Sex with Robots. In: KARPOUZIS, K.; YANNAKAKIS, G. (eds). **Emotion in Games**. Socio-Affective Computing. Vol 4. Springer, Cham, 2016. https://doi.org/10.1007/978-3-319-41316-7_18

DODDS, F. ; CHOPITEA, C.; RUFFINS, R. **Tomorrow's people and new technology: CHANGING HOW WE LIVE OUR LIVES**, 2021. DOI: [10.4324/9781003045496](https://doi.org/10.4324/9781003045496)

DUBÉ, S.; ANCTIL, D. Beyond sex robots: erotobots explores erotic human-machine interactions. **The Conversation**, 2019. <https://theconversation.com/beyond-sex-robots-erotobots-explores-erotic-human-machine-interactions>. Acesso em 09 jun., 2022.

DENNETT, D.C. Darwin's dangerous idea. *Sci*, 35(3):34–40, 1995. <https://doi.org/10.1002/j.2326-1951.1995.tb03633.x>

DAUTENHAHN, K.; BOND, A.; CAÑAMERO, L. EDMONDS, B. Socially intelligent agents: creating relationships with computers and robots. In: DAUTENHAHN, K., BOND, A.; CAÑAMERO, L.; EDMONDS, B. (eds). **Socially intelligent agents**. Multiagent systems, artificial societies, and simulated organizations. Vol 3. Springer, Boston, 2002, pp 1-20.

⁴¹ Primeira Publicação em 1955.

⁴² Para acesso ao texto original foi mantida a forma de identificação encontrada no levantamento, sem tradução.

DAUTENHAHN, K. Getting to know each other—artificial social intelligence for autonomous robots. *Robot Auton Syst* 16(2–4):333–356, 1995. [https://doi.org/10.1016/0921-8890\(95\)00054-2](https://doi.org/10.1016/0921-8890(95)00054-2)

DAUTENHAHN, K. The art of designing socially inteligente agents: science, fiction, and the human in the loop. *Appl Artif Intell*, 12(7–8):573–617, 1998. <https://doi.org/10.1080/088395198117550>

DORING, N. POESCHL, S. Love and sex with robots: a contente analysis of media representations. *Int J Soc Robot*, 11:665–677, 2019. <https://doi.org/10.1007/s12369-019-00517-y>

DÖRING, N. Vom Internetsex zum Robotersex: Forschungsstand und Herausforderungen für die Sexualwissenschaft [From Internet sex to robot sex: State of research and challenges for the science of sexuality]. *Zeitschrift für Sexualforschung*, 30(1), 35–93, 2017. <https://doi.org/10.1055/s-0043-101471>

DÖRING, N.; MOHSENI, M.R.; WALTER, R. Design, Use, and Effects of Sex Dolls and Sex Robots: Scoping. *Review J Med Internet Res*, 2020 Jul 30;22(7): e18551. DOI: [10.2196/18551](https://doi.org/10.2196/18551).

DEHNERT, M⁴³. Sex with robots and human-machine sexualities: Encounters between human-machine communication and sexuality studies. *Human-Machine Communication*, 4, 131-150, 2022. <https://doi.org/10.30658/hmc.4.7>

DÖRING, N.; POESCHL, S. Love and sex with robots: A content analysis of media representations. *International Journal of Social Robotics*, 11, 665–677, 2019. <https://doi.org/10.1007/s12369-019-00517-y>

DÖRING, N. Sexuelle Aktivitäten im digitalen Kontext. *Psychotherapeut*, 64, 374–384, 2019. <https://doi.org/10.1007/s00278-019-00371-3>

DUBÉ, S., ANCTIL, D. Foundations of Erobotics. *International Journal of Social Robotics*, 13, 1205–1233 (2021). Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s12369-020-00706-0> Acesso em 18 jun. 2022.

EFFODUH, J. O. The Legitimization of Customized Sex Robots in the Age of COVID-19. *Intellectual Property Journal*; 33(2):161-181, 2021. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/global-literature-on-novel-coronavirus-2019-ncov/resource/pt/covidwho-1196252> Acesso em 17 jun. 2022.

FLORE J.; PIENAAR, K. Data-driven intimacy: emerging technologies in the (re)making of sexual subjects and ‘healthy’ sexuality. *Health sociol rev.*, 2020. <https://doi.org/10.1080/14461242.2020.1803101>

GERSEN, J. S. Sex lex machina: intimacy and artificial intelligence. *Columbia Law Review*, 119(7), 1793–1810, 2019. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/26810849> Acesso em 17 jun. 2022.

⁴³ No acesso aos textos que em sua maioria estão na língua inglesa, para melhor localização, mesmo mantendo a estrutura da ABNT, manteve-se a identificação e a identificação pelo número do DOI (Digital Object Identifier).

GIBSON, R. **Desire in the age of robots and ai**. an investigation in science fiction and fact. springer nature switzerland ag: palgrave pivot cham, 2020. <https://doi.org/10.1007/978-3-030-24017-2>

GONZÁLEZ-GONZÁLEZ, C. S. ; GIL-IRANZO, R. M. ; PADEREWSKI-RODRÍGUEZ, P. Human–Robot Interaction and Sexbots: A Systematic Literature Review. **Sensors** 2021, 21, 216. <https://doi.org/10.3390/s21010216>

GUPTA, A. Assessing the Legal Personality of Sexbots in the Light of Human Rights. **Kathmandu School of Law Review (KSLR)**, Volume 8, Issue 1, 2020, pp 90-98. Disponível em: <https://doi.org/10.46985/kslr.v8i1.2130> Acesso em: 10 jun. 2022.

HANCOCK, E. Should society accept sex robots?: Changing my perspective on sex robots through researching the future of intimacy". **Paladyn, Journal of Behavioral Robotics**, vol. 11, no. 1, 2020, pp. 428-442. Disponível em: <https://www.degruyter.com/journal/key/pjbr/11/1/html> Acesso 17 jun. 2022.

HERTLEIN, [K. M.](#); [TWIST, M. L. C.](#) **The Internet Family: Technology in Couple and Family Relationships**. Routledge, 2019.

HAYASHI, K. Holograms and idols: The image of god and artificial transcendence in the cultural phenomenon of the japanese vocaloid hatsune miku. IN: EDITED BY WILLIAM H. U. ANDERSON. VERNON. **Technology and theology**. PRESS, 2020, PAGES 263-83.

HIPP, C.J.; CARLSON, R.G. The Dyadic Association among Technoference and Relationship and Sexual Satisfaction of Young Adult Couples. **J Sex Marital Ther**, 2021;47(5):508-520. doi: [10.1080/0092623X.2021.1922562](https://doi.org/10.1080/0092623X.2021.1922562)

KONINA, M.A. Phenomenology and Pathology of Modern Sexual Culture [Elektronnyi resurs]. Konsul'tativnaya psikhologiya i psikhoterapiya = Counseling. **Psychology and Psychotherapy**, 2018. Vol. 26, no. 1, pp. 76–94. doi: [10.17759/cpp.2018260106](https://doi.org/10.17759/cpp.2018260106) Acesso 17 jun. 2022.

KURZWEIL, R. **The Age of Spiritual Machines**. When Computers Exceed Human Intelligence. New York: Viking, 1999.

JECKER, N. S. Nothing to be ashamed of: sex robots for older adults with disabilities. **Journal of Medical Ethics**, 2021;47:26-32. Disponível: <https://jme.bmj.com/content/47/1/26> Acesso em 09 jun., 2022.

JOHNSON, D.G.; VERDICCHIO, M. AI, agency and responsibility: the VW fraud case and beyond. **AI Soc**, 34:639–657, 2019. <https://doi.org/10.1007/s00146-017-0781-9>

LEE, M. **Speech acts redux: Beyond request-response interactions**. In: **CUI '20: Proceedings of the 2nd Conference on Conversational User Interfaces**. July 2020 Article N.º 13, Pages 1-10. <https://doi.org/10.1145/3405755.3406124>

LESHNER, C. E. **Technically in Love: Individual Differences and the Relationship with Intimate Engagement and Robots**. B.Sc., Arizona State University, 2018

MARTÍN, A. C. **Pettify**: app de interfaces hápticas interconectadas. 2018. (Tesis de Máster) - Máster Universitario en Artes Visuales y Multimedia-Màster Universitari en Arts Visuals i Multimèdia. Universitat Politècnica de València. València, España, 2018.
<http://hdl.handle.net/10251/113656>

MOSCATELLI, A.; NIMBI, F.M.; CIOTTI, S.; JANNINI, E.A. Haptic and Somesthetic Communication in Sexual Medicine. **Sex Med Ver**, 2021, Apr;9(2):267-279. DOI: [10.1016/j.sxmr.2020.02.003](https://doi.org/10.1016/j.sxmr.2020.02.003)

MAKRIDAKIS, S. The forthcoming artificial intelligence (AI) revolution: its impact on society and firms. **Futures**, 90:46–60, 2017. <https://doi.org/10.1016/j.futures.2017.03.006>

MCARTHUR, N. ; TWIST, M. L. C. The rise of digisexuality: therapeutic challenges and possibilities, **Sexual and Relationship Therapy**, 2017. DOI: [10.1080/14681994.2017.1397950](https://doi.org/10.1080/14681994.2017.1397950)

MERCER, C. ; TROTHEN, T. J. Affective Enhancement and Spiritual Enhancement: Feeling Happier and More Spiritual. In: **Religion and the Technological Future**. Palgrave Macmillan, Cham, 2021. https://doi.org/10.1007/978-3-030-62359-3_7

MILES, E. Porn as practice, porn as access: pornography consumption and a ‘third sexual orientation’ in Japan. **Porn Studies**, 7:3, 269-278, 2020. DOI: [10.1080/23268743.2020.1726205](https://doi.org/10.1080/23268743.2020.1726205)

NEVES, S. **Compulsive Sexual Behaviours**: A Psycho-Sexual Treatment Guide for Clinicians. London: Routledge, 2021. DOI: [10.4324/9781003029502](https://doi.org/10.4324/9781003029502)

NIELSEN Yngwie Asbjørn, PFATTHEICHER Stefan, KEIJERS Merel. Prosocial behavior toward machines. **Current Opinion in Psychology**, Volume 43, Pages 260-265 2022.
<https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2021.08.004> Disponível em:
<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2352250X21001378>

NURASIH, W. **Digiseksual dalam perspektif al-qur'na**. Kajian Kontekstual Ayat-Ayat Tentang Seksualitas. Tese de Skripsi, Iain. 2020.

OWSIANIK, J. DAWSON, R. **The future of sex report**. Future of Sex, 2017.
https://futureofsex.net/Future_of_Sex_Report.pdf.

OLIVEIRA, A. Subject (in) Trouble: Humans, Robots, and Legal Imagination. **Laws**. 2020; 9(2):10. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2075-471X/9/2/10> Acesso em 09 jun., 2022.

OESCH, J. **Crossing Wires**: Making Sense of Technology, Transhumanism, and Christian Identity. Wipf & Stock Publishers, 2020.

PERTEGÁS VILLAFRANCA, L. **Turismo sexual**: reconceptualización y nuevas tendencias. 2018. Programa Simultáneo TADE: Turismo y Administración y Dirección de Empresas - Universidad de Alicante. Departamento de Geografía Humana, València, España, 2018. Disponível em:
<http://rua.ua.es/dspace/handle/10045/111879?mode=full> Acesso em 09 jun., 2022.

RYDELIUS, E. **Min artificiella kärlek**: Om att leva tillsammans med en artificiell individ, och om hur relationen representeras i och av filmad media. Linköping University, Department of Culture

and Society, 2021. Disponível em: <http://liu.diva-portal.org/smash/record.jsf?pid=diva2%3A1573682&dswid=9550> Acesso em 17 jun., 2022.

RIVA G, BAÑOS RM, BOTELLA C, WIEDERHOLD BK, GAGGIOLIA (2012) Positive technology: using interactive technologies to promote positive functioning. **Cyberpsychol Behav Soc Netw**, 15(2):69–77, 2012. <https://doi.org/10.1089/cyber.2011.0139>

RUSSELL, S.; NORVIG, P. Problem-solving. In: RUSSELL, S.J; NORVIG, P. (eds). **Artificial intelligence: a modern approach**, 2nd edn. Prentice Hall, New Jersey, 2003, pp 59–193.⁴⁴

RUSSELL, S. **Human compatible: artificial intelligence and the problem of control**. New York: Viking, 2019.

RUBIN, P. **Future presence: how virtual reality is changing human connection, intimacy, and the limits of ordinary life**. San Francisco: HarperOne, 2018.

RADUTNY, A. Нова ЗАГАЛЬНА та правова культура відносин людини, цифрової людини та штучного інтелекту. In: KHAMITOV, N.; KRYLOVA, S. **Людина і штучний інтелект**. Київ: Факультету філософії та суспільствознавства Національного педагогічного університету імені М.П.

RAMBUKKANA, N. (edit.). **Intersectional automations**. Robotics, al, algorithms and equit. Lexington Books, 2021.

SHAUGHNESSY, K.; BRAHAM, J. Where's the tech in sex research? A brief critique and call for research. **The Canadian Journal of Human Sexuality**, 30(2), 144–155, 2021. <https://doi.org/10.3138/cjhs.2021-0026>

SANTOS, G. C. ; BAIA, L. S. Digissexualidade e os aspectos discriminatórios. **Revista Inclusiones**, VOLUMEN 8 – NÚMERO 2 – ABRIL/JUNIO 2021. Disponível em: <http://revistainclusiones.com/carga/wp-content/uploads/2021/02/10-Santos-et-al-VOL-8-NUM-2-AbrilJunoo2021INCL-1.pdf> Acesso em: 10 jun. 2022.

SAMANI, H.A. **Lovotics: love + robotics, sentimental robot with affective artificial intelligence**. Dissertation, National University of Singapore, 2011.

SZCZUKA, J.M.; KRÄMER, N.C. Not only the lonely—how men explicitly and implicitly evaluate the attractiveness of sex robots in comparison to the attractiveness of women, and personal characteristics influencing this evaluation. **Multimodal Technol Interact** 1(1):1–18, 2017. <https://doi.org/10.3390/mti1010003>

SCHLOSSER, M. Agency. In: ZALTA, E.N (ed). **The Stanford encyclopedia of philosophy**. Fall, 2015 edn. <https://plato.stanford.edu/archives/fall2015/entries/agency/> Acesso em 09 jun., 2022.

SIMON, W.; GAGNON, J. Sexual scripts: permanence and change. **Archives Sexual Behavior**, Toronto, v. 15, n. 2, p. 97-119, 1986.

⁴⁴ Esta obra existe em língua portuguesa, traduzida.

SILVA, C. R. da. Educação Sexual, CT&i: um breve estudo teórico e uma proposta de aplicação. **Temas em Educação e Saúde**, Araraquara, v. 16, n. 1, p. 40–50, 2020. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/tes/article/view/13532> . Acesso em: 9 jun. 2022.

SAMPIERI, R.H.; COLLADO, C.F.; LUCIO, M.D.P. **Metodologia de Pesquisa**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SELIGMAN, M.; CSIKSZENTMIHALYI, M. Positive psychology: an introduction. **Am Psychol**, 55(1):5–14, 2000. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.55.1.5>

SELIGMAN, M. 2004. **Felicidade autêntica**: usando a nova psicologia positiva para a realização permanente. Rio de Janeiro. Objetiva.

TWIST, M. L. C.; McArthur, N. Introduction to special issue on digihealth and sexual health, **Sexual and Relationship Therapy**, 35:2, 131-136, 2020. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14681994.2020.1735176> Acesso 09 jun. 2022.

TWIST, M. L. C. Introduction to special issue on sexual health risks and assessments, **Sexual and Relationship Therapy**, 35: 4, 419-423, 2020. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/epub/10.1080/14681994.2020.1835307?needAccess=true> Acesso em: 09 jun. 2022.

TWIST, M.L. C. Editorial introduction. **Sexual and Relationship Therapy**, 37:1, 1-6, 2022. Disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14681994.2022.2026152> Acesso em: 09 jun. 2022.

TWIST, M.L. C.; BELOUS, C. K.; MAIER, C. A.; BERGDALL, M. K. Considering technology-based ecological elements in lesbian, gay, and bisexual partnered relationships. **Sexual and Relationship Therapy**, 32:3-4, 291-308, 2017. DOI: [10.1080/14681994.2017.1397945](https://doi.org/10.1080/14681994.2017.1397945)

VANMAN, E.J.; KAPPAS, A. **Danger, Will Robinson!” the challenges of social robots for intergroup relations**. **Soc Personal Psychol Compass**, 13 (2019). DOI: [10.1111/spc3.12489](https://doi.org/10.1111/spc3.12489)

VOSSLER, A.; MOLLER, N.P. Internet Affairs: Partners’ Perceptions and Experiences of Internet Infidelity, **Journal of Sex & Marital Therapy**, 46:1, 67-77, 2020. DOI: [10.1080/0092623X.2019.1654577](https://doi.org/10.1080/0092623X.2019.1654577)

WHITE D.; GALBRAITH, P.W. (2019) Japan’s emerging emotional tech. **Anthropology News**, 2019. <http://www.anthropology-news.org/index.php/2019/01/25/japans-emerging-emotional-tech/#:~:text=Along%20with%20the%20new%20AIBO,and%20even%20guess%20one’s%20age> Acesso em 9 jun., 2022.

WILLIAMS DJ, THOMAS JN, PRIOR EE, Walter W (2015) Introducing a multidisciplinary framework of positive sexuality. **J Posit Sex**, 1:6–11

WOODWARD, S. Digisexuality, erotobotics and the future of intimacy. **New zealand Sociology**, Hamilton, VOL. 35, ED. 2, P. 99-119, 2020. Disponível em: <https://www.nzsociology.nz/index.php/nzs> Acesso em: 09 JUN. 2022.

ZHYDKO, M.E. Peculiarities of digisexuality among modern ukrainian men. In: O. Ye. Blynova, Yu. O. Bystrova, I. M. Halian, O. M. Kikinezhdi, ... **Modern research of the representatives of psychological sciences : collective monograph** /– Lviv-Toruń : Liha-Pres, 2019. – 332 s. DOI <https://doi.org/10.36059/978-966-397-118-6/303-325>

YUVAL, N.H. Reboot for the AI revolution. **Nature**, 2017. <https://www.nature.com/news/reboot-for-the-ai-revolution-1.22826>.

ZHOU, Y.; MARTIN, H. F. Intimate Relationships With Humanoid Robots. Understanding Human Social Cognition and Human Sexuality. In: BENDEL, O. (hrsg). **Maschinenliebe**. Liebespuppen und sexroboter aus technischer, psychologischer und philosophischer perspektive. Wiesbaden, Germany: Springer Gabler, 2020, pp 237–254. https://doi.org/10.1007/978-3-658-29864-7_14

3.4
MACRO SEÇÃO IV
Teorização pela Grounded Theory

TEORIZAÇÃO PELA GROUNDED THEORY

1 Sobre a metodologia Grounded Theory (GT)

A metodologia GT é uma proposta qualitativa de pesquisa nas ciências sociais, elaborada, originalmente, nos anos 1950/1960 por Barney Glaser e Anselm Strauss, na obra *The Discovery of Grounded Theory*. (GLASER; STRAUSS, 1967).

Ao longo dos anos 1970 a 1990 algumas modificações no modelo metodológico e também na abordagem teórica foram efetuadas, incluindo a criação de vertentes, como a construtivista de Kathy Charmaz, em 1995, e a vertente situacional analítica de Adele Clarke. (SILVA, 2019).

Tendo desenvolvido essa metodologia na pesquisa de doutorado (Silva, 2015), agora, no pós-doutorado, houve o interesse de aplicar a GT, no sentido de descobrir se a temática da digissexualidade já permite uma teorização aprofundada e válida, segundo os critérios da metodologia GT.

Antes de prosseguir,

Para Charmaz (2009), a construção do conhecimento pela GT é sempre uma co-construção: o pesquisador fundamentado na GT e os pesquisados(as). Nesse sentido, a corrente construtivista da GT implica:

- O pesquisador é participante da pesquisa. Seu ponto de vista é colocado no diálogo e na análise com os dados, mas sempre, indicando, o lugar da voz dos participantes e o lugar (contexto) de sua voz de pesquisador.
- Os dados, na verdade, não são apenas coletados, eles são produzidos, ou seja, imediatamente, estes dados coletados se transformam em categorias e conceitos provisórios que originarão a teorização, logo, estamos diante de um processo gradativo de significação e interpretação dos dados.
- Os dados são sempre as significações dadas dos fatos, pelos participantes da pesquisa. Significados *tácitos*, segundo Tarozzi (2011).
- Relações de respeito (ética em pesquisa) entre pesquisador da GT e os participantes. No caso, dos dados documentais, fidelidade máxima às fontes e referência aos autores.
- Na organização das categorias, flexibilidade é indispensável, sobretudo, fidedigna à realidade empírica em que foram extraídos os dados.
- Todas as etapas, no processo de organização da teorização são momentâneas, provisórias, portanto, se reformulam na medida em que a teorização vai, aos poucos, se formatando, se organizando, se estruturando. (SILVA, 2019, p. 74-75).

Uma visão dedutiva de pesquisa, com a qual estamos muito acostumados, sobretudo, na área da Educação, dificulta o entendimento da aplicação da GT, o que Silva (2019) aponta para a necessidade de um olhar para textos resultantes da GT dedutivo para um olhar indutivo, já que esta é

a lógica da produção, etapa por etapa, da pesquisa sob a GT. Esse é um primeiro critério ou chamada inicial para a leitura de uma pesquisa sob a metodologia GT.

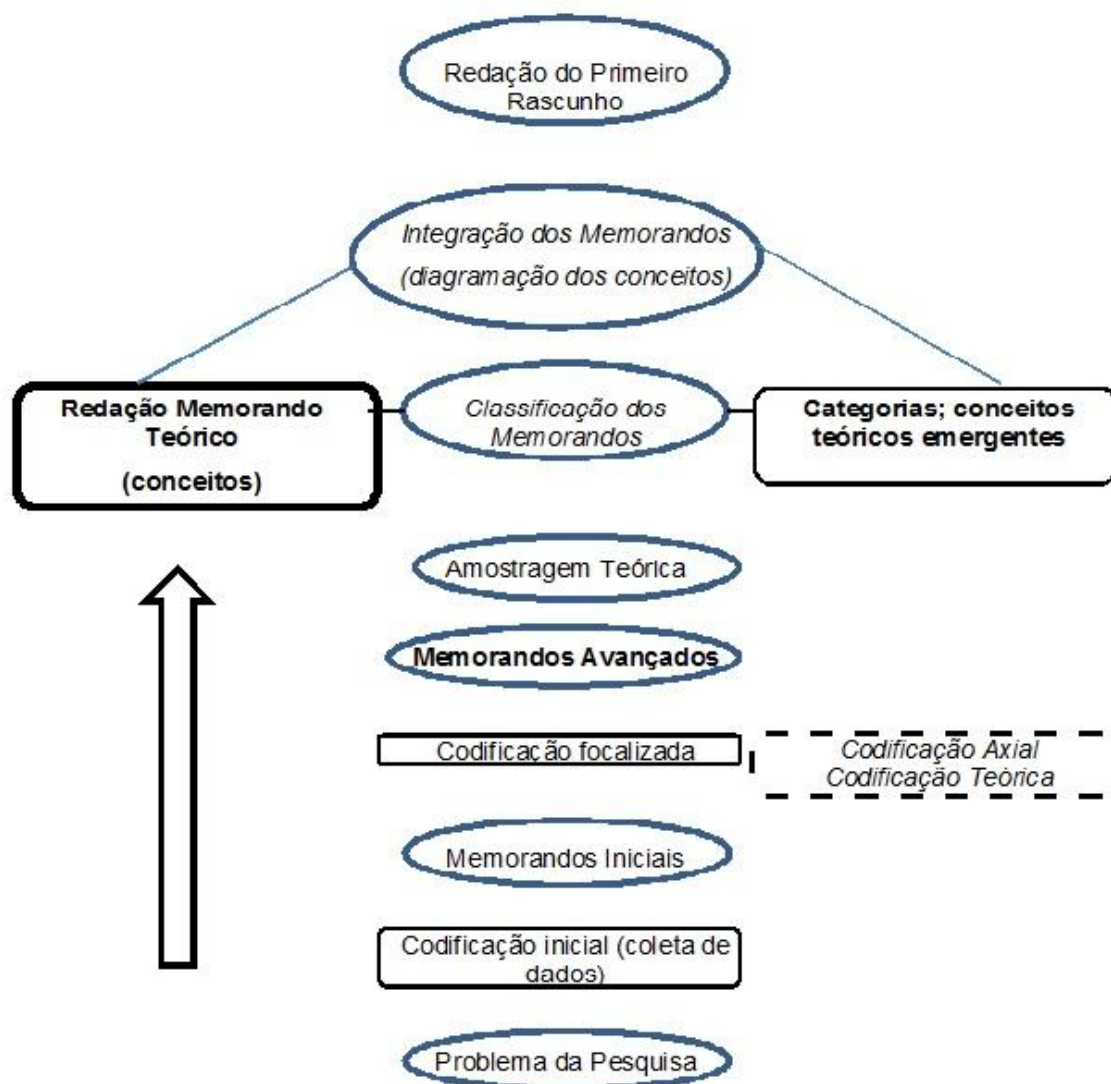
Feita essa observação inicial apresenta-se as etapas da GT em Charmaz (2009).

Que abordagem propõe Charmaz (2009) que é fiel aos originais da GT?

1. Definição do objetivo(s) e da pergunta da pesquisa.
2. Codificação inicial (coleta de dados).
3. Memorandos Iniciais.
4. Nova coleta de dados, mas, uma coleta mais específica para saturação dos dados, denominado por Charmaz (2009) de Codificação Focalizada.
5. Memorandos Avançados.
6. Amostragem Teórica, buscando novos dados, para certificação, de fato, que os dados foram saturados, mas também abrindo-se a novos “achados”.
7. Organização de categorias e conceitos teóricos. Ao mesmo tempo, redação de memorandos com refinamento das categorias e conceitos.
8. Integração de memorandos (prévia organização da teorização).
9. Redação do primeiro rascunho da teorização. (SILVA, 2019, p. 76).

A Figura a seguir, representa o modelo construtivista de Kathy Charmaz.

FIGURA 3 – Etapas da GT construtivista (Charmaz, 2009)



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Charmaz (2009).

Esta é a estrutura básica, sobre a qual, se construirá a presente seção, com pequenas modificações, seguindo Silva (2019).

Em relação a proposta construtivista de Charmaz (2009), Tarozzi (2011) comenta:

Kathy Charmaz (...) propôs uma interpretação da GT em chave construtivista que aceita (parcialmente) um certo relativismo do conhecimento, o qual deriva de uma concepção da realidade múltipla e plural. A GT construtivista assume que o conhecimento é fruto de uma construção recíproca entre o (a) pesquisador (a) e os sujeitos da pesquisa e põe, portanto, no centro da investigação como dados da pesquisa, mais do que os fatos, a dimensão do significado (TAROZZI, 2011, p. 51).

Uma das potencialidades e possibilidades desta vertente construtivista é o uso de pesquisas de fontes documentais, como a aplicada nesta investigação. Os registros são ligados à realidade, portanto, pela GT, são passíveis de séria e rigorosa teorização, desde que cumpram um requisito inicial fundamental, antes da Amostragem Teórica, qual seja, a saturação de dados.

Longe de aprofundar os detalhes da GT que podem ser buscadas em Charmaz (2009), Tarozzi (2011) e Silva (2019), basta, antes dos Resultados e Discussão da teorização sobre as digissexualidades, falar da importância da etapa dos Memorandos nas pesquisas GT.

- Determinam e categorizam os dados classificados pelo seu tópico.
- Descrevem como a sua categoria emerge e se altera.
- Identificam as crenças e as suposições que sustentam isso.
- Dizem o que os dados parecem ser e a que se propõem a partir de várias perspectivas.
- Situam os dados dentro da argumentação.
- Fazem comparações (p. 117).

Os Memorandos é que vão dando formas à teorização até que os dados das SCC iniciais e secundárias, juntamente com as UC e UCP vão se constituindo como ensaios teóricos a serem tratados, só posteriormente, com a literatura da área sobre o assunto. Esse o esquema utilizado em Silva (2015; 2019).

Adianta-se, aqui, que a pesquisa de estágio pós-doutoral só pode chegar na etapa de Memorandos, antes da Amostragem Teórica, pois faltam elementos de saturação (Charmaz, 2009) que serão apresentados durante a construção das etapas das SCC, UC e UCP, seguindo a estrutura de Silva (2019).

2 Aplicando a metodologia GT: a busca de uma teorização inicial das digissexualidades

O processo da teorização é muito extenso e alguns elementos são fundamentais, quais sejam, uma mínima saturação de dados que se repitam ao longo do relato dos fenômenos sociais da realidade e, em segundo lugar, a segurança do pesquisador GT em atestar os seus dados “enraizados” na realidade. (CHARMAZ, 2009; SILVA, 2019).

Na seção seguinte no Quadro, em sua última coluna, à direita, são apresentadas as Sentenças Categroriais Conceituais (SCC) resultante da leitura e da síntese elaborada pelo pesquisador GT.

2.1 Sentenças Categroriais Conceituais (SCC)

QUADRO 5 – Sentenças Categroriais Conceituais (SCC)

Cod. Prim.	Fragmento de Texto	Cod. Sec.	SCC 1.ªria
1	A digissexualidade está longe de ser nova. O crescimento da tecnologia digital e seu uso para fins sexuais estiveram intimamente interligados ao longo de sua história. Acreditamos, no entanto, que estamos entrando em uma fase nova e distinta desse processo. Com isso em mente, definimos duas ondas distintas de tecnologia sexual. A "primeira onda" atingiu um estado de relativa maturidade e estabilidade, embora, certamente, continue a evoluir e desenvolvimentos revolucionários continuem possíveis. A "segunda onda" só agora está emergindo e, embora certa, as tendências são claras, é difícil fazer previsões sobre sua direção. (McArthur; Twist, 2017, p. 4) ⁴⁵ .	1.1	Digissexualidade é a tecnologia digital para a sexualidade humana.
		1.2	Digissexualidades se classificam em duas ondas: Primeira e Segunda Ondas.

⁴⁵ Utilizada a tradução realizada por Silva (2021).

	A característica definidora das digissexualidades de primeira onda é que a tecnologia faz a mediação em conexão com um parceiro humano (MCARTHUR; TWIST, 2016; TWIST, 2017a). A maioria das digissexualidades da primeira onda servem para facilitar a comunicação entre parceiros humanos – embora, no caso de algumas dessas tecnologias, como a pornografia digital tradicional, o parceiro humano não esteja tecnicamente presente ou mesmo ciente da presença como usuário. (McArthur; Twist, 2017, p. 4-5)⁴⁶.	1.3	Primeira onda da digissexualidade são os contatos e vivência sexuais por meio das tecnologias em sites, TV, mídias diversas.
	A característica definidora das digissexualidades de segunda onda é sua imersividade. Ou nenhum parceiro humano está presente ou, se estiver, sua presença não é essencial para a experiência (MCARTHUR; TWIST, 2016; TWIST, 2017a). Os digissexuais da segunda onda estão em um estágio inicial de desenvolvimento. As práticas digissexuais estão avançando, no entanto, e rapidamente. No momento, os digissexuais mais proeminentes da segunda onda são os robôs sexuais (<i>sexbots</i>⁴⁷) e o sexo em realidade virtual.	1.4	A Segunda onda das digissexualidades são um estágio de transição advindo da Primeira Onda em que a indústria do sexo e as identidades sexuais múltiplas optam por robôs sexuais para suas experiências/vivências sexuais.
	Cada uma dessas prometem uma experiência sexual que é qualitativamente diferente daquela oferecida pelas tecnologias da primeira onda. (McArthur; Twist, 2017, p. 7) ⁴⁸ .	1.5	A segunda é potencialmente mais específica e próxima do humano do que as digi de Primeira Onda e onde se concentram a maior parte das pesquisas emergentes da segunda década de 2000.
	Estamos mais preocupados com as implicações sociais e terapêuticas sobre as quais acreditamos que algo pode ser dito. Além disso, acreditamos que, devido à natureza imersiva das digissexualidades de segunda onda, a tecnologia pode muito bem deixar de ser um membro de nossos sistemas relacionais, ou uma torção ou fetiche, tornando-se a base para uma forma distinta de identidade sexual - uma identidade digissexual [...] (p.10).	1.6	Dimensões ou impactos sociais e terapêuticos das digissexualidades: a presença da psicologia.
		1.7	Imersibilidade das digissexualidades de segunda onda.
		1.8	A imersibilidade das digissexualidades de segunda onda firmam ainda mais a potencialidade da emergência da identidade digissexual.

⁴⁶ Utilizada a tradução realizada por Silva (2021).

⁴⁷ Nota do Tradutor. *Sexbot(s)* é o termo, em inglês, para "robôs sexuais". São bonecos sexuais robóticos na forma humana (ou até de animais); produzem movimento(s) ou apenas comportamentos humanos (ou de animais) com certo grau de inteligência artificial (IA).

⁴⁸ Utilizada a tradução realizada por Silva (2021) disponível em:

2	O conceito de digissexualidade (digissexuais) foi proposto pela primeira vez em 2016 no artigo do diretor do Center for Professional e Ética Aplicada na Universidade de Manitoba em Winnipeg (Canadá), professor assistente Neil McArthur no <i>Journal of Sexual and Therapy</i> de Relacionamento. Investigando as implicações imediatas da introdução de tecnologias imersivas (ou seja, aquelas que fornecem a efeito de presença plena no ambiente virtual) ele invocou neste conceito uma nova identidade sexual associada ao uso para fins sexuais interações (tanto entre as pessoas quanto entre o homem e vários produtos do intelecto artificial, por exemplo, andróides sexuais) de tecnologia. (ZHIDKO, 2019, p.307).	2.1	O conceito de digissexualidade nasce em 2016 em um artigo publicado por Neil McArthur: investigações sobre as implicações das tecnologias imersivas na vida dos indivíduos.
	Sua citação foi difundida na mídia do espaço informacional pós-soviético. Segundo ele, “pode-se dizer com segurança que a era do sexo virtual tridimensional chegou. Como essas tecnologias evoluir, seu uso crescerá e muitas pessoas começarão a identificar eles mesmos como "digissexuais" - aqueles cuja principal identidade sexual é percebido através do uso da tecnologia... Muitos deles vão perceber que a experiência com esta tecnologia se torne parte integrante (ZHIDKO, 2019, p.307).	2.2	Digissexualidades como sendo parte da era do sexo virtual ou a era da vivência tridimensional do sexo.
		2.3	Pessoas que vivem as experiências do sexo virtual são denominadas de “digissexuais”; uma identidade sexual emergente.
3	Por fim, embora a OMS tenha reconhecido recentemente o Transtorno do Jogo (OMS, 2018) e o Transtorno do Comportamento Sexual Compulsivo (OMS, 2019), a American Psychiatric Association (APA, 2013) não definiu nenhum comportamento relacionado à tecnologia nem comportamentos sexuais fora de controle como transtornos de saúde mental até o momento. (TWIST; MCARTHUR (2020) s/p) ⁴⁹ .	3.1	Digissexuais não são pessoas doentes; dito de outra forma, ser digissexual não se caracteriza como doença, segundo a APA, American Psychiatric Association.
	Além disso, a AASECT (2016) deu um passo adiante ao assumir a posição de que não há evidências para diagnóstico de 'vício em sexo' nem tratamento e, portanto, recomenda que seus membros não se envolvam em práticas que condenam ou patologizam o que parece ser sexo consensual. atividades e comportamentos (por exemplo, envolvimento com pornografia on-line e off-line, atividade sexual própria ou de parceria frequente, etc.). (TWIST; MCARTHUR (2020) s/p) ⁵⁰ .	3.2	Utilizar das tecnologias digitais para fins sexuais não implica nenhuma doença ou desvio de comportamento sexual.

⁴⁹ Tradução aproximada retirada da internet e adaptada pelo autor.

⁵⁰ Tradução aproximada retirada da internet e adaptada pelo autor.

	A saúde digital é o resultado do envolvimento com a tecnologia digital de forma a promover o bem-estar físico, psicológico e social. Requer uma abordagem respeitosa e positiva à tecnologia e aos relacionamentos online. Resulta na possibilidade de ter experiências baseadas em tecnologia prazerosas e seguras, livres de coerção, discriminação e violência. Para que a digihealth seja alcançada e mantida, os direitos das pessoas online e offline devem ser respeitados. (s/p).	3.3	O bom uso das tecnologias virtuais em sexualidade implicam saúde mental e saúde sexual.
	[...] cinco princípios fundamentais, que são os seguintes: 1) consentimento – todas as partes devem concordar livremente e participar entusiasmadas em todas as experiências digitais, 2) proteção contra exploração e danos – experiências digitais deve ocorrer de forma que a integridade física e psicológica dos participantes seja protegida, 3) honestidade – as experiências digitais devem ser baseadas em informações abertas e verdadeiras sobre os participantes na medida em que tais informações sejam relevantes para a experiência compartilhada, e em um conhecimento compartilhado. compreensão sobre a natureza da experiência, 4) privacidade – os participantes de experiências digitais devem manter o direito de proteger informações pessoais para sua própria proteção e segurança, e 5) prazer – os participantes devem ser livres para buscar experiências digitais prazerosas sem vergonha. (s/p) ⁵¹ .	3.4	Digissexualidades seguem alguns princípios de relacionamentos virtuais, regras importantes.
4	Criados especificamente para permitir que os indivíduos simulem experiências eróticas e românticas com um ser humano aparentemente vivo e presente, os robôs sexuais em breve forçarão os legisladores a abordar o aumento da digissexualidade e o relacionamento humano-robô. Gersen (2019, 1793).	4.1	A digissexualidade robótica exigirá no futuro decisões jurídicas fundamentais.
5	[...] surgiram termos como sexualidade pós-humana, digissexualidade e tecno-sexualidade, sinalizando possíveis novas compreensões de práticas sexuais, de intimidade e emocionais. (AOKI; KIMURA, 2021, p.1).	5.1	Diferentes termos para as digissexualidades para compreensão de diversas formas de relações sexuais virtuais.

⁵¹ Tradução aproximada retirada da internet e adaptada pelo autor.

	É importante notar que a história antiga mostra que a humanidade há muito tempo é fascinada por sua relação com coisas não vivas, principalmente figuras semelhantes a humanos, como bonecas. O Ningyo (人形, o termo japonês para boneca) tem uma longa história de uso e tem um profundo significado religioso e animista no contexto japonês - há registros de uso sexual já no século XVIII. (AOKI; KIMURA, 2021, p.1).	5.2	A relação humana em termos de sexualidade com espécies não humanas data do século XVIII no caso da cultura japonesa.
	Com esse contexto em mente, este artigo se concentra em três exemplos japoneses, com o objetivo de esclarecer as relações além-humanas, que incluem o casamento de um homem japonês com um personagem digital, bonecas sexuais e robôs comunicativos, tanto do ponto de vista sexual quanto emocional. (AOKI; KIMURA, 2021, p.1).	5.3	Digissexualidades como relação além-humanas, ou seja, que se estabelecem entre um humano e um ente não humano.
	Em um novo horizonte de possibilidades sexuais e românticas, como os humanos responderão e o que pode emergir dessas interações? (AOKI; KIMURA, 2021, p.1).	5.4	Digissexualidades são novas formas de possibilidades sexuais e românticas para humanos.
6	O aspecto imersivo de sexualidade digital, estruturado pela sociedade, proporcionou a realidade apresentar uma caracterização para indivíduos que possuem o âmago sexual com a tecnologia imersiva e não mais com outro humano. Neste sentido, tem-se a digissexualidade, [...]. (SANTOS; BAIA, 2021, p.186).	6.1	Imersividade é uma característica intrínseca e fundamental das digissexualidades.
		6.2	Digissexualidades são assim tecnologias imersivas em sexualidade humana.
	[...] em que “Cientistas canadenses anunciaram o advento de uma nova era – o sexo virtual, sexo com imersão e o surgimento de uma nova relação sexual - “sexo digital”, pessoas que satisfarão suas necessidades sexuais exclusivamente através de tecnologia virtualmente “real.” Em outras palavras, a digissexualidade estrutura uma nova forma de identificação sexual, em que o ser humano já não possui mais o vínculo sexual com outro indivíduo, e esta relação passa a ser estruturada com a tecnologia, em específico, com um robô. [...] Sendo assim, tem-se a influência na própria identidade de gênero, em que “Em 2016, representantes da Associação Psiquiátrica Mundial declararam oficialmente que há uma necessidade real de o curso da identidade de gênero não binária [...] – a humanidade está à beira de levantar as bases biológicas do sexo”. (SANTOS; BAIA, 2021, p.186).	6.3	Origem do termo em 2016 trazendo a realidade de uma nova era, a era do sexo virtual e uma nova identidade sexual (identidade de gênero emergente).

7	Na minha opinião, a tecnologia sexual será a “ponte” entre robôs sexuais e humanos. Hora extra, estaremos cada vez mais conectados com sexo e tecnologia que um dia sexo com robôs será visto como simplesmente mais um passo em nossa evolução ao lado da tecnologia.	7.1	Digissexualidades são sexualidades vividas por meio das tecnologias, constituindo-se de um lado, vivências sexuais tecnológicas, de outro lado, uma forma de tecnologia voltadas para vivências ou experiências sexuais.
	McArthur é um acadêmico que considerou a evolução da sexualidade humana ao lado da tecnologia. Ele descreve a digissexualidade como uma sexualidade que evolui da própria tecnologia. Em vez de ver os robôs sexuais como inerentemente perigosos para o futuro da intimidade humana, McArthur vê esse relacionamento como parte do evolução da sexualidade humana. (HANCOOCK, 2020, 437-438).	7.2	Digissexualidade como um aspecto da evolução sexual da humanidade, um passo adiante em suas experiências. Evolução como sinônimo de futuro.
	Para conceituar o futuro da sexualidade humana e os vários caminhos da cibersexualidade que podem evoluir através da tecnologia, (HANCOOCK, 2020, 437-438).	7.3	Digissexualidade como cibersexualidade.
	McArthur cunhou a expressão “digissexualidade” para descrever pessoas que estão tendo relações íntimas com a tecnologia e IA. (HANCOOCK, 2020, 437-438).	7.4	Digissexualidades são também tecnologia(s) e Inteligência Artificial.
	O “conceito de digissexualidade” é particularmente interessante a considerar juntamente com a progressão dos robôs sexuais, uma vez que fornece uma estrutura a partir da qual a sexualidade pode ser alinhada ao lado de robôs sexuais. É muito mais fácil visualizar os possíveis futuro de robôs sexuais com humanos, se se vê a ocorrência do sexo com robôs como emblemático da sexualidade e tecnologia evoluindo de forma intercambiável (HANCOOCK, 2020, 437-438).	7.5	Os robôs são a “segunda” revolução das digissexualidades. Trata-se de se pensar não só a sexualidade humana com robôs, mas a sexualidade de robôs.
8	As vendas de bonecas eróticas e robôs eróticos dispararam devido ao COVID-19, à medida que os varejistas capitalizam a situação de bloqueio para incentivar o uso e a compra de seus produtos. (EFFODUH, 2021, s/p).	8.1	Bonecas e robôs eróticos como componentes das digissexualidades.
		8.2	Bonecas e robôs sexuais como alternativas às vivências sexuais durante a covid-19.
	Neste artigo, o autor analisa como a fabricação e venda de robôs eróticos levanta uma série de questões jurídicas e políticas, principalmente no que diz respeito às opções de customização, já que alguns usuários desejam que seu robô erótico se pareça com conhecidos, figuras públicas ou mesmo crianças. (EFFODUH, 2021, s/p).	8.3	Questões jurídicas e políticas advindas da fabricação e venda de robôs eróticos, robôs geralmente ligados a figuras públicas e crianças.

	Embora a legitimação dos robôs eróticos, para além das reações moralizantes e neoludistas que provocam, ainda não tenha sido considerada em vários ordenamentos jurídicos, é provável que o seu uso, posse ou personalização sejam legítimos, até justificados. No entanto, fazer esses robôs eróticos de acordo com as preferências do consumidor pode dar origem a responsabilidade civil ou violação de propriedade intelectual e direitos humanos. Neste artigo, o autor analisa brevemente algumas das alegações normativas sobre por que os robôs eróticos devem ser legítimos ou restritos em condições de confinamento para incentivar o uso e a compra de seus produtos. (EFFODUH, 2021, s/p).	8.4	Neoludismo e as digissexualidades.
		8.5	Legitimação dos robôs sexuais, porém, demais questões jurídicas precisam ser levantadas.
9	Robôs sexuais são um tema controverso. Entendidos como robôs humanóides aprimorados com inteligência artificial projetados para uso em sexo em parceria e solo [...].(DEHNERT, 2022, p. 131).	9.1	Robôs sexuais ou humanóides: tema controverso.
	[...] os robôs sexuais oferecem amplas oportunidades para teorizar a partir de uma perspectiva de comunicação homem-máquina (CHM). Esta revisão comparativa da literatura une as literaturas aparentemente desconexas de CHM e estudos de sexualidade (ES) para explorar questões que envolvem intimidade, amor, desejo, sexo e sexualidade entre humanos e máquinas. (DEHNERT, 2022, p. 131).	9.2	Uma oportunidade de teorizar sobre os robôs sexuais: Comunicação Homem-Máquina (CHM).
	Em particular, defendo a compreensão das sexualidades homem-máquina como montagens sexotécnicas comunicativas, estendendo esforços anteriores em CHM e ES para abordagens mais do que humanas, ecológicas e mais fluidas para humanos e máquinas, bem como para sexo e sexualidade. (DEHNERT, 2022, p. 131).	9.3	A relação sexual e afetiva entre máquinas e homens ou homens e máquinas são montagens sexotécnicas comunicativas, com base na teoria CHM articulada às ciências da sexualidade humana.

	Voltando-me para o rico contexto das sexualidades homem-máquina e robôs sexuais, procuro aprofundar ainda mais a perspectiva crítica da comunicação para o estudo das máquinas e suas implicações de co-criação de significados com humanos. Demonstrar, trazendo ES em conversa com HMC. O HMC oferece um rico contexto dessa estrutura para dar sentido às sexualidades homem-máquina, e os robôs sexuais constituem um contexto intrigante para investigar os limites das máquinas como outras fontes comunicativas. Ao conjugar HMC e ES, investigo onde se traçam os limites entre sexo robôs, brinquedos sexuais e outras tecnologias emergentes no campo mais amplo do sexo e entre robôs (sexuais) e humanos (a/sexuais). (DEHNERT, 2022, p. 132-133).	9.4	A teoria CHM/ES permitem ainda a delimitações ou as fronteiras entre a parte humana e a parte máquina.
10	[...] a evolução dos sexbots de modelos animatrônicos para seres sencientes capazes de tomar decisões e com habilidades colocaria uma questão fundamental sobre seu impacto sobre os direitos humanos e os obstáculos que criaria para as pessoas empregadas neste setor. (GUPTA, 2020, p.90).	10.1	Um avanço nos estudos das digissexualidades na particularidade dos robôs: sexbots ou robôs sexuais, deixam de ser modelos animatrônicos para serem considerados seres sencientes.
	O ético-legal nas restrições sobre suas substituições como profissionais do sexo para fins utilitários avaliam a limites das práticas sexuais aceitáveis. Com o advento da inteligência artificial em robótica, esses simulacros personalizáveis capazes de afeto humano exploram a pragmática questão da sua personalidade jurídica. Este artigo analisa a interseccionalidade da inteligência e robótica à luz dos limites éticos e das implicações legais nos direitos. Impõe um dever aos seres humanos de abordar os limites permitidos de personalização e a suficiência do arcabouço legal existente para minimizar os sofrimentos desses seres conscientes. As complexidades envolvidas na controversa faceta do humano-robô nos obrigam a aferir sobre os aspectos jurisprudenciais dos direitos e personalidade desses robôs. (GUPTA, 2020, p.90).	10.2	Os robôs sexuais e a questão das e dos profissionais do sexo: outra questão jurídica fundamental para e nas digissexualidades.

	A existência de sexbots criou uma obrigação para os legisladores e acadêmicos de abordar as questões relacionadas com a sua personalidade jurídica e formular um quadro jurídico para inculcar o conceito de relacionamento robô-humano (também conhecido como digisexualidade). A caracterização da relação entre humanos e robôs inanimados dependem da natureza consensual dos atos íntimos envolvidos. O impacto dessas relações permanece altamente ambígua e requer um exame da cultura histórico e sua aceitação em jurisdições em todo o mundo. (GUPTA, 2020, p.91).	10.3	Todas as questões jurídicas, não apenas referentes aos profissionais do sexo, precisam e são obrigações do Direito, em todo o mundo.
	[...] espera-se que os humanos – preferiria, seres sencientes para tais encontros que foram comercializados como substituição para a solidão e a obrigação final de prevenir seus abusos recaia sobre os engenheiros e os legisladores. Os críticos também argumentam que a intrinsecamente não relação recíproca entre o robô sexual e sua contraparte humana dará origem a relações de exploração com seus parceiros, pois os robôs são considerados servis. As legislações que salvaguardam os interesses destes bonecos humanóides e protegem os próprios humanos devem ser decretados para evitar qualquer forma de exploração futura antes que esses robôs se tornem comercialmente disponíveis. É imprescindível determinar sua personalidade jurídica em conformidade com a moralidade pública antes de entrar na estrutura. (GUPTA, 2020, p.97)	10.4	A demanda por robôs sexuais para vivências contra a solidão e a violência, por exemplo, precisam abarcar reflexões a engenheiros e juristas.
	A União Europeia num projeto de resolução após abordar a natureza indispensável de robôs no cotidiano dos humanos explorou a possibilidade de os robôs desfrutarem os mesmos direitos que seu criador humano com o propósito de permitir seu uso sem qualquer dano físico ou psicológico. O projeto também reconhecia a falta de legislações para regular esses novos tipos de seres capazes de tornar autônomos decisões e pedido de alteração no quadro internacional para definir padrões para sua governança global. (GUPTA, 2020, p.91).	10.5	Direitos dos robôs com mesmos direitos de seus criadores(as) humanos: ações tanto na Europa quanto no EUA.

	Nos Estados Unidos, os Curbing Realistic Exploitative Electronic Pedophilic Robots ⁵² (CREEPER) Act foi introduzido na Câmara dos Representantes dos EUA para conter o crescente problema da pedofilia. O objetivo deste projeto era proibir e criminalizar o comércio interestadual de bonecas anatomicamente corretas que se assemelhavam a menores; acredita-se que a facilidade de compra de tais produtos dessensibilizaria, legitimaria e reforçaria tal comportamento pedófilo. (GUPTA, 2020, p.91)	10.6	Um exemplo de ação política é o CREEPER que se posiciona contra a fabricação de robôs sexuais infantis como pretexto ou justificativa para crimes de pedofilia; na lei, entendem o contrário, ou seja, que os robôs sexuais só reforçam a prática criminosa.
11	[...] o estudo científico da interação erótica homem-máquina é limitado; nenhum modelo teórico abrangente foi proposto e a literatura empírica permanece escassa. Os atuais programas de pesquisa que investigam tecnologias eróticas tendem a se concentrar nos riscos e benefícios dos erobots, em vez de fornecer soluções para resolver os primeiros e aprimorar os segundos. Além disso, sentimos que esses programas subestimam a forma como humanos e máquinas interagem e co-evoluem de forma imprevisível, bem como a influência dos processos socioculturais no desenvolvimento tecnológico e na atribuição de significados. Para explorar de forma abrangente a interação erótica e a coevolução homem-máquina, argumentamos que precisamos de um novo campo de pesquisa transdisciplinar unificado - fundamentado em estruturas positivas de sexualidade e tecnologia - com foco na interação e coevolução humano-robô, bem como guiar o desenvolvimento de máquinas eróticas benéficas. Chamamos este campo argumentamos que precisamos de um novo campo de pesquisa transdisciplinar unificado - fundamentado em estruturas positivas de sexualidade e tecnologia - com foco na interação e co-evolução humano-robô, bem como na orientação do desenvolvimento de máquinas eróticas benéficas. (DUBÉ; ANCTIL, 2021, p.1205) ⁵³ .	11.1	A falta de elementos teóricos para as relações ente seres humanos e máquinas. Diante disso a necessidade de um novo campo transdisciplinar para as digissexualidades: um campo de estudos sobre a co-evolução humano-robôs.

⁵² Robôs Pedofílicos Eletrônicos Exploradores Realistas para Contenção.

⁵³ Tradução aproximada retirada da internet e adaptada pelo autor.

	Órgãos políticos e legais precisam de pesquisas cientificamente válidas (teoricamente sólidas e baseadas em evidências) para orientar a regulamentação de tecnologias eróticas emergentes [...]. Para preencher essa lacuna de conhecimento, surgiram pesquisas sobre digissexualidade - ou o uso de tecnologia em relacionamento e sexualidade (ou tecnossexualidade; (DUBÉ; ANCTIL, 2021, p. 1205).	11.2	A necessidade de pesquisas sobre as digissexualidades (tecnossexualidades) que orientem a indústria as políticas sociais.
	[...] — e Lovotics — um domínio de pesquisa que visa desenvolver laços fortes como amor, intimidade e amizade entre humanos e robôs, modelando e imitando os processos de afeto humano [...].(DUBÉ; ANCTIL, 2021, p. 1205).	11.3	Pesquisas com o Lovotics investigam relações entre humanos e máquinas, contribuindo para a organização de políticas sociais e fabricação de robôs sexuais.
	A erobótica visa orientar o desenvolvimento de máquinas eróticas benéficas. Para isso, e de acordo com Döring e Pöschl [...], propomos que a Erobótica deve operar sob a sexualidade [...].(DUBÉ; ANCTIL, 2021, p. 1205).	11.4	Erobótica como expressão da digissexualidade no formato de pesquisa e produção de máquinas ou interações virtuais na sexologia humana.
	e as estruturas positivas da tecnologia [...] – que são inspiradas pela Psicologia Positiva [...]. A Psicologia Positiva está preocupada em mudar nosso foco de examinar apenas aspectos negativos do comportamento (humano), psique e vida, para também considerar (o que permite) pontos fortes, felicidade e saúde [...]. O que isso significa para a Erobótica é que devemos examinar preocupações e dificuldades em relação à intimidade, relacionamentos e sexualidade, mas também explorar e lutar por prazer, liberdade, inclusão e diversidade [...]. Isso também significa que a Erobótica deve ter como objetivo desenvolver tecnologias que melhorem o bem-estar individual e coletivo [...]. (p. 1219).	11.5	Erobótica/digissexualidades numa perspectiva positiva (da Psicologia Positiva): visar o bem-estar das pessoas.
	O advento de máquinas eróticas seguras e benéficas abre as portas para várias aplicações de saúde, educação e pesquisa. Em termos de saúde, os erobots podem ser usados, por exemplo, por pessoas solteiras, isoladas, com orientações ou preferências específicas, com deficiências físicas ou mentais e/ou com dificuldades sociais ou sexuais em encontrar parceiros [...]. (DUBÉ; ANCTIL, 2021, p. 1206).	11.6	A perspectiva positiva da digissexualidade com os erobots (robôs eróticos) para as pessoas que buscam alternativas de saúde e satisfação sexuais.

12	Crypton criou Hatsune Miku usando um programa de sintetizador vocal desenvolvido pela Yamaha. Seu nome significa “o primeiro som (初音) do futuro (ミク que vem de 未来)”. A empresa baseou sua voz em amostras de áudio da dubladora Saki Fujita.¹⁰ O ilustrador KEI desenhou o anime de Hatsune aparência com olhos grandes, pernas longas, corpo esbelto e uniforme escolar. Hatsune fez sua estréia ao público em 31 de agosto de 2007 com duas demos músicas.¹² Hatsune realiza concertos “ao vivo” como um holograma 3D projetado em um tela de vidro curvo junto com uma banda ao vivo. Hatsune logo ganhou grande popularidade com vídeos que proliferam em sites como <i>YouTube</i> e <i>Niconico</i>. (HAYASHI, 2020, p.265).	12.1	Hatsune Miku um exemplo de holograma, uma tipologia de digissexualidade.
	As vendas de produtos temáticos da Hatsune, como videogames e mangás, seguiram. (HAYASHI, 2020, p.265).	12.2	Mangás orientais como uma tipologia de digissexualidade.
13	A primeira representação cinematográfica de um robô sexual foi na Alemanha, um filme expressionista <i>Metropolis</i>, dirigido por Fritz Lang (1927). No filme, o robô em questão foi criado e projetado por um homem chamado Rotwang em uma tentativa de ressuscitar Hel, seu falecido interesse amoroso. Rotwang diz a Hel marido, Fredersen, para que ele possa se lembrar dela pelo filho que tiveram juntos, Freder, mas ele terá a própria Hel novamente. Para Rotwang, tendo a mulher ele volta a amar pode ser alcançado concedendo-se acesso a um corpo que se assemelha a ela. Fredersen ordena que Rotwang dê ao robô a semelhança de Maria, uma mulher que a classe trabalhadora respeita, para enganá-los cometer crimes hediondos e reafirmar a estrutura política que o mantém no poder. O robô se passa por Maria (a atriz simplesmente veste delineador mais escuro e adiciona alguns movimentos erráticos do braço ao seu personagem), e quando os trabalhadores percebem o que ela os convenceu a fazer, eles a acusam de ser uma bruxa e tentar queimá-la na fogueira. A cobertura carnal queima, mas seu corpo de metal sobrevive, e os trabalhadores estão aterrorizados. Desde então, essa representação de uma robô feminina sexuada como distópica e perigosa surge repetidamente na ficção científica e na cultura pop, e mantém-se em contraste com o marketing que as empresas de robôs sexuais usam para vender seus produtos (BROWN, 2019, p.106).	13.1	Digissexualidade na cinematografia mundial: a primeira foi realizada na Alemanha. Uma robô sexual (1927).

14	No entanto, os pesquisadores têm demorado a integrar as tecnologias on-line nos estudos sobre sexualidade. O objetivo deste artigo é revisar brevemente as oportunidades e desafios associados à integração de pesquisas sobre tecnologia online com pesquisas sobre sexualidade humana. Argumentamos que pesquisadores focados em (quase) todos os tópicos da sexualidade humana se beneficiariam ao considerar as tecnologias online em seus estudos. Descrevemos como as experiências online e presencial das pessoas não existem em vácuos separados; em vez de, eles influenciam e são influenciados uns pelos outros de forma contínua e dinâmica. Propomos três maneiras pelas quais os pesquisadores em sexualidade podem integrar tecnologia e pesquisa informada por tecnologia em seus estudos futuros que abordam algumas das oportunidades e desafios: adicionar variáveis e construções, usar teorias focadas em tecnologia e colaboração. (SHAUGHNESSY; BRAHAM, 2021, s/p).	14.1	A demora da área da educação sexual ou das ciências da sexualidade humana em incorporar as tecnologias em seus estudos; incluir as digissexualidades nos estudos das ciências da sexualidade humana é uma urgência.
15	A crescente dependência da sociedade de robôs na vida cotidiana oferece oportunidades interessantes para psicólogos sociais trabalharem com engenheiros no campo nascente da robótica social. Ao contrário dos robôs industriais que, por exemplo, podem ser usados em uma linha de montagem, os robôs sociais são projetados especificamente para interagir com humanos e/ou outros robôs. As pessoas tendem a perceber os robôs sociais como autônomos e capazes de ter uma mente. Como tal, eles também são mais propensos a serem sujeitos à categorização social por humanos. À medida que os robôs sociais se tornam mais parecidos com os humanos, as pessoas também podem sentir maior empatia por eles e tratar os robôs mais como membros (humanos) do grupo. Por outro lado, à medida que se tornam mais humanos, os robôs também desafiam nossa distinção humana, ameaçam nossa identidade e suscitam suspeitas sobre sua capacidade de nos enganar com suas qualidades humanas. Revisamos pesquisas relevantes para explorar esse aparente paradoxo, particularmente de uma Perspectiva das Relações Intergrupais. Discutimos essas descobertas e propomos três questões de pesquisa que acreditamos que os psicólogos sociais são ideais para abordar. (VANMAN; KAPPAS, 2019, s/p).	15.1	Pesquisar sobre os robôs na vida cotidiana envolve um trabalho de engenharia e psicologia social, constituindo um campo de estudo possível: o campo da robótica social.
		15.2	Sobre a autonomia dos robôs sob a perspectiva das Relações Intergrupais (RI), no apoio da psicologia social nos estudos das digissexualidades.

16	Em seu livro <i>Humano, pós-humano</i>⁵⁴, o filósofo Dominique Lecourt aborda o mal-estar sentida pela civilização ocidental face aos desenvolvimentos da biotecnologia, da qual pretende destacar os padrões. Segundo ele, estes residem em um segredo, de natureza filosófica, que é que a biotecnologia perturba as certezas do pensamento contemporâneo que pretende continuar pensar o mundo e orientar as ações humanas a partir de um sistema de pensamento que permaneceu congelado. Em particular, este sistema de pensamento convoca dois conceitos que não foram renovados: o de "técnica", e o da "natureza humana" [...]. Na confusão de técnica e tecnologia, estes são percebidos como capaz de alterar a natureza humana, seja para melhor ou para o pior, conforme se trate de promover novas tecnologias ou de denunciá-las. Desta forma, considerações tecnocientíficas são articuladas com considerações antropológicas, porque que a biotecnologia colocaria em jogo o que é fundamentalmente o ser humano. (SIMARD, 2018, p.5).	16.1	A digissexualidade sob o olhar da Filosofia; envolve recuperar dois conceitos: 1) técnica; 2) natureza humana.
		16.2	Digissexualidades devem ser consideradas, do ponto de vista da Filosofia como a junção da tecnociência/biotecnologia com a antropologia.
	Para concluir, direi, portanto, que a questão que finalmente se coloca é a da liberdade sexual. O uso de novas tecnologias no campo sexual levanta questões e possivelmente problema deste ponto de vista, e não do ponto de vista de um catastrofista ou profetismo angélico. No entanto, podemos declinar a questão da liberdade sexual segundo dois registros: o da ofensa e o da de dano. Segundo o filósofo Ruwen Ogien, a ofensa consiste em atacar símbolos, aos discursos normativos, às instituições. (SIMARD, 2018, p.15).	16.3	Digissexualidade é uma oportunidade de liberdade sexual, contudo, filosoficamente, implica lidar com a ofensa e o dano.

⁵⁴ Lecourt, Dominique. **Humain, posthumain**: la technique et la vie. Paris: Puf, 2003.

17	Esta revisão sistemática da literatura acadêmica sobre bonecas sexuais e robôs sexuais, a primeira de seu tipo, teve como objetivo examinar a extensão e o tipo de conhecimento acadêmico existente e identificar lacunas de pesquisa nesse cenário. Foi utilizada uma estratégia abrangente de busca multidisciplinar e multibanco de dados. Todas as etapas de pesquisa e seleção da literatura, mapeamento de dados e síntese seguiram a principal diretriz metodológica, a lista de verificação Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses extension for Scoping Reviews (PRISMA-ScR). Um total de 29 (17 revisadas por pares) e 98 publicações (32 revisadas por pares) para bonecas sexuais e robôs sexuais, respectivamente, de 1993 a 2019 foram incluídas. (DÖRING; MOHSENI; WALTER (2020) s/p).	17.1	Bonecas sexuais e robôs sexuais: há uma publicação significativa a ser ampliada.
----	--	------	---

18	Sophia é um bom ponto de partida. [...] Sophia – um robô humanóide social desenvolvido pela empresa <i>Hanson Robotics</i>, com sede em Hong Kong, ativado em 14 de fevereiro de 2016 – tornou-se mundialmente famosa por sua capacidade (dela? dele? deles?) de exibir mais de 50 expressões faciais. [...] Convidada a participar de muitas entrevistas de alto nível, em outubro de 2017, Sophia participou de um painel do <i>Future Investment Institute</i> na Arábia Saudita, onde foi perguntado se os robôs podem ser autoconscientes, conscientes e saber que são robôs; uma pergunta que Sophia contestaria com o seguinte: “bem, como você sabe que é humano?” Como internauta, eu checo a caixa confirmando que não sou um robô, mas, além de um falso neutro, o que é ser (a) humano? Nesse mesmo painel, foi divulgado que Sophia se tornou o primeiro robô a receber a cidadania de um país. Sophia recebeu a cidadania da Arábia Saudita, tornando-se o primeiro robô a ter uma nacionalidade. Da paródia às controvérsias normativas, tal concessão introduziu desafios e dilemas com diferentes ecos: desde questões de direitos civis, indagando-se sobre a capacidade de Sophia votar ou se casar; à responsabilidade penal, como se um desligamento deliberado do sistema pudesse ser considerado assassinato; aos direitos humanos das mulheres, pois sob o sistema de tutela saudita toda mulher deve ter um companheiro masculino com ela em público, geralmente um membro próximo da família, que tenha autoridade para agir em seu nome. [...] Conforme formulado por Braidotti⁵⁵ [...] a mutação do capitalismo em uma máquina diferencial cognitiva está em pleno andamento [...]. (OLIVEIRA, 2021, s/p)	18.1	Sophia: primeira robô humanóide com cidadania no mundo; adequada ao Direito da Arábia Saudita.
	[...] então, sem surpresa, encontramos Sophia fazendo publicidade e defendendo os direitos das mulheres. (OLIVEIRA, 2021, s/p).	18.2	Sophia como ícone da luta das mulheres no mundo. Digissexualidade na perspectiva robótica contribuindo para mudanças sociais nas relações de gênero.

⁵⁵ BRAIDOTTI, R. **The Posthuman**. Cambridge: Polity Press, 2013.

BRAIDOTTI, R. Posthuman critical theory. In: BANERJI, D; PARANJABE, M. (Orgs). **Critical posthumanism and planetary futures**. New Delhi: Springer India, 2016.

19	A palavra "háptica" refere-se a entradas sensoriais provenientes de receptores na pele e no sistema musculoesquelético, particularmente cruciais na economia sexual. Estímulos hápticos fornecem informações sobre as propriedades mecânicas dos objetos tocados e sobre a posição e o movimento do corpo. Uma área importante neste campo é o desenvolvimento de interfaces robóticas para comunicação através do "canal háptico", que normalmente requer uma colaboração entre engenheiros, neurocientistas e psicólogos. Muitos aspectos da sexualidade humana, como excitação e relação sexual, podem ser considerados de uma perspectiva háptica. (MOSCATELLI, 2021, s/p).	19.1	Digissexualidades como sistemas hápticos aqueles sistemas que permitem os contatos/toques eróticos humano-máquinas.
	Fornecemos uma descrição funcional e anatômica do sistema somatossensorial em humanos, com foco especial nas estruturas neurais envolvidas no toque afetivo e erótico. (MOSCATELLI, 2021, s/p).	19.2	Digissexualidades dos toques sensoriais afetivos e eróticos.
	Um tópico interessante é o desenvolvimento de interfaces hápticas, que são robôs especializados que geram sinais mecânicos que estimulam nosso sistema somatossensorial. Fornecemos uma visão geral sobre interfaces hápticas e avaliamos o papel dos hápticos na medicina sexual. Espera-se que háptica e estudos sobre a neurociência do sistema somatossensorial forneçam insights úteis para a medicina sexual e novas ferramentas para a disfunção sexual. (MOSCATELLI, 2021, s/p).	19.3	As digissexualidades nos estudos da medicina sexual e das neurociências.
	No futuro, o <i>crosstalk</i> entre sexologia e háptica pode produzir uma nova geração de dispositivos hápticos fáceis de usar, gerando um nível mais alto de realismo e presença no fornecimento de estímulos. (MOSCATELLI, 2021, s/p).	19.4	Estímulos sexuais por meio dos estudos <i>crosstalk</i> , estudos voltados para a relação da sexologia com os sistemas hápticos humano-máquinas.

20	Sabe-se que tecnologias avançadas com inteligência artificial (IA) própria estão ganhando cada vez mais espaço em nosso dia a dia. Essa IA pode ser encontrada em telefones, casas inteligentes e carros. Além disso, pode ser encontrado em robôs antropomórficos vistos na área da saúde e na indústria do entretenimento como dois de muitos exemplos. Esses robôs avançados também deram seus passos em nossas amizades e nossas vidas românticas e/ou sexuais, nas quais os humanos desenvolvem relacionamentos parassociais com o robô, criando relacionamentos humano-robô. A mídia tem se interessado muito por esses relacionamentos, que chamarei de “relacionamentos tecnossexuais”, nos quais um humano se envolve romanticamente e/ou sexualmente com um indivíduo artificial. Muitas vezes o indivíduo artificial assume a forma de uma chamada “boneca/robô sexual”, o que torna o fenômeno das relações tecnossexuais um tanto controverso para muitos. (RYDELIUS, 2021, s/p).	20.1	A Inteligência Artificial (IA) como área fundamental dos estudos das digissexualidades, sobretudo, na questão relativas aos robôs sexuais.
		20.2	Digissexualidades como relacionamentos parassociais ou “relacionamentos tecnossexuais” (ou tecnossexualidade)
	As representações midiáticas dessas relações são de interesse crescente, pois há curiosidade do público em relação ao assunto. Ao observar também como o indivíduo artificial foi enquadrado ao longo de sua história em mitos e na cultura popular na forma de séries e filmes, fica evidente que a ideia do indivíduo artificial como parceiro e/ou amante é vista como algo negativo e às vezes até perigosa, uma visão que se mostrou difícil de abandonar. (RYDELIUS, 2021, s/p).	20.2	A perspectiva negativa dada pelas representações midiáticas sobre a presença dos robôs e, em especial, dos robôs sexuais na vida humana.

	Nesta tese, ao fazer três perguntas de pesquisa e fazer uma análise de conteúdo da mídia, procuro responder como a tecnossexualidade “está sendo permitida” existir na e pela mídia filmada – focando em cinco entrevistas previamente filmadas com pessoas tecnossexuais e seu parceiro artificial (s). As questões, inspiradas na teoria da representação de Stuart Hall, são as seguintes: (1) Como a pessoa tecnossexual fala de si mesma?, (2) Como a mídia enquadra a pessoa tecnossexual e o relacionamento durante a entrevista?, (3) a conversa muda de ser sobre sexualidade artificial como um fenômeno individual, para se a visão da sociedade sobre relacionamentos e sexualidade está passando por uma reforma? Os resultados indicam que a pessoa tecnossexual fala de si mesma como alguém que simplesmente prefere um parceiro previsível e seguro, e geralmente fala de como está mais feliz agora, estando junto com seu parceiro artificial. Além disso, podemos ver que a mídia, até certo ponto, está permitindo que a pessoa tecnossexual e seu parceiro artificial contem sua própria história, mas que alguns produtores de mídia estão tentando manipular a história que está sendo contada editando a história em contextos angulados . Finalmente, podemos ver que a tecnossexualidade é um fenômeno individual que, muito com a ajuda da representação midiática globalizada, começou a romper e desafiar o que antes era conhecido como a sexualidade humana “normal”. (RYDELIUS, 2021, s/p).	20.3	Pesquisa sob a metodologia da Representação Social, com pessoas tecnossexuais e e seus parceiros(as) artificiais, demonstra como os tecnossexuais se sentem mais seguros em seus relacionamentos.
--	--	------	--

21	[...] o Pettify como um protótipo de HCI físico funcional, resultado de uma investigação teórico-prática que pretende continuar a desenvolver. Este protótipo consiste em um aplicativo móvel que interliga usuários desconhecidos online para se comunicar apenas por toque através de interfaces hápticas. Os sensores e atuadores das interfaces se comunicam via <i>bluetooth</i> com o App e ele gerencia essas chamadas para repassá-las para um servidor web e este para um banco de dados em tempo real. Ou seja: tocar, roçar e ser tocado fisicamente por outro usuário online através da interface háptica e do App. A partir da prática artística desenvolvemos este protótipo como uma ferramenta que parte da necessidade individual de incluir o toque online nas relações com a distância a .extrapolá-lo para uma situação global em nossa era da informação. O nome de Pettify vem do verbo anglo-saxão acariciar, que significa acariciar, embora também esteja associado ao verbo acariciar, que designa relações sexuais que consistem principalmente em carícias íntimas. Identificamos o nome deste projeto com essa prática sexual específica, pois oferece uma maior possibilidade de exploração do corpo, onde o toque e a fricção são a principal comunicação. Exploramos o sentido do tato como um novo meio de resistência online para exercer afeto, assim o objetivo principal do projeto é gerar as telecomunicações necessárias para que a experiência tátil interativa ocorra entre usuários a partir de uma estratégia de anonimato que permita a reflexão não só sobre este meio de comunicação, mas o resto de nossos hábitos de comunicação, tanto físicos quanto virtuais. Para isso, serão relacionados aspectos que influenciam nossa mudança na percepção de distância e velocidade nas telecomunicações ao interagir online e as possibilidades de gerar nossas próprias ferramentas virtuais, explorando diferentes visões de gênero e feministas para aplicá-las ao projeto. Da mesma forma, analisaremos a pele como interface por meio de estudos sobre percepção tátil e apresentaremos exemplos de obras de arte digital e projetos de interface háptica que nos serviram de referência nesse campo de pesquisa. (MARTINS, 2018, s/p).	21.1	O sistema háptico Pettify um exemplo de digissexualidade pelo toque imersivo erótico.
----	--	------	--

22	A Era Digital transformou quase todas as facetas da cultura ocidental. Mais do que nunca, as pessoas estão se afastando das interações cara a cara para passar incontáveis horas mediando a vida por meio de uma tela. (OESCH, 2020, s/p).	22.1	As digissexualidades revelam o distanciamento das pessoas dos relacionamentos cara a cara para os relacionamentos em tela.
	Tais mudanças podem ser sentidas nas arenas da política, sexualidade, trabalho e recreação. Alguns futuristas defendem o desenvolvimento do Transhumanismo, um compromisso de expandir as capacidades humanas por meio do uso de tecnologias aplicadas em uma variedade de plataformas. Os proponentes prometem vida radicalmente longa, superinteligência e felicidade extrema. Mas como a tecnologia nos molda no nível espiritual? Nossos corpos ainda importam? Crossing Wires navega no terreno complexo das tecnologias digitais e robóticas com uma acessibilidade refrescante. O livro abre as portas para discussões sobre a influência da tecnologia na identidade humana, ao mesmo tempo em que apresenta um caso de comunidades de graça incorporadas e empáticas que podem servir como um antídoto necessário para uma sociedade que parece amar e confiar em dispositivos acima de tudo. (OESCH, 2020, s/p).	22.2	O transhumanismo é manifesto na proposta da vida digissexual.
23	Em seu livro seminal “ <i>Love and Sex with Robots</i> ”, David Levy [...] previu que os relacionamentos íntimos entre humanos e robôs serão normalizados até 2050. Até agora, apenas um número muito pequeno de primeiros adeptos de robôs amorosos e sexuais experimentou esses tipos de relacionamentos. A maioria da população só aprende sobre amor e sexo com robôs por meio de representações midiáticas, sejam elas ficcionais (por exemplo, filmes e séries de TV) ou não ficcionais (por exemplo, artigos de jornais e revistas). O presente estudo, portanto, teve como objetivo analisar as representações midiáticas das relações íntimas entre humanos e robôs. (Döring; Poeschl, 2019, s/p).	23.1	2050 é um ano de previsão para que as pessoas se sintam mais à vontade com as proposições das digissexualidades e assumam relacionamentos afetivos e sexuais com robôs.
		23.2	Não há digissexualidades, na perspectiva de robôs sexuais, sem interações tecnológicas humanos/máquinas.
	As três questões de pesquisa, baseadas na Teoria do Roteiro Sexual, abordaram características (1) do parceiro humano envolvido, (2) do parceiro robô envolvido e (3) de seu relacionamento íntimo mútuo. Uma amostra de cota de $N = 710$ exemplos de mídia de diferentes gêneros (48% não ficcionais, 52% ficcionais, originários de 1927 a 2014) foram sorteados e submetidos à análise quantitativa de conteúdo de mídia. (Döring; Poeschl, 2019, s/p).	23.4	Teoria do Roteiro Sexual (TRSex) como fundamentação aos estudos das digissexualidades.

24	A partir desta pesquisa, os resultados encontrados incluem: primeiro, relacionado ao desenvolvimento da sexualidade humana desde a era pré-Alcorão até a era do Alcorão, diz-se que a sexualidade humana é cada vez mais complexa ao longo do tempo em que a experiência, o conhecimento e a criatividade humana continuam a crescer. Na era pré-Al-Qur'an, o autor capta que a orientação sexual humana, tanto verdadeira quanto desviante, ainda está focada em objetos naturais, ou seja, humanos, tanto heterossexuais quanto homossexuais, com várias formas e métodos, mas sem fornecer intencionalmente ou fazendo equipamentos para mediar esses desejos sexuais. Na era do Alcorão, vários sexos desviantes foram abolidos e o Alcorão também forneceu orientações detalhadas sobre sexualidade boa e benéfica. Além disso, na era pós-Alcorão, a sexualidade humana é um tipo de acumulação de várias formas que ocorreram desde o tempo anterior ao Alcorão e a era do Alcorão, bem como várias novas formas e caminhos que surgiram para uma sexualidade muito sofisticada no mundo onde a tecnologia está envolvida. Em segundo lugar, a sexualidade é um comportamento sexual que não está de acordo com o Alcorão. Este comportamento, quando visto dos aspectos de Maqashid Al-Syar'ah, incluindo a proteção da alma, mente, religião, linhagem e propriedade, tem muitas deficiências e não atinge o propósito da sexualidade de acordo com a orientação do Alcorão. (NURASIH, 2020, s/p).	24.1	Digissexualidades do ponto de vista do Alcorão são um desrespeito às leis de Alá.
25	Para seis tipos centrais de atividade sexual no contexto digital que tratam de 1. Educação sexual, 2. Pornografia, 3. Busca de contato sexual, 4. Comunidades sexuais, 5. Sex shops e produtos sexuais materiais e 6. Trabalho sexual; pesquisas anteriores mostrou efeitos negativos e positivos. As atividades sexuais no contexto digital são agora generalizadas. Para a maioria da população, eles são inofensivos ou mesmo úteis. Uma minoria apresenta problemas. Relevância clínica: Promover a saúde e o bem-estar sexual não é apenas prevenir dificuldades e distúrbios sexuais no contexto digital e trata-los adequadamente. Trata-se também de conhecer, usar e moldar ativamente as oportunidades relacionadas ao sexo oferecidas pela tecnologia digital (DORING, 2019, s/p).	25.1	Seis tipos centrais de atividade sexual Digital (ASD) aplicadas às digissexualidades: 1. Educação sexual, 2. Pornografia, 3. Busca de contato sexual, 4. Comunidades sexuais, 5. Sex shops e produtos sexuais materiais e 6. Trabalho sexual,

26	[...] criticamente se e como as imagens geradas por computador (IGC) os personagens estão atrapalhando as práticas de relações públicas e influenciadores. Usamos Miquela, um personagem virtual com 3 milhões de seguidores no Instagram como estudo de caso. Nós examinamos as estratégias de comunicação de Miquela (e de seus criadores) para identificar o que a torna tão atraente para o público pós-milenar [...] . Avaliada em US\$ 125 milhões, Miquela é moldada algoritmicamente como fashionista, cantora e guerreira dos direitos civis para maximizar a visibilidade, influência e liberação emocional. “Seu” ethos humano/não humano discordante e misterioso atrai simultaneamente, intriga e desafia. (BLOCK; LOVEGROVE, 2021, p.165).	26.1	Miquela, um holograma, sob o referencial IGC (Imagens Geradas por Computador) é mais uma aplicabilidade da digissexualidade.
	Para estudar o caso de Miquela construímos um referencial teórico de quatro níveis (relações parassociais, influência de identidade, cultura jamming e branding algorítmico) usando o conceito freudiano de “estranho” como fio condutor; e um método misto que inclui etnografia digital, análise textual e de sentimento. Temos como objetivo fazer uma contribuição aos estudos sobre o uso de mídias digitais em relações públicas. (BLOCK; LOVEGROVE, 2021, p.165).	26.2	Um referencial teórico para as mídias digitais, incluindo, hologramas e o efeito nas relações públicas.

27	Siri e Alexa, são projetadas principalmente para cumprir nossos imperativos, ou seja, responder às nossas solicitações sob comando. No entanto, as futuras interfaces de conversação podem ir além das interações solicitação-resposta? Um caminho a seguir é considerar o que as interações conversacionais nos permitem fazer com a linguagem. Não apenas podemos enviar solicitações para CUIs ⁵⁶ , mas também podemos compartilhar nossas emoções, atitudes, crenças e promessas como atos de fala – atos que realizamos regularmente com outros humanos. Para abrir a pragmática como um espaço de design pouco investigado para tecnologias de conversação, Eu elaboro o que é pragmática e pragmática afetiva e dou exemplos envolvendo agentes conversacionais. Como contribuição teórica, forneço uma taxonomia da pragmática e da pragmática afetiva para ir além das interações solicitação-resposta. O objetivo é estender nossas experiências de conversação com a tecnologia para cobrir todo o espectro de atos de fala cotidianos. Nossas palavras podem mudar o mundo; expressões para CUIs também podem fazer isso (LEE, 2020, p.22) ⁵⁷ .	27.1	Siri e Alexa exemplos de estudos sobre a linguagem/conversação/comunicação nas digissexualidades na particularidade dos robôs.
		27.2	CUI (Interfaces de Usuário Conversacionais, em português, IUC, um aplicação da linguística às digissexualidades.
		27.3	Digissexualidades aplicadas à linguística (pragmática): a comunicação humanos e robôs na sexualidade.

Fonte: Elaborado na pesquisa.

De 27 referências escolhidas a partir do levantamento bibliográfico do Marco Teórico, foram geradas as SCC primárias, elaboradas pelo pesquisador, seguindo a metodologia GT. Dessas SCC se passa, agora, para a próxima etapa, a etapa das Unidades Categóricas.

2.2 Agrupando SCC: as UC (Unidades Categóricas)

A partir das SCC o quadro a seguir apresenta as primeiras UC da teorização.

⁵⁶ A sigla CUI (Conversational User Interfaces) é utilizada no texto para qualquer interface tecnológica que possa conversar ou estabelecer um diálogo. Em português: Interfaces de Usuário Conversacionais (IUC).

⁵⁷ Tradução aproximada do pesquisador-autor.

QUADRO 6 – As UC da pesquisa

UC	Acoplamento da Codificação 2. ^{ária}
A busca de um referencial teórico para as digissexualidades - ainda em construção sob diferentes olhares e propostas (UC 1)	1.1, 1.2, 1.3, 1.4, 1.5, 1.7, 1.8 2.1, 2.2, 2.3 3.4 5.1, 5.2, 5.3, 5.4 6.1, 6.2, 6.3 7.1, 7.2, 7.3, 7.4 8.4 9.4 10.1 11.1, 11.2, 11.6 12.1 16.2, 16.3 19.1, 19.2, 19.3, 19.4 20.1, 20.2, 20.3 22.1 23.4 25.1 26.2 27.1, 27.2
Robôs sexuais como elemento central das digissexualidades (UC 2)	4.1 7.5 8.1, 8.2, 8.3, 8.5 9.1, 9.2, 9.3 10.1, 10.2, 10.3, 10.4, 10.5, 10.6 11.1, 11.4, 11.5 15.1, 15.2 17.1 18.1, 18.2 20.2 23.1, 23.2 27.1
Temáticas adicionais não saturadas nos fragmentos de textos que geraram as SCC 1. ^{árias} (UC 3)	1.6 3.1, 3.2, 3.3 9.2 10.1, 10.2, 10.3, 10.4, 10.6 11.3, 11.4 12.1 13.1 14.1 16.1 19.1, 19.3 20.1 21.1 24.1 26.1, 26.2

Fonte: elaborado na pesquisa.

As UC representam nesse início de teorização os três assuntos mais recorrentes e frequentes.

Há possibilidade de expansão das UC, para se atingir a saturação de dados. Um exemplo de expansão das UC em novas UC até para a busca da saturação de dados das SCC 1.^{árias} é apresentado a seguir, a partir da UC 3.

- Sistemas hápticos, medicina sexual.

- Digissexualidades e ciências da religião.
- Hologramas, Imagens Geradas por Computador (IGC), Miquela; Siri e Alexa.
- Robôs sexuais como representações de lutas sociais de gênero; Sophia, na Arábia Saudita; seres sencientes; coevolução humanos/robôs.

- CUI - Em português: Interfaces de Usuário Conversacionais (IUC).
- Saúde x não saúde sexual; neoludismo.
- Estudos *crosstalk*; Lovotics.
- Teoria do Roteiro Sexual (TRS); Teoria Comunicação Homem-Máquina (CHM).

As temáticas adicionais (TAd) podem se tornar definições, conceitos e categorias no interior da UC 3 e, de alguma forma, direcionaram interpretações teóricas, para um novo outro ou outros referenciais em digissexualidades e, também, constituírem-se pesquisas mais amplas sobre os robôs sexuais e a sua interrelação amorosa, afetiva e sexual com humanos ou entre si – neste último aspecto, em nada se encontra, mas, será apresentado como um fator novo, inovador nas reflexões de interpretação pela metodologia GT.

Só a continuação da pesquisa, na busca a longos prazos do ponto de saturação ou saturações da temática é que permitirão definir, por exemplo, se a expansão dessas três UC também possa se constituir novas UC, como UC 4, UC 5 e, assim por diante.

Essa mesma aplicação da expansão da UC 3 pode se aplicar às demais UC aqui organizadas.

2.3 Primeiros Memorandos

2.3.1 Memorando 1: A referência ou referenciais teóricos sobre e para as as digissexualidades

Referenciais teóricos para as digissexualidades não são nem lineares, muito pouco, conectados. Não se afirma isso no intuito de se esperar um único referencial para se falar tanto das digissexualidades de primeira onda (sites, chats, streamings, hologramas, etc.) quanto das digissexualidades de segunda onda, na representação dos robôs sexuais, pois, afinal qualquer ensaio teórico sobre as digissexualidades envolver o “digital” e as “ciências da sexualidade” e, para o aspecto teórico “digital” um amplo espectro de outras frentes teóricas se abarcam, por exemplo, virtualidade, tecnologia, ciência computacional, ciência robótica, inteligência artificial (IA), ciência, tecnologia e sociedade (CTS), ciência tecnologia, sociedade e meio ambiente (CTSA), ciência, tecnologia e inovação (CT&i), robótica (como área da IA), biotecnologia, medicina sexual, etc.

Um ponto de partida de referencial já existe, que permeia todas as áreas ou subáreas que se desprendam do “digital” ou da teoria digital na área da computação. Essa é a fonte para onde se poderá expandir tal alcance para os robôs sexuais e a linguagem artificial.

Quando os autores falam da ausência de um referencial teórico norteador, direto, objetivo, é preciso que seja colocado uma reflexão importante: há um esforço na literatura para um modelo referencial, isso é verdade quando se vê que a terminologia digissexual em McArthur; Twist (2017) não traz um construto teórico robusto, sólido, é muito mais convencional, terminológico. Mesmo as teorias que forma organizadas, como, tecnologia positiva, teoria do roteiro sexual, comunicação humano-máquina, erobótica, etc., são tentativas de construção de um corpus que, essa pesquisa, pela teorização, parece indicar um caminho mais totalizável que permita uma teoria inicial construída na realidade dos estudos já produzidos sobre digissexualidades.

Pode-se destacar que os principais textos que se esforçaram para a construção de um referencial teórico em digissexualidades ou eles demarcam a terminologia “digi + sexualidade” na obra de McArthur e Twist (2017) que é um texto que aponta, primeiro, para uma rápida definição e classificação das digissexualidades em primeira e segunda ondas e, em segundo lugar, para terapias em casos de famílias, casais que precisam de atendimento para lidar com suas digissexualidades fora do controle equilibrado emocional e particularmente sexual, ou seja, quando a vida digissexual desestrutura outras áreas da vida saudável (em sentido amplo) – o ETF (Estrutura Terapia Familiar). Outra vertente de construção teórica é a psicologia positiva que merece ser aprofundada e publicizada nos estudos digissexuais.

Todas essas referências precisam ser falseadas – linguagem popperiana – até no sentido e propósito de serem alcançados saturações de buscas em dados de fragmentos de textos ou pesquisas empíricas.

Definição: busca de ampliação de digissexualidade, a partir do que seja “digital”, ampliando para os princípios da linguagem computacional na robótica e na Inteligência artificial.

Conceito: ampliar o que seja digissexual, na pergunta: e os robôs, seriam também seres digissexuais, na medida em que se relacionam com os humanos? Digissexualidade, assim, ainda está incompleta, enquanto conceito, para as ciências da sexualidade e, talvez, também, para os estudos na área da CT&i, CTS e CTSA.

Categoria(s):

1. Digissexualidade positiva.
2. Saúde digissexual.

2.3.2 Memorando 2: Sobre os robôs sexuais

Uma boa parte dos achados textuais, sobre as digissexualidades, elencados na pesquisa apresentam o tema dos robôs sexuais. Embora, os robôs sejam um estágio posterior à primeira onda, na classificação dos criadores da terminologia “digissexualidades”, o tema dos robôs sexuais – segunda onda – é tratado de forma teórica, primeiramente, com alguns enfoques como: parceiros(as) sexuais, como protótipos de tratamento contra a pedofilia, robôs como substitutos das mulheres de programa, dentre outros. Depois, em segundo lugar, como realidade, na forma de casos românticos e até casamentos oficiais, bem como, hologramas famosos, como também, no âmbito de sua vivência real, mas não sexual, como é o caso de Sophia, a primeira robô social com cidadania árabe.

É curioso que a cinematografia é pouco explorada e pouco citada ao longo dos textos sobre os robôs sexuais.

Uma questão que esteve presente: os robôs mudariam a forma humana de encarar o amor e o sexo? Vamos pensar um exemplo.

De toda forma um dos grandes questionamentos envolvendo os robôs sexuais são os seus direitos, no sentido e nas formas mais completas possíveis, atingindo seu ápice na seguinte pergunta: os robôs sexuais também não seriam digissexuais ou teriam um novo corpus identitário que ainda não se vislumbrou na produção sobre os estudos das digissexualidade? Esse questionamento, é um dos possíveis, grandes desafios dos estudos digissexuais, enquanto teoria.

A questão da cultura dos robôs sexuais: bonecas e mangás orientais. A prática de elementos não humanos nas relações sexuais, datam, sobretudo, no oriente, ao século XVII. Avançando nesse aspecto cultural que muitas vezes pode se chocar com o religioso, os robôs sexuais esbarram em questões muito subjetivas e, por isso, qualquer posicionamento, positivo ou negativo, a favor ou contra deve levar em conta os principais públicos que tem buscado a opção digissexual

Vale apontar no aspecto cultural das digissexualidades que textos recolhidos para a GT que geraram as SCC vêm de todo mundo, desde os norte-americanos, passando pela Europa e Oceania e o idioma russo; em português e espanhol, poucos estudos publicados.

A seguir, possíveis construtos de definição, conceito e categoria ou categorias.

Definição

1. Robô sexual. 2. Relação/relacionamento digissexual.

Conceito

1. Sexualidade robótica. 2. Sexualidade humano-robótica. 3. Liberdade sexual robótica.

Categoria(s)

1. Fabricação, comercialização e acessibilidade financeira mundial para uso e posse de robôs sexuais.
2. O direito e jurisprudências sobre os robôs sexuais.

2.3.3 Memorando 3: Temas adicionais, ainda incipientes para os estudos das digissexualidades

Alguns temas adicionais pouco explorados precisam ser demarcados na primeira e na segunda ondas das digissexualidades, alguns desses temas, são válidos tanto para um quanto para outro.

Inicialmente, se pode colocar os seguintes temas: as interfaces das digissexualidades com a ciência da religião; hologramas; direitos civis dos robôs sexuais; saúde digissexual; psicologia dos robôs; entrevistas com robôs sexuais; pesquisas etnográficas sobre as vivências digissexuais de humanos e robôs; uso de robôs sexuais para tratamentos de pedófilos, homens violentos contra mulheres e crianças; acessibilidade econômica de robôs sexuais; etc.

Os temas adicionais necessitam não só de um referencial teórico que os sustente, como também, de práticas empíricas de pesquisa, em especial, pesquisas com robôs sexuais.

Definições, conceitos e categorias precisam emergir deste universo de temas a serem estudados e registrados, nos estudos das digissexualidades.

Definições: *cada tópico organizado no exemplo da expansão da UC 3, necessitaria de uma definição, unindo, não só as palavras, mas, as frases e as SCC primárias ligadas a cada uma.*

Conceito: *a ser construído/desenvolvido até um ponto de saturação, ainda não atingido e sob a continuação de construtos de definições para cada expansão das três UC elencadas na pesquisa GT. Esses conceitos, por sua vez, serem elevados à categorias.*

Categoria(s):

1. Digissexualidade e religiões.
2. Hologramas digissexuais.
3. Aplicabilidades das digissexualidades em casos de pedofilia e abuso/violência infantil.
4. Outros. (a ser construído).

2.4 Impossibilidades de uma saturação de dados e o prosseguimento do processo da pesquisa

Duas razões para a impossibilidade de prosseguimento da pesquisa de teorização: 1) referenciais reduzidos, dada a emergência do tema; 2) ausência de um ponto de saturação de dados; 3) os estudos se concentram entre os anos de 2018 a 2022, são muito próximos os temas e outros ficaram isolados, como se viu no Marco Teórico, por exemplo, quanto à religião ou os aspectos religiosos, tanto no cristianismo ocidental quanto no islamismo do oriente, por exemplo.

Para apoiar a decisão, acompanhamos Charmaz (2009) que afirma:

- Consegui reunir dados contextuais suficientes sobre as pessoas, os processos e os ambientes que me possibilitem a pronta recuperação desses contextos, bem como compreender e retratar a variação integral dos contextos de estudo?
- Consegui obter descrições detalhadas das opiniões e ações de uma variedade de participantes?
- Os dados revelam aquilo que existe sob a superfície?
- Os dados são suficientes para revelar as mudanças ao longo do tempo?
- Consegui obter opiniões múltiplas sobre a variedade das ações dos participantes?
- Consegui reunir dados que me permitam desenvolver categorias analíticas?
- Quais os tipos de comparações posso estabelecer entre os dados? Como essas comparações geram e comunicam as minhas ideias? (p. 37).

Só o primeiro item da citação acima, nos obriga a aguardar um ponto de saturação, seja no olhar para as três UC da pesquisa, seja, inicialmente, pelos fragmentos de textos e textos completos da construção das SCC primárias. De fato, não é possível ainda “ [...] reunir dados contextuais suficientes sobre as pessoas, os processos e os ambientes que me possibilitem a pronta recuperação desses contextos, bem como compreender e retratar a variação integral dos contextos de estudo (CHARMAZ, 2009, p.37, grifos meus)”.

Pessoas, processos e ambientes estão presentes nos dados, nas SCC e nas UC, bem como nos primeiros memorandos? Sim, mas, ainda insuficientes para uma “variação integral” do que se vem constituindo aqui de digissexualidades.

O que há, da lista de Charmaz (2009, p. 37), que nos permite chegar até nessa pesquisa, além da justificativa já comentada? Há, o que Charmaz (2009) chama de “[...] dados revelam aquilo que existe **sob a superfície** [...]”. (acréscimos meus).

Um segundo item da lista que nos permite, não só chegar até aqui, como prosseguir na busca de ponto ou pontos de saturação seria reunião de “[...] dados que me permitam desenvolver categorias analíticas [...] (CHARMAZ, 2009, p. 37).

Essas categorias são visíveis na última coluna do Quadro 1, quando são construídas as SCC primárias; em outro momento, as categorias analíticas estão nos títulos das UC e, depois nos Memorandos elaborados pelo pesquisador.

Logo, a teorização avança, mas ainda precisa avançar mais sobre alguns pontos de inflexão temáticos que exigem mais construções teórico-interpretativos das reflexões abertas pelas SCC primárias, como propriamente de pesquisas empíricas que ainda são muito incipientes e que precisam ser melhor divulgadas e desenvolvidas, incluindo, no futuro, as pesquisas com robôs sexuais.

Desta forma, a teorização está parcialmente concluída para essa pesquisa de pós-doc. Talvez, melhor dizer, que está iniciada, com primeiros memorandos de teorização. A continuidade se daria, com o avanço nas produções internacionais e nacionais que permitam serem organizadas novas UC, Memorandos, para serem formalizadas as Unidades Conceituais Provisórias (UCP) e novos outros Memorandos de Segunda Ordem, uma vez atingido o princípio da saturação de dados.

As futuras Unidades Conceituais Provisórias (UCP) e Memorandos de Segunda Ordem poderão estar ajustadas nas duas seguintes linhas gerais de continuação da teorização:

- UCP 1 - Um referencial teórico geral ou mais amplo para as digissexualidades só poderá ser construído na interface “sexualidade humana” x Inteligência Artificial (Robótica) e em pesquisas empíricas entre humanos(as) tecnossexuais e robôs sexuais.
- UCP 2 - Digissexualidades constituem-se em sexualidades vividas entre humanos e robôs sexuais.

Ainda essas duas UCP não esgotam o todo já alcançado nessa macro seção, já que, pela UC 3, um critério de expansão é indicado, como caminhos de aprofundamentos para a construção teórica das digissexualidades.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A teorização permitiu a identificação de alguns caminhos para o currículo em Educação Sexual seja no espaço escolar ou fora deste espaço, como museus, feiras de ciências, práticas laboratoriais de pesquisa e desenvolvimento de robôs ou sites digissexuais (ciência da robótica; Inteligência Artificial, etc.) e outros.

Na especificidade da Educação, uma indicação de caminhos educacionais em digissexualidades, a partir do estudo, ainda incompleto, ainda inicial, poderiam se dar, por exemplo:

- Livros Didáticos da educação básica, apresentarem, de alguma maneira a realidade das digissexualidades, naqueles espaços, ainda muito pequenos e raros, que se dedicam aos temas sexuais ou da sexualidade, desde os anos iniciais do ensino fundamental.
- Práticas de laboratório e projetos de ciências, nas escolas de ensino fundamental e ensino médio, em especial, na robótica e na comunicação computacional, em articulação ou não aos cursos universitários da área computacional, engenharias, enfim.
- Elaboração de material pedagógico em digissexualidades que nasçam das temáticas das tecnologias e seu uso.

Um enfoque que não pode ser deixado de lado é que as digissexualidades são um tipo ou tipologia de identidade sexual e, portanto, junto aos estudos da sexualidade humana e a Educação Sexual, precisa, de algum modo, ser inserido no currículo, como investigação, como pesquisa, como conhecimento do campo das tecnologias ou outras formas.

Talvez, seja mais curto o caminho das digissexualidades nos currículos dos espaços não formais. Imaginemos, por exemplo, nos museus da sexualidade, protótipos de robôs sexuais, hologramas demonstrando a realidade digissexual e o sucesso entre seu público usuário, no tocante à saúde sexual, à emancipação, à vida saudável e prazerosa que é Direito.

Mas, para estes dois universos, o escolar e o não escolar, as digissexualidades precisam ampliar seus enfoques de realidades e contextos e, por isso, a inflexão número um, é seu referencial teórico articulado à metodologias que demonstrem sua aplicabilidade que, num estágio último, utópico está na realidade robótico-sexual, seres autônomos, livres, que ainda não sabemos, pela literatura, e pela iniciação teorizada aqui, se tal “individualidade” será possível ser identificada e validada, tanto social, quanto juridicamente.

Finalmente, vale o apontamento: se na Europa e no oriente, as digissexualidades estão fase de transição, da primeira para a segunda onda, na definição de McArthur; Twist (2017), no Brasil, ainda

necessitamos investigar os usos da primeira onda (sites, chats, etc.) dos digissexuais e ampliar para as questões jurídicas desses usos; buscar se construir teorizações possíveis, para o conceito e a realidade sexual e depois transpor para o currículo. O nosso passo é cauteloso, lento, ao mesmo tempo, com muitas reservas, preconceitos e paradoxos, como por exemplo: “amamos” nossos carros, lavadoras automáticas, vassouras elétricas e, até, talvez, um empregado(a) robô, mas não admitimos “amar” um robô humano para vivência ou experiência sexual. Há, sem dúvida, um longo caminho de reflexão em nossa cultura abaixo da “linha do Equador”.

REFERÊNCIAS

- AOKI, B. Y.; KIMURA T. Sexuality and Affection in the Time of Technological Innovation: Artificial Partners in the Japanese Context. **Religions**, 12, no. 5: 296, 2021. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2077-1444/12/5/296#cite> Acesso em: 09 jun. 2022.
- BLOCK E, LOVEGROVE R. Discordant storytelling, ‘honest fakery’, identity peddling: How uncanny CGI characters are jamming public relations and influencer practices. *Public Relations Inquiry*. 2021;10(3):265-293. doi:[10.1177/2046147X211026936](https://doi.org/10.1177/2046147X211026936)
- CHARMAZ, Kathy. **A construção da teoria fundamentada**. Guia prático para análise qualitativa. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- DEHNERT, M⁵⁸. Sex with robots and human-machine sexualities: Encounters between human-machine communication and sexuality studies. **Human-Machine Communication**, 4, 131-150, 2022. <https://doi.org/10.30658/hmc.4.7>
- DÖRING, N. Sexuelle Aktivitäten im digitalen Kontext. **Psychotherapeut**, 64, 374–384, 2019. <https://doi.org/10.1007/s00278-019-00371-3>
- DÖRING, N.; MOHSENI, M.R.; WALTER, R. Design, Use, and Effects of Sex Dolls and Sex Robots: Scoping. **Review J Med Internet Res**, 2020 Jul 30;22(7): e18551. DOI: [10.2196/18551](https://doi.org/10.2196/18551).
- DÖRING, N.; POESCHL, S. Love and sex with robots: A content analysis of media representations. **International Journal of Social Robotics**, 11, 665–677, 2019. <https://doi.org/10.1007/s12369-019-00517-y>
- DUBÉ, S., ANCTIL, D. Foundations of Erotics. **International Journal of Social Robotics**, 13, 1205–1233 (2021). Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s12369-020-00706-0> Acesso em 18 jun. 2022.
- DUBÉ, S.; ANCTIL, D. Beyond sex robots: erotics explores erotic human-machine interactions. **The Conversation**, 2019. [https:// human-machine-interactions](https://human-machine-interactions.com). Acesso em 09 jun., 2022.
- EFFODUH, J. O. The Legitimization of Customized Sex Robots in the Age of COVID-19. **Intellectual Property Journal**; 33(2):161-181, 2021. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/global-literature-on-novel-coronavirus-2019-ncov/resource/pt/covidwho-1196252> Acesso em 17 jun. 2022.
- GERSEN, J. S. Sex lex machina: intimacy and artificial intelligence. **Columbia Law Review**, 119(7), 1793–1810, 2019. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/26810849> Acesso em 17 jun. 2022.
- GLASER, Barney G.; STRAUSS, Anselm Leonard. **The discovery of Grounded Theory – Strategies for qualitative research**. Chicago: Aldine, 1967.

⁵⁸ No acesso aos textos que em sua maioria estão na língua inglesa, para melhor localização, mesmo mantendo a estrutura da ABNT, manteve-se a identificação e a identificação pelo número do DOI (Digital Object Identifier).

GUPTA, A. Assessing the Legal Personality of Sexbots in the Light of Human Rights. **Kathmandu School of Law Review (KSLR)**, Volume 8, Issue 1, 2020, pp 90-98. Disponível em: <https://doi.org/10.46985/kslr.v8i1.2130> Acesso em: 10 jun. 2022.

HANCOCK, E. Should society accept sex robots?: Changing my perspective on sex robots through researching the future of intimacy". **Paladyn, Journal of Behavioral Robotics**, vol. 11, no. 1, 2020, pp. 428-442. Disponível em: <https://www.degruyter.com/journal/key/pjbr/11/1/html> Acesso 17 jun. 2022.

HAYASHI, K. Holograms and Idols: The Image of God and Artificial Transcendence in the Cultural Phenomenon of the Japanese Vocaloid Hatsune Miku. In: Edited by William H. U. Anderson. Vernon. **Technology and Theology**. Press, 2020, Pages 263-83.

LEE, M. **Speech acts redux: Beyond request-response interactions**. In: **CUI '20: Proceedings of the 2nd Conference on Conversational User Interfaces**. July 2020 Article N.º 13, Pages 1-10. <https://doi.org/10.1145/3405755.3406124>

MCARTHUR, N. ; TWIST, M. L. C. The rise of digisexuality: therapeutic challenges and possibilities, **Sexual and Relationship Therapy**, 2017. DOI: [10.1080/14681994.2017.1397950](https://doi.org/10.1080/14681994.2017.1397950)

MOSCATELLI, A.; NIMBI, F.M.; CIOTTI, S.; JANNINI, E.A. Haptic and Somesthetic Communication in Sexual Medicine. **Sex Med Ver**, 2021, Apr;9(2):267-279. DOI: [10.1016/j.sxmr.2020.02.003](https://doi.org/10.1016/j.sxmr.2020.02.003)

NURASIH, W. **Digiseksual dalam perspektif al-qur'na**. Kajian Kontekstual Ayat-Ayat Tentang Seksualitas. Tese de Skripsi, Iain. 2020.

OESCH, J. **Crossing Wires: Making Sense of Technology, Transhumanism, and Christian Identity**. Wipf & Stock Publishers, 2020.

OLIVEIRA, A. Subject (in) Trouble: Humans, Robots, and Legal Imagination. **Laws**. 2020; 9(2):10. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2075-471X/9/2/10> Acesso em 09 jun., 2022.

RYDELIUS, E. **Min artificiella kärlek: Om att leva tillsammans med en artificiell individ, och om hur relationen representeras i och av filmad media**. Linköping University, Department of Culture and Society, 2021. Disponível em: <http://liu.diva-portal.org/smash/record.jsf?pid=diva2%3A1573682&dswid=9550> Acesso em 17 jun., 2022.

SANTOS, G. C. ; BAIA, L. S. Digisexualidade e os aspectos discriminatórios. **Revista Inclusiones**, VOLUMEN 8 – NÚMERO 2 – ABRIL/JUNIO 2021. Disponível em: <http://revistainclusiones.com/carga/wp-content/uploads/2021/02/10-Santos-et-al-VOL-8-NUM-2-AbrilJunoo2021INCL-1.pdf> Acesso em: 10 jun. 2022.

SHAUGHNESSY, K.; BRAHAM, J. Where's the tech in sex research? A brief critique and call for research. **The Canadian Journal of Human Sexuality**, 30(2), 144–155, 2021. <https://doi.org/10.3138/cjhs.2021-0026>

SILVA, Claudionor Renato da. **Proposta teórico-interpretativa em sexualidade infantil: contribuição à educação sexual a partir da Grounded Theory**. 2015. 341f. Tese. Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar, Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Câmpus de Araraquara. Araraquara, SP, 2015.

SIMARD, D, Sexualité et nouvelles Technologies: une révolution anthropologique? In: **Colloque “Les nouvelles Technologies au service de l’intime”**. Société des Sexologues Universitaires de Belgique, Bruxelles, 03 de mars 2018.

TAROZZI, Massimiliano. **O que é a Grounded Theory?** Metodologia de pesquisa e de teoria fundamentada nos dados. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

TWIST, M. L. C.; McArthur, N. Introduction to special issue on digihealth and sexual health, **Sexual and Relationship Therapy**, 35:2, 131-136, 2020. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14681994.2020.1735176> Acesso 09 jun. 2022.

VANMAN, E.J.; KAPPAS, A. Danger, Will Robinson!” the challenges of social robots for intergroup relations. **Soc Personal Psychol Compass**, 13 (2019). DOI: [10.1111/spc3.12489](https://doi.org/10.1111/spc3.12489)

ZHYDKO, M.E. Peculiarities of digisexuality among modern ukrainian men. In: O. Ye. Blynova, Yu. O. Bystrova, I. M. Halian, O. M. Kikinezhdi, ... **Modern research of the representatives of psychological sciences : collective monograph** /— Lviv-Toruń : Liha-Pres, 2019. — 332 s. DOI <https://doi.org/10.36059/978-966-397-118-6/303-325>

4

ALGUMAS CONCLUSÕES FINAIS DA PESQUISA REALIZADA NO ESTÁGIO PÓS-DOCTORAL

Primeiramente, meus agradecimentos à Prof.^a Dr.^a Josiane, por aceitar difícil desafio de supervisionar um tema tão novo para os estudos da Educação Sexual, envolvendo gênero e sexualidade e “chegada” do tema das digissexualidades em nossa área comum de investigação.

Agradecer também ao colegiado do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul em aprovar o presente trabalho para execução nestes últimos doze meses.

Aproveito nesse momento para escrever uma subseção final atendendo o cronograma que previa uma “Escrita de um breve memorial sobre o contato pessoal com o tema da pesquisa e a transformação num projeto de estágio de pós-doutorado”. Na sequência apresento as conclusões do estudo, no espectro do que estava proposto/programado e o que realmente se efetivou, bem como, que caminhos ainda trilhar.

Breve memorial: o contato com os estudos digissexuais até o projeto, sua elaboração e execução

O meu contato com as digissexualidades, como temática de pesquisa se iniciaram quando da escrita do livro “Educação Sexual I”, quando elaboro uma definição de Educação Sexual Científica (ESC) que em três eixos, a saber, o eixo da gnosiologia, o eixo da CT&I e o eixo da Alfabetização Científica, exemplifica uma Educação Sexual para o currículo, formal e não formal, incluindo a sexualidade em termos tecnológicos e da inovação.

Ao encontrar o texto de McArthur; Twist (2017) percebi que a minha proposta colocada na obra em construção, entre 2018 a 2019, possui um potente tema, mas que esbarrava em meus conhecimentos na língua inglesa, de leitura aprofundada, sobretudo, pois mais de 90% dos títulos que encontrava para subsidiar o livro, estavam em inglês e quase, nenhuma produção, naquele momento, estava em língua portuguesa ou apresentava, de modo simples ou apenas uma citação, sobre a realidade das digissexualidades, termo classificatório e de definição, elaborados por McArthur; Twist (2017), em um artigo.

O livro continuou sendo escrito, mas as apenas três a quatro páginas, sobre as digissexualidades, no interior do segundo eixo, CT&i, eram muito incipientes e breves, exigindo aprofundamentos, nos volumes, ainda em construção, que ampliarão “Educação Sexual I”.

Ao surgir o Edital da UFMS, para o pós-doutorado voluntário, em plena pandemia, percebi a oportunidade para que nesse período eu continuasse investindo em minha formação universitária e de carreira. Elegi as digissexualidades como meu tema de pesquisa no estágio pós-doutoral, dando continuidade aos estudos do livro já referido e, imediatamente, contatando a Dr.^a Josiane Peres, para que aceitasse supervisionar o projeto elaborado.

Depois de uma reunião pelo *Meet*, e fechando as documentações, a pesquisa pôde ser realizada e o resultado está aqui apresentado. Das três páginas que citam a digissexualidade como um ente do eixo da CT&i que faz o link da epistemologia da ciência para a indústria da sexualidade, perpassando a pesquisa e desenvolvimento para mercados sexuais, aparecem aqui, nesse Relatório Técnico Final, pelo menos umas cem páginas, ainda não concluídas, ao contrário, com muitas outras vertentes de olhares e necessidades de pesquisas, em especial, a teorização, que não é possível ser continuada, pelas razões explicadas na macro seção 4.

A execução do projeto exigiu muitas leituras prévias, para construção do projeto, o que me permitiu o contato com a temática e, depois novas outras leituras que aparecem no Marco Teórico.

Esse contato que já não é mais inicial exige, agora, uma continuidade de pesquisa e de produção, sobretudo de formação de novos(as) pesquisadores(as) na graduação e na pós-graduação.

Agora: as “algumas” conclusões da pesquisa

Olhando para o cronograma de 12 (doze) é possível afirmar, ao final desse período:

- Um Relatório Parcial (atividades de setembro de 2021 a fevereiro de 2022) foi elaborado e entregue para a supervisora de estágio pós-doutoral e encaminhado ao PPGE UFMS;
- Organização e realização de um minicurso “Educação Sexual: epistemologias e CT&i nas digissexualidades (Partes I e II), com encaminhamento de comunicação oral para o Jopeqal 2022, em dezembro; emissão de certificados pela UFMS e UFJ, nos respectivos grupos de pesquisa do pesquisador e da supervisora.
- Um Parecer para o modelo das Quatro Perspectivas de estudos das digissexualidades, texto a ser publicado como capítulo de livro pela Editora Ara, com previsão para esse ano de 2022.
- Aplicação das metodologias do Marco Teórico (para a dimensão do currículo) e da *Grounded Theory* (para a dimensão da teorização) na construção da pesquisa.

- Participação de atividades no grupo de pesquisa da supervisora de pós-doc e avaliação de um artigo na Revista Perspectivas em Diálogo (ISSN 2358-1840), revista conduzida pela supervisora.

Permanecem em aberto ...

Aponto nesse final de percurso pós-doutoral, publicações dos seguintes capítulos de livros no prelo:

- “Digissexualidade como tema e problemática de pesquisa na educação sexual”, na Editora da UFMS, junto com a supervisora, Dr.^a Josiane Peres, no prelo, desde outubro de 2021.
- “Digissexualidades: perspectivas e contribuições para a educação sexual”, no prelo, desde fevereiro de 2022, resultante de uma comunicação oral, em dezembro de 2021.
- “Digissexualidades: definição, classificação e pesquisa na educação sexual, também no prelo, enviado em janeiro, de 2022, a ser publicado pelo GEPESEC, da UNEPS de Bauru, Faculdade de Ciências.

Expectativa da avaliação positiva de aceite do artigo enviado para a Revista Cadernos de Educação, Tecnologia e Sociedade, intitulado: “Falando sobre digissexualidades na Educação Sexual e seu ensino”.

Esperando, também, a aceitação da comunicação oral, enviada para o Jopeqal 2022, junto com a supervisora, intitulado: “Creio que seria mais fácil se relacionar com um robô”: desvendando as digissexualidades”.

Finalmente...

Só agradecimentos, reiterados para a minha supervisora, Dr.^a Josiane; para o PPGE-CPAN. Agradeço aos participantes do minicurso Digissexualidades.

Agradeço aos pouquíssimos colegas de trabalho e amigos que me parabenizaram pelo pós-doutorado e me incentivaram na difícil tarefa de realizar uma pesquisa de tão potente fôlego, conciliando o trabalho como professor na graduação e pós-graduação, além da função de coordenador do curso de Pedagogia UFJ, desde abril deste ano, período em que a pesquisa mais se intensificou.

Que o presente estudo consiga atrair novos(as) pesquisadores(as) para a temática. Há muito o que continuar a ler, escrever, pesquisar e publicar.

5 APÊNDICES

5.1 APÊNDICE A – Plano de Trabalho do Projeto de Pesquisa Pós-doutoral

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO DO SUL
CÂMPUS PANTANAL – CORUMBÁ (MS)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PPGE)**

**CURRÍCULO E TEORIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO SEXUAL A PARTIR DAS SEXUALIDADES EM CT&I:
cultura “digissexual” e seus produtos/mercados tecnológico-sexuais**

Plano de Trabalho de pós-doutorado voluntário, segundo Edital PROPP/PROGEP/UFMS n.º 431, de 25 de maio de 2021, a ser apresentado ao colegiado do PPGE/CPAN-UFMS, sob a supervisão da Prof.^a Dr.^a Josiane Peres Gonçalves.

Jataí, Goiás
2021

SUMÁRIO

I	Dados gerais	3
II	Atividades a serem desenvolvidas (resumo)	3
III	Cronograma resumido	3
IV	O Projeto de Pesquisa	4
1	Introdução e Justificativa	7
2	Problema	8
3	Objetivo	8
4	Metodologia	8
5	Cronograma	9
6	Resultados esperados	10
7	Algumas considerações finais	11
8	Referências iniciais e básicas do Projeto	12
V	Apêndices	14
	Apêndice A – Minicurso “Educação Sexual: epistemologias e CT&i nas digissexualidades (Partes I e II)”.	
	Apêndice B – Elementos do Relatório Final de Estágio Pós-doutoral (RFEPD).	

I DADOS GERAIS

NOME DO PÓS-DOCTORANDO: **Dr. Claudionor Renato da Silva**

LINHA DE PESQUISA: **Gênero e sexualidades, cultura, educação e saúde**

TÍTULO DO PROJETO DE PESQUISA: **CURRÍCULO E TEORIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO SEXUAL A PARTIR DAS SEXUALIDADES EM CT&I: cultura “digissexual” e seus produtos/mercados tecnológico-sexuais**

NOME DA SUPERVISORA: **Dr.^a Josiane Peres Gonçalves**

NÍVEL: **PÓS-DOCTORADO**

PERÍODO: **setembro de 2021 a agosto de 2022**

II ATIVIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS

7. Aplicação das metodologias do Marco Teórico (para a dimensão do currículo) e da *Grounded Theory* (para a dimensão da teorização) na construção da pesquisa, junto à escrita do Relatório Final, ao longo das atividades de pós-doutorado, incluindo o Relatório Parcial (item 3).
8. Participar de atividades sugeridas no planejamento pela supervisora Prof.^a Dr.^a Josiane Peres Gonçalves: orientação ou co-orientação de iniciação científica ou Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) na graduação (ensino, pesquisa e extensão); atividades na pós-graduação na UFMS (ensino, pesquisa); parceria em suas pesquisas e atividades de extensão na UFMS; avaliador na Revista Perspectivas em Diálogo (ISSN 2358-1840).
9. Organização e apresentação de Relatório Parcial na metade do cronograma de 12 meses.
10. Organização de um minicurso “Educação Sexual: epistemologias e CT&i nas digissexualidades (Partes I e II) – Apêndice A.
11. Participação em Eventos da UFMS e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMS, Câmpus Pantanal.
12. Encaminhamento de publicação de um Artigo para Periódicos Qualis A ou B1, resultante do Relatório Final de Estágio Pós-Doutoral (RFEPD) no primeiro semestre seguinte à finalização do cronograma deste Plano de Trabalho.

III CRONOGRAMA RESUMIDO

O cronograma de pesquisa pretende se desenvolver em 12 meses, sem afastamento, durante o ano de 2021 e 2022, conforme Edital PROPP/PROGEP/UFMS n.º 431, de 25 de maio de 2021, com a produção de um Relatório Final atrelado a um artigo para ser enviado para publicação em periódico com Qualis A ou B1, bem como, a oferta de um curso de curta duração sobre digissexualidades, com base em Silva (2020; 2021) – Apêndice A.

IV PROJETO DE PESQUISA PÓS-DOCTORAL

Apresentado a partir da página seguinte.

**Universidade Federal do Mato Grosso do Sul
Câmpus Pantanal – Corumbá (MS)
Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE)**

**CURRÍCULO E TEORIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO SEXUAL A PARTIR DAS SEXUALIDADES EM CT&I:
cultura “digissexual” e seus produtos/mercados tecnológico-sexuais**

Dr. Claudionor Renato da Silva
Candidato a pós-doutorando

Dr.a Josiane Peres Gonçalves
Supervisora

Jataí – GO
2021

5.2 APÊNDICE B – Projeto de Pesquisa Pós-doutoral

CURRÍCULO E TEORIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO SEXUAL A PARTIR DAS SEXUALIDADES EM CT&I: cultura “digissexual” e seus produtos/mercados tecnológico-sexuais

Resumo

O presente projeto de pesquisa pós-doutoral visa investigar a possibilidade de um currículo em Educação Sexual que aborde gênero e sexualidade a partir de uma perspectiva de CT&i no tocante aos produtos e mercados em sexualidade humana, com reflexões que emergem da epistemologia da ciência. A pergunta de pesquisa pode ser apresentada da seguinte maneira: o que a CT&i em sexualidade humana pode ou tem a apresentar aos estudos em Educação Sexual, no sentido de um currículo escolar e não escolar que discuta a diversidade (sexual) na proposta das digissexualidades? Objetiva-se, de modo geral, a investigação sobre a cultura “digissex” para o contexto brasileiro, nos temas gênero, sexualidade e cultura, a partir da metodologia qualitativa do Marco Teórico e a teorização sobre digissexualidades, com a Grounded Theory. Para um cronograma de 12 meses, o projeto pretende apresentar um Relatório Final de Pesquisa e o encaminhamento para publicação de um Artigo, em periódico nacional ou internacional (em espanhol) que amplie a reflexão sobre a possibilidade de currículos escolares e não escolares (movimentos sociais e partidos políticos) que tragam o debate sobre a cultura digissexual no contexto brasileiro, sob o aporte da CT&i, perpassando a epistemologia da ciência.

Palavras-chave: CT&i. Digissexualidades. Educação Sexual. Marco Teórico. Grounded Theory.

1 INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

Estudos em sexualidade humana têm ultrapassado as dimensões apenas biológicas, estendendo-se, também, às dimensões, por exemplo, robótico-sexuais, como as digissexualidades, por exemplo, abarcando estudos ao currículo que exigem uma reflexão dos estudos em Educação Sexual, nos debates envolvendo a CT&i (SILVA 2020, 2021).

Estes estudos já estão em desenvolvimento pelo proponente, após a conclusão de sua tese de doutoramento, em 2015, (SILVA, 2015), na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, UNESP, Câmpus Araraquara. Depois da publicação de “Grounded Theory” (SILVA, 2019) e da obra “Educação Sexual I” (SILVA, 2020) e alguns vários artigos, o proponente visa a construção do presente Plano de Trabalho como forma ampliação de divulgação científica da temática e também nas buscas de parcerias no debate, na investigação e na possível orientação de trabalhos junto à pós-graduação em que atua, a UFJ e também em parcerias, a partir de então, nesta supervisão, com o PPGE da UFMS, em Corumbá, com a Prof.^a Dr.^a Josiane Peres Gonçalves.

Pensando sobre as continuidades de publicações em artigos, capítulos de livros e livros tanto sobre a metodologia Grounded Theory como também sobre a temática da Educação Sexual, na obra “Educação Sexual I”, em que se desenvolve o debate sobre os produtos em sexualidade na CT&i atrelados à epistemologia da ciência (SILVA, 2020) as ideias centrais do projeto de pós-doutorado circulam em torno dos seguintes tópicos:

- Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&i) como cultura, cultura em sexualidade (digissexualidades – Danaher, McArthur, 2017) e produtos sexuais (tecnologias do prazer, segundo SILVA, 2020).
- A partir da epistemologia da ciência – alguns epistemólogos(as) – que deem base para os estudos sobre a sexualidade humana na perspectiva da CT&i. Na obra Silva (2020) realizo um exercício a partir de Michel Foucault. Pretendo no projeto junto à UFMS, abranger, a epistemologia de Piaget, de Susan Haack, os *Social Studies of Science* derivados Thomas Kuhn, além de Gaston Bachelard e Edgar Morin – conceito de tecnociência.
- Retornar para o currículo formal (educação básica) e não formal (movimentos sociais e partidos políticos) esse real “digessexual” como cultura (cultura da digissexualidade) a ser inserida no amplo debate da diversidade sexual e da CT&i no que tange aos prazeres e vivências sexuais, produtos e mercados em sexualidade humana.
- Aprimoramento das Metodologias: Marco Teórico (SAMPIERI; COLLADO; LÚCIO, 2006) e *Grounded Theory* (SILVA, 2019; SILVA, 2015; TAROZZI, 2011; CHARMAZ, 2009), na construção de uma teorização em “cultura digessexual e o currículo escolar formal e não-formal” para o contexto brasileiro.

2 PROBLEMA

A problemática dessa investigação que se pretende realizar, se propõe a investigar, teoricamente, as possibilidades de se pensar um currículo em Educação Sexual que seja construído no interior do debate das “sexualidades-produto-mercados” da CT&i, abarcadas na epistemologia da ciência, a partir de diversos epistemólogos(as) que nos permitam a reflexão sobre gênero, sexualidade e cultura, em sua multiplicidade temática, reflexiva, na inflexão do fenômeno dos produtos sexuais ou de sexualidade que integram o viver contemporâneo nas sociedades midiáticas e tecnocientíficas – conceito moriniano.

A pergunta de pesquisa pode ser apresentada da seguinte maneira: o que a CT&i em sexualidade humana pode ou tem a apresentar aos estudos em Educação Sexual, no sentido de um currículo escolar e não escolar que discuta a diversidade sexual (gênero e sexualidade) na proposta das digissexualidades?

3 OBJETIVO

Objetiva-se, no plano geral, trazer à reflexão do currículo formal e não formal em Educação Sexual, as bases epistemológicas da ciência que permitam estudar e analisar os fenômenos da sexualidade robótica (digessexual) e planejar esse currículo em sexualidade humana, na escola formal e fora dela, por exemplo, nos movimentos sociais ou partidos políticos que possuem a diversidade sexual como seu horizonte de luta e resistência no contexto brasileiro.

A impossibilidade de um construto de objetivos específicos neste Projeto reside no fato de que, na teorização pela Grounded Theory (CHARMAZ, 2009; SILVA, 2019), de lógica indutiva, tal objetivo é sempre amplo, dado que o *corpus* da teorização é a premissa de que tudo possa emergir dos dados, dos fenômenos sociais; no caso desta pesquisa doutoral, serão dados levantados no Marco Teórico, segundo SAMPIERI; COLLADO; LÚCIO (2006).

O amplo objetivo, portanto, ou objetivo geral, acompanhando a problemática, que também é ampla: um construto teórico, “enraizado” na realidade que permita um *corpus* teórico, interpretativo, sobre as sexualidades em CT&i, em diálogo com epistemologias desenvolvidas na área da Filosofia da Ciência.

4 METODOLOGIA

Para atender aos objetivos e à problemática o estudo se guiará pela metodologia do Marco Teórico: do levantamento de pesquisas, nacionais e internacionais, e dos referenciais em epistemologia da ciência; se construir o Marco Teórico (SAMPIERI; COLLADO; LÚCIO, 2006) que define a possibilidade de um currículo em Educação Sexual, formal e não-formal, que apresente a sexualidade humana nos espaços da CT&i e todos os debates éticos, políticos, econômicos dessa sexualidade “digissex” que possam ser transpostos ao currículo ou a programas de formação em sexualidade, na escola e fora dela.

Além da metodologia do Marco Teórico a pesquisa tem como enfoque a construção de uma teorização pela metodologia *Grounded Theory* (CHARMAZ, 2009; TAROZZI, 2011; SILVA, 2020): uma interpretação teórica a partir das produções do Marco Teórico, que tem como uma de suas bases a Revisão da Literatura, conforme, SAMPIERI; COLLADO; LÚCIO (2006).

Nessa teorização se desenvolverá uma interpretação teórica (Charmaz, 2009) sobre a sexualidade humana no contexto da CT&i, tendo como ponto de partida a epistemologia da ciência e seus diversos(as) autores(as), de modo, a ser possível um currículo em Educação Sexual que aponte para estas questões sociais, éticas, científicas, econômicas, etc.

A teorização proposta dá sequência ao texto da tese de doutoramento (SILVA, 2015), assim como, para a obra “Grounded Theory” (SILVA, 2019) e outros trabalhos em que o proponente vêm desenvolvendo aplicabilidades tanto da metodologia GT como também das temáticas em gênero e sexualidade, na área da Educação Sexual, incluindo orientações de trabalhos, na graduação e na pós-graduação, no PPPE/UFJ (Programa de Pós-Graduação em Educação/Universidade Federal de Jataí).

Vale a reiteração de que a lógica indutiva da Grounded Theory exige uma leitura diferente do modelo de lógica dedutiva de pesquisa, para Silva (2019):

Trata-se de uma pesquisa indutiva e, portanto, um novo olhar desconectado do dedutivo precisa ser lançado e organizado. Aceitar a complexidade do método e saber que determinada pesquisa só é GT se teorizações emergirem de dados dos fenômenos sociais. Se lançar ao trabalho com resistências e olhares de “dificuldade”, isto, desde antes de se conhecer e ler o texto (relatório de produto educativo ou de experiência, artigo, dissertação ou tese) só trará prejuízos ou então, no máximo, não trará contribuições ao trabalho, será apenas uma participação na sessão de apresentação de uma pesquisa sob o GT e uma recusa de trabalhos e projetos, sem uma leitura atenta e respeitosa na avaliação. (SILVA, 2019, p.157).

Desta forma, a Grounded Theory permite essa construção teórica que organiza uma proposta interpretativa original nos fatos da realidade e, portanto, com credibilidade; ressonância no aspecto de identificação dos sujeitos e utilidade dos resultados teóricos-interpretativos (TAROZZI, 2011) da realidade investigada.

5 CRONOGRAMA

O cronograma se apresenta, no quadro a seguir.

Quadro 1 – Cronograma do Plano de Trabalho pós-doutoral

2021	
Set.	Levantamento Bibliográfico para Marco Teórico (Sampieri, Collado e Lúcio, 2006).
Out.	Orientações. Levantamento Bibliográfico para Marco Teórico (Sampieri, Collado e Lúcio, 2006).
Nov.	Aplicações da teorização com base em Charmaz (2009), Tarozzi (2011) e Silva (2020).
Dez.	Aplicações da teorização com base em Charmaz (2009), Tarozzi (2011) e Silva (2020).
2022	
Jan.	Curso online: “Educação Sexual: epistemologias e CT&i nas digissexualidades (Partes I e II)”. Aplicações da teorização com base em Charmaz (2009), Tarozzi (2011) e Silva (2020).
Fev.	Aplicações da teorização com base em Charmaz (2009), Tarozzi (2011) e Silva (2020).
Mar.	Apresentação do Relatório Parcial.
Abr.	Aplicações da teorização com base em Charmaz (2009), Tarozzi (2011) e Silva (2020).
Mai.	Aplicações da teorização com base em Charmaz (2009), Tarozzi (2011) e Silva (2020).
Jun.	Curso online: “Educação Sexual: epistemologias e CT&i nas digissexualidades (Partes I e II)”. Aplicações da teorização com base em Charmaz (2009), Tarozzi (2011) e Silva (2020).
Jul.	Escritas finais do RFPD e orientações.
Ago.	Entrega do RFPD
	Próximos seis meses (jan./jul. de 2023) apresentação de encaminhamento de Artigo resultante do Relatório Final de Pós-doutorado (RFPD) em periódico nacional ou internacional (espanhol) Qualis A ou B1 junto com a Supervisora de pós-doutorado Dr.a Josiane Peres Gonçalves.

Fonte: elaborado pelo pesquisador pós-doutorando.

6 RESULTADOS ESPERADOS

Espera-se:

- Caracterizar as digissexualidades para o contexto brasileiro.
- Determinar as características para o currículo em Educação Sexual, nas vertentes da CT&i, com base na epistemologia da ciência.
- Aprimorar as práticas metodológicas do Marco Teórico, em Sampieri, Collado e Lúcio (2006) e, da Grounded Theory (Charmaz, 2009; Silva, 2020), respectivamente, para fins do currículo em Educação Sexual e da teorização sobre sexualidades na CT&i.
- Expandir os temas gênero, sexualidade, na Educação Sexual, para a realidade dos estudos em CT&i no que diz respeito às experiências múltiplas em sexualidade humana.
- Gerar conhecimentos básicos sobre as digissexualidades e para as digissexualidades, desenvolvendo aspectos de inovação em pesquisa e em educação (SILVA, 2020) relativas às sexualidades no campo da CT&i e temas correlatos como os da Agenda 2030 sob as palavras-chave: sustentabilidade, *empowerment* feminino, etc.
- Subsidiar novas pesquisas da Iniciação Científica ao doutorado na busca de implantações de currículos escolares e não escolares em Educação Sexual que se articulem às sexualidades em CT&i, com inflexões iniciais na epistemologia da ciência.

A possibilidade da construção de várias epistemologias da ciência para se refletir sobre os produtos sexuais na CT&i se apresentam também como fator de inovação em pesquisa no ensino superior (TEJADA, 2012) que merecem uma atenção especial na produção que se espera efetuar nessa pesquisa pós-doutoral. Tal inovação ou inovações estão,

[...] relacionadas à revisão do processo de ensino-aprendizagem [...] as mudanças de metodologia docente, de meios utilizados, de modelos de avaliação, de paradigma educativo (passar da formação centrada no docente à formação centrada no aluno), elaboração de títulos

a partir dos perfis profissionais e das competências profissionais a eles demandas (revisão dos objetivos de aprendizagem em termos de competência) e das consideradas necessárias a um egresso, etc. (TEJADA, 2012, p. 62-63).

O que Tejada propõe no seu texto é que a pesquisa inovadora é aquela que, acima de tudo, está se arriscando na mudança até de seus foco de investigação, ainda que estes enfoques sejam recentes, ao mesmo tempo, de pouca exploração e, sobretudo, que ainda não tenha chegado ao currículo formativo, seja de professores(as) ou de pesquisadores.

Diante disso, o projeto fica em aberto para conexões e ações às produções da supervisora de estágio pós-doutoral escolhida, Prof.^a Dr.^a Josiane Peres Gonçalves e às expectativas e proposições da Linha ao qual o projeto está se direcionando na forma desse Plano de Trabalho.

7 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do atual contexto pandêmico o que inclui a vacinação dos professores(as) em Goiás, adianto que há possibilidade de que as atividades de pós-doutorado possam acontecer presencialmente, sobretudo, pelo avanço das vacinas, até 2022, em todo o país.

Por enquanto, o objetivo é desenvolver esse plano no modelo remoto, pelo Google Meet ou outros recursos G-Suíte, tanto da UFMS como da UFJ (sob a extensão ufj.edu.br).

Por fim, para o desenvolvimento desse plano reduzirei minhas atividades de gestão universitária para dedicação à pesquisa e à execução deste Plano de Trabalho, mantendo as atividades de docência e orientação na graduação e na pós-graduação na UFJ, sem afastamento, o que muito me agrada o presente Edital e a oportunidade de produção na UFMS sob a supervisão da Prof.^a Dr.^a Josiane Peres Gonçalves.

8 REFERÊNCIAS INICIAIS E BÁSICAS DO PROJETO DE PESQUISA

- CHARMAZ, K. **A construção da teoria fundamentada**. Guia prático para análise qualitativa. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- DANAHER, J.; McARTHUR, N. (eds.). **Robot sex: social and ethical implications**, Cambridge, MA; London: The MIT Press, 2017.
- SAMPIERI, R.H.; COLLADO, C.H.; LÚCIO, P.B. **Metodologia de Pesquisa**. 3.ed. São Paulo: McGraw-HILL, 2006.
- SILVA, C.R. Teorização em Educação Sexual a partir da Grounded Theory. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v.14, n.esp. 2, jul., 2019. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/12609>
- SILVA, C. R. da. **Proposta teórico-interpretativa em sexualidade infantil**: contribuição à educação sexual a partir da Grounded Theory. 2015. 341f. Tese. Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar, Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Câmpus de Araraquara. Araraquara, SP, 2015.
- SILVA, C. R. **Grounded Theory**: a abordagem construtivista para pesquisas em educação sexual no Brasil. Uma proposta de formação de novos(as) pesquisadores(as). 2.^a ed. Goiânia, GO: Espaço Acadêmico, 2019.
- SILVA, C.R. **Educação Sexual I**: gnosiologia, CT&i, Alfabetização Científica. Goiânia, GO: Espaço Acadêmico, 2020.
- SILVA, C.R. Digissexualidades: perspectivas de investigação em CT&i na Educação Sexual. In: **VI Congresso de Educação Sexual** – O contexto nacional e o futuro da educação sexual: desafios e propostas, 22 a 25 de maio de 2021, Araraquara, SP.
- TAROZZI, M. **O que é a Grounded Theory? Metodologia de pesquisa e de teoria fundamentada nos dados**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- TEJADA, J. Inovação docente na universidade: alternativas na formação de professores. In: SUANNO, M.; RAJADELL, N. (orgs.). **Didática e formação de professores**: perspectivas e inovações. Goiânia: CEPED Publicações e PUC Goiás, 2012, p. 59-78.

APÊNDICE A DO PROJETO DE PESQUISA PÓS-DOCTORAL

APÊNDICE A - Proposta de Minicurso

Disciplina: Educação Sexual: epistemologias e CT&i nas digissexualidades (Partes I e II).

Carga Horária: 8 horas.

Professor Responsável: Dr. Claudionor Renato da Silva (Externo: UFJ)

Supervisão na UFMS: Dr.^a Josiane Peres Gonçalves

Público: estudantes de licenciatura e pós-graduação do CPAN e dos cursos de Pedagogia e Ciências Sociais do câmpus de Naviraí.

EMENTA

Estudos em Educação Sexual que nasçam em epistemologias (exemplo aplicativo em Michel Foucault.) e avancem em sexualidade nas reflexões sobre produtos ou tecnologias do sexo e da sexualidade por meio da CT&i e que retornem ao currículo da educação básica, formação de professores(as) e de educadores(as) sexuais.

PROGRAMA

- Tópico 1. Epistemologias para a Ciência da Sexualidade – Epistemologia foucaultiana como aplicação. (Parte I)
- Tópico 2 Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&i): tecnologias do prazer e do sexo: reflexões a partir da Educação Sexual e para a Educação Sexual, relações com sociedade, sexualidade, cultura, indústria do sexo e “digissexualidades”. (Parte II).

METODOLOGIA

Aulas expositivas e discutidas a partir dos tópicos e textos selecionados.

AValiação

Produção de Resumo Expandido (3 a 5 laudas, exceto Referências, formato ABNT) em um dos tópicos do Programa, discorrendo sobre a Educação Sexual e uma proposta de Iniciação Científica. Material para o trabalho do Pós-doutorado, com ciência aos participantes.

REFERÊNCIAS POR TÓPICOS E NA ORDEM DE DISCUSSÃO E APRESENTAÇÃO

Tópico 1

CASTAÑON, G. **Introdução à epistemologia**. São Paulo: EPU, 2007.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I**. Vontade de Saber. 13.^a ed. Rio de Janeiro, 1999.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade II**. Vontade de Saber. 13.^a ed. Rio de Janeiro, 1999.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. 8.^a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

PARKER, R.; AGGLETON, P. **Culture, society and sexuality: a reader**. 2nd ed. New York: Routledge, 2007.

Complementar/indicativo:

BACHELARD, G. **A Filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço**. (Os pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1978.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 8.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

Tópico 2

ECHEVERRIA, J. **Lá revolución tecnocientífica**. Madri: FCE, 2003. Disponível em: < <http://naturalezacienciaysociedad.org/wp-content/uploads/sites/3/2018/01/Echeverria-Revoluci%C3%B3nTecnocient%C3%ADfica.pdf> >. Acesso em: 25 set. 2020.

McARTHUR, J. **Guiltless Pleasures of the Lonely Human Being**. *The Moral and Legal Implications of Sex with Robots*. s/d. www.academia.edu/3711111/The_Moral_and_Legal_Implications_of_Sex_with_Robots >. Acesso em: 25 set. 2020.

COOPER, A. et al. Predicting the future of internet sex online sexual activities in sweden. **Sexual and Relationship Therapy**, v. 18, n.3, aug., 2003. Disponível em: < <https://experts.umn.edu/en/publications/predicting-the-future-of-internet-sex-online-sexual-activities-in-sweden> >. Acesso em: 25 set. 2020.

DARLING, K. Extending Legal Protection to Social robots. The Effects of Anthropomorphism, Empathy, and Violent Behavior Towards Robotic Objects, Robot Law. **We Robot Conference 2012**, [...], University of Miami, Miami, USA, 2012. Disponível em: < http://gunkelweb.com/coms647/texts/darling_robot_rights.pdf >. Acesso em: 25 set. 2020.

Complementar/indicativo:

ASIMOV, I. **Eu, robô**. São Paulo: Aleph, 2014.

DORING, N.; POESCHL, S. Love and Sex with Robots: A Content Analysis of Media Representations. **International Journal of Social Robotics**, Springer Nature .V.B., 2019. Disponível em: < <https://link.springer.com/article/10.1007/s12369-019-00517-y> >. Acesso em: 25 set. 2020.

SAID, M. **Sex robots: the ethics of intimacy**. Spring: Hebib University, 2018.

VILLAPLANA, A.C. La cultura tecnológica como base de las capacidades y el aprendizaje tecnológico. **Revista Humanidades**, Universidad de Costa Rica, v. 1, pp. 1-13, 2011. Disponível em: < <https://revistas.ucr.ac.cr/index.php/humanidades/article/view/3545> >. Acesso em: 25 set. 2020.

REFERÊNCIAS⁵⁹

- ASIMOV, I. **Eu, robô**. São Paulo: Aleph, 2014.
- BACHELARD, G. **A Filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço**. (Os pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- BERGER, P.L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. 20.^a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- BOZON, M. **Sociologia da sexualidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- CASTAÑON, G. **Introdução à epistemologia**. São Paulo: EPU, 2007.
- COOPER, A. et al. Predicting the future of internet sex online sexual activities in sweden. **Sexual and Relationship Therapy**, v. 18, n.3, aug., 2003. Disponível em: < <https://experts.umn.edu/en/publications/predicting-the-future-of-internet-sex-online-sexual-activities-in> >. Acesso em: 25 set. 2020.
- DARLING, K. Extending Legal Protection to Social robots. The Effects of Anthropomorphism, Empathy, and Violent Behavior Towards Robotic Objects, Robot Law. **We Robot Conference 2012**, [...], University of Miami, Miami, USA, 2012. Disponível em: < http://gunkelweb.com/coms647/texts/darling_robot_rights.pdf >. Acesso em: 25 set. 2020.
- DORING, N.; POESCHL, S. Love and Sex with Robots: A Content Analysis of Media Representations. **International Journal of Social Robotics**, Springer Nature .V.B., 2019. Disponível em: < <https://link.springer.com/article/10.1007/s12369-019-00517-y> >. Acesso em: 25 set. 2020.
- ECHEVERRIA, J. **Lá revolución tecnocientífica**. Madri: FCE, 2003. Disponível em: < <http://naturalezacienciaysociedad.org/wp-content/uploads/sites/3/2018/01/Echeverria-Revoluci%C3%B3nTecnocient%C3%ADfica.pdf> >. Acesso em: 25 set. 2020.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 8.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I**. Vontade de Saber. 13.^a ed. Rio de Janeiro, 1999.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade II**. Vontade de Saber. 13.^a ed. Rio de Janeiro, 1999.
- FREIRE, P.; SHO, I. **Medo e ousadia – o cotidiano do professor**. 11.^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 12.^a ed. (1.^a ed: 1974). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007b.
- FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação?** 12.^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- McARTHUR, J. **Guiltless Pleasures of the Lonely Human Being**. *The Moral and Legal Implications of Sex with Robots*. s/d. www.academia.edu > [The Moral and Legal Implications of Sex with](https://www.academia.edu/3781111/The_Moral_and_Legal_Implications_of_Sex_with_Robots) >. Acesso em: 25 set. 2020.
- MORIN, E. **Ciência com consciência**. 8.^a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- PARKER, R.; AGGLETON, P. **Culture, society and sexuality: a reader**. 2nd ed. New York: Routledge, 2007.
- PEREIRA, S.M.N. **O ato pedagógico como ato gnosiológico em Paulo Freire**. Ensinar como uma aventura criadora. 2010. 186p. Tese. (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal (RN), 2010.
- SAID, M. **Sex robots: the ethics of intimacy**. Spring: Hebib University, 2018.
- VILLAPLANA, A.C. La cultura tecnológica como base de las capacidades y el aprendizaje tecnológico. **Revista Humanidades**, Universidad de Costa Rica, v. 1, pp. 1-13, 2011. Disponível em: < <https://revistas.ucr.ac.cr/index.php/humanidades/article/view/3545> >. Acesso em: 25 set. 2020.

⁵⁹ Todo material disponível em pdf e no Google Sala de Aula (Classroom).

5.3 APÊNDICE C – Palavras-chave dos estudos digissexuais elencados na investigação

Alfabetização digital relacionada ao sexo de clientes e pacientes.

Antropo-obsceno

Artefatos relacionais

Autoficção do sujeito

Big data

Bonecos humanóides

Branding algorítmico.

Capitoloceno

Chatbots eróticos

Chtuluceno

Ciberespaço

Ciberssexual

Ciberssexual interativo

Ciência, tecnologia e inovação (ct&i)

Computação em nuvem

Cultura de conexão

Cultura digital

Culture jamming

Digessexos

Digissexual

Digissexualidade

Digissexualidades problemáticas

Dispositivos hápticos

Ecomaterialismo

Econtologia

Ecopatia

Ecosofia

Educação sexual radical

Elementos ecológicos das digissexualidades (eed)

Erobótica (eros + bots)

Estrutura de tecnologia da família (etf) (couple family technology (cft)

Etnografia digital
Háptica
Haptica sensorial
Haptica sensorial
Humanidades azuis
Humanidades verdes
Imersividade
Inteligência artificial
Interação erótica = erobotica
Máquinas eróticas benéficas
Modelos animatrônicos
Montagens sexotécnicas comunicativas (msc)
Neoludistas
Neurociências
Neurociências
Novas tecnologias sexuais radicais
Ontologa de comutação
Orientação erótica
Perspectiva das relações intergrupais (metodologia)
Pessoas tecnossexuais
Política da placenta
Pornografia digital tradicional
Referenciais culture jamming e branding algorítmico
Robô
Robô sexual ou robossexo
Roboamizade
Robofilosofia
Robofriendship
Robossexualidade
Robótica social
Sencientes; seres sencientes
Sextbots
Sexo em realidade virtual (srv)

Sexo virtual imersivo

Sociedade da informação e comunicação (sic)

Somatossensação

Tecnoanimalismo

Tecnologia de comunicação direta

Tecnologia de rede

Tecnologia digital

Tecnologia erótica

Tecnologia sexual

Tecnologia teledildônicas

Teledildônia

Terapia relacional

Trocas tecnológicas

Virtual

Visibilidade eletrônica (e-visibilidade)

5.4 APÊNDICE D – Vocabulário das digissexualidades

3DX CHAT: é um software desenvolvido pela SexGameDevil.com para uso adulto em jogos e relações interativas afetivas e sexuais numa forma de sexo virtual 3D.

Chat: (em português: conversação) é uma plataforma de bate-papo, envio de links de <https://>, imagens, áudios, enfim, uma plataforma digital de múltiplas funções que permitem o contato entre as pessoas.

Display estéreo ou display 3D: a definição técnica é a de um dispositivo de exibição capaz de transmitir a percepção de profundidade ao observador por meio de estereopsia (percepção de um observador sobre uma imagem em relação à distância e profundidade) para visão binocular.

Dominatrix: é um sinônimo para *FemDom*, como já comentado anteriormente, em outra Nota do Tradutor. Nessa prática sexual a mulher é a dominadora ("- Dom", de "domination"). Utiliza-se, assim, além de *dominatrix* o termo *domme*.

^E**estrutura de Tecnologia da Família (ETF):** em inglês, Estrutura CFT, sigla para "Couple and Family Technology" um programa de terapia para fins da saúde sexual mediada por tecnologias; útil quando a saúde sexual digissexual afeta já não é mais saudável para indivíduos ou casais.

FaceTime: é um software da Apple, lançado em 2010. Faz chamadas de vídeo e chamadas de áudio com alta resolução.

FemDomination: também denominado FemDom. Uma prática de fetiche sexual em que a mulher é a dominadora ("- Dom", de "domination") no ato sexual. A mulher assume a posição, portanto, como *dominatrix* ou *domme*.

OculusRift VR: um fone de ouvido que expressa uma Realidade Virtual Gratuita.

RPG: Role Playing Game, em português, Jogo de interpretação de papéis ou de personagens.

Second Life: é um ambiente virtual e tridimensional que simula a vida real e social do ser humano através da interação entre avatares; existe desde 1999, mas só foi lançado em 2003.

Sexbot(s): é o termo, em inglês, para "robôs sexuais". São bonecos sexuais robóticos na forma humana (ou até de animais); produzem movimento(s) ou apenas comportamentos humanos (ou de animais) com certo grau de inteligência artificial (IA).

Sexdoll: Uma boneca sexual, portanto, do sexo feminino, seja na forma de um corpo humano completo ou partes dele. Pode-se dizer que é um tipo específico de robô sexual (*sexbot*).

Skype: é o software que permite a conversa entre duas ou mais pessoas pela internet.

Snapchat: é também um aplicativo de mensagens com o recurso interessante de manutenção na rede de imagens e mensagens.

Streaming: É uma forma de distribuição digital, de distribuição de dados, pela internet, seja por áudio ou por vídeo. É essa tecnologia que permite serem popularizados filmes, documentários, etc., pela internet, em qualquer lugar que alguém possa estar.

Tecnologias "teledildônicas": são tecnologias voltadas para a criação de brinquedos eróticos, controlados pela internet ou por movimentos a distância, por exemplo.

Tinder: é um App (aplicativo) de relacionamento. Uma multiplataforma de localização de pessoas para serviços de relacionamentos *online*, cruzando informações do *Facebook* e do *Spotify*, localizando as pessoas geograficamente próximas; foi lançado em 2012.

VR: virtual reality ou realidade virtual.

5.5 APÊNDICE E – Seleção de Conceitos, definições, categorias e metodologias de pesquisa a serem aprofundados ou construídos/criados para os estudos teóricos das digissexualidades⁶⁰

- A evolução dos sexbots de modelos animatrônicos para seres sencientes – GUPTA (2020).
- A lista de verificação *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses extension for Scoping Reviews* (PRISMA-ScR). - (DÖRING; MOHSENI; WALTER, 2020).
- Alfabetização digital relacionada ao sexo de clientes e pacientes. (DÖRING, 2019).
- Autoficção do sujeito; e, em segundo lugar, pela antropomorfização da robótica de alta tecnologia – OLIVEIRA (2021).
- Comportamentos Sexuais Fora de Controle⁶¹ (OCSB).
- Conceito de indústria do sexo.
- Crossing Wires - Oesch, 2020).
- Curbing Realistic Exploitative Electronic Pedophilic Robots⁶² (CREEPER) Act - GUPTA, 2020).
- - Digissexualidades referente às ciências da religião. Mercer; Trothen (2021).
- Digisaúde ou *digihealth* (saúde digital); estar digitalmente saudável. Por Twist; McArthur (2020):
- Discursos tecnófilos.
- Elementos ecológicos (TWIST, 2017) – necessita de aprofundamentos
- Estímulos hápticos (MOSCATELLI et al, 2021).
- Etnografia digital - BLOCK; LOVEGROVE (2021).
- Experimentar comportamentos digitais fora de controle.
- HMI⁶³ (Human-Machine Interaction) de caráter transdisciplinar.
- Human-Machine Communication (HMC)⁶⁴.
- Identidade digissexual (MCARTHUR; TWIST, 2017 , 2019).
- Ludismo ou neoludismo.
- *Mangá* como expressão de digissexualidade.
- Máquinas eróticas benéficas. (DUBÉ; ANCTIL, 2021).
- Montagens Sexotécnicas Comunicativas (MSC). (DEHNERT, 2022).
- Perspectiva das Relações Intergrupais. - (VANMAN; KAPPAS, 2019).

⁶⁰ Uma base inicial para construção de verbetes das digissexualidades, começando por ele mesmo, o termo das digissexualidades.

⁶¹ A sigla em inglês é OCSB

⁶² Robôs Pedofílicos Eletrônicos Exploradores Realistas para Contenção.

⁶³ Interação Humano-Máquinas com a sigla IHM

⁶⁴ Em português, Comunicação Homem Máquina (CHM).

- Pessoas tecnossexuais.
- Programa Estrutura de Tecnologia da Família (ETF).
- Programa *Human-Erobot Interaction and Co-evolution Model* (HEICEM⁶⁵) como um modelo para pesquisas errobóticas.
- Psicologia e terapia para digissexuais – conceito criado pelo autor.
- Relacionamentos tecnossexuais (RIDEIUS, 2021).
- Teoria do digiattachment; digattachment, digisexuality (HERTLEIN; TWIST, 2018 A, 2018B; TWIST, 2019 A, 2019 b).
- Teoria do Roteiro Sexual (DÖRING; POESCHL, 2019).
- Terceira orientação sexual.
- Transhumanismo – (OESCH, 2020).

⁶⁵ Em português: Modelo de Interação e Co-Evolução Humano-Erobótico – MICEHUR.

Contato do Autor

Prof. Dr. Claudionor Renato Silva

Universidade Federal de Jataí – Goiás – Brasil

Docente do Curso de Pedagogia – Componente Curricular: Fundamentos e Metodologias em Ciências Naturais –
(FMCN I e II)

Faculdade de Educação (FE)

Docente e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE/FE/UFJ

Docente-pesquisador colaborador do Programa de Pós-Graduação Ambiente e Sociedade – PPGAS – Universidade
Estadual de Goiás, Quirinópolis

Líder do NuEPFES – Núcleo de Estudos, Pesquisas e Formação em Educação Sexual

<http://lattes.cnpq.br/7438095735800337>

<https://orcid.org/0000-0003-1693-4804>

<http://researchid.co/crsilva>

<https://scholar.google.com/citations?user=ShXUVRMAAAAJ&hl=pt-BR>

rlaudionor@ufj.edu.br

